

O SEGREDO DO CEMITÉRIO **SÃO JOÃO BATISTA**



HENRIQUE SANTOS



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

**O
Segredo
Do Cemitério
São João Batista**

Henrique Santos

Fortaleza - Ceará
2017



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

Camilo Sobreira de Santana
Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho
Vice-Governadora

Antonio Idilvan de Lima Alencar
Secretário da Educação

Márcia Oliveira Cavalcante Campos
Secretária Adjunta da Educação

Rita de Cássia Tavares Colares
Secretária Executiva da Educação

Danielle Taumaturgo
Assessoria Institucional

Julianna da Silva Sampaio
Assessoria de Comunicação - ASCOM

Rogers Vasconcelos Mendes
Coordenador da CODEA/Gestão Escolar

Iane Terceiro Nobre
Orientadora da Célula de Currículo e Formação

Elane Maria Feijó Borges
Orientadora da Célula de Desenvolvimento do Currículo e da Aprendizagem

Paulo Venício Braga de Paula
Centro de Documentação e Informações Educacionais

Coordenação

Centro de Documentação e Informações Educacionais/Cordenadoria de Desenvolvimento da Escola/ Gestão Pedagógica

Conselho Editorial

Prof. Adriano Silva Lima
Dr. Antônio Roberto Barreto Melo
Prof. Alexandre Leite
Profa. Cristina Márcia Maia de Oliveira
Prof. Cintia Kelly Barroso Oliveira
Prof. Daniel Vasconcelos Rocha
Profa. Ely Almeida
Profa. Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Prof. Felipe Fontenele Oliveira
Prof. Genivaldo Macário Castro
Profa. Gleissiane Ferreira
Profa. Hylo Leal Pereira
Prfa. Iane Terceiro Nobre
Prof. Ilde Guedes da Silva
Prof. Jenilson Sousa Nogueira
Prof. Jeimes Mazza
Prof. José Evangelista de Carvalho Moreira
Profa. Liduina Maria de Paula Medeiros
Prof. Marcus R. Vale
Prof. Rickardo Leo Ramos Gomes
Prof. Rosendo Amorim de Freitas
Prof. Pedro Jorge Caldas Magalhães
Profa. Paula de Carvalho Ferreira
Prof. Paulo Venício Braga de Paula
Profa. Sandra Ma Silva Leite Reis
Profa. Tereza Cristina de Freitas Oliveira
Profa. Antonia Varele Gama Silva

Edição

Centro de Documentação e Informações Educacionais/Gestão Pedagógica

Prof. Paulo Venício Braga de Paula

Revisão

Profa. Cristina Márcia Maia de Oliveira
Profa. Erika Nogueira Brandenburg
Prof. Jenilson Sousa Nogueira
Profa. Liduina Maria de Paula Medeiros
Profa. Paula de Carvalho Ferreira
Prof. Rosendo Amorim de Freitas

Este trabalho contou com o apoio da Seara da Ciência
Universidade Federal do Ceará/UFC



Projeto Gráfico
Gráfica Digital da SEDUC | ASCOM

Diagramação e Arte-Final
Gráfica Digital da SEDUC

Arte da Capa
Alain RM

Normalização Bibliográfica
Elizabete de Oliveira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C387s Ceará. Secretaria da Educação.
O segredo do cemitério São João Batista / Secretaria da
Educação; Luiz Henrique Cardoso dos Santos. - Fortaleza:
SEDUC, 2017
126 p.

ISBN: 978-85-8171-160-7

1. Literatura Brasileira. 2. Romance I. Santos, Luiz
Herinque Cardoso dos. II. Título.

CDD 869

www.seduc.ce.gov.br



www.facebook.com/EducacaoCeara

À minha Rosa e à minha Fortaleza

PUBLICAÇÃO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS E LITERÁRIAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO ESTADO DO CEARÁ

Existem múltiplas formas de valorização da Educação, uma delas consiste em valorizar o professor. O reconhecimento da atividade do magistério pode manifestar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pelo professor. Em 2008 foi criada uma ação governamental denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação contínua entre pares. O amadurecimento dessa ação, que aposta no protagonismo docente, gerou desdobramentos substanciais dentre os quais destaca-se a publicação de livros de professores da rede. Os trabalhos acadêmicos e literários selecionados para publicação passam por um processo público de submissão.

A iniciativa da Secretaria da Educação do estado do Ceará (Seduc), em publicar livros produzidos pelos professores da rede estadual de ensino está baseada na ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer, tendo como principais objetivos: a) Valorizar os professores por meio da publicação das suas produções acadêmicas e literárias; b) Estimular a produção científica e literária de professores; c) Promover uma rede de colaboração entre os professores ao tornar pública suas produções com seus pares.

As obras publicadas podem ser de natureza acadêmica (Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado) ou Literária (Romance; Poema; Cordel; Novela; Crônica ou Conto). São produções de professores(as) da rede pública estadual de ensino do Ceará, na condição de autor(es) ou coautor(es) da(s) obra(s). O Conselho Editorial, ao selecionar as produções acadêmicas considerou: clareza e precisão de conteúdo; relevância e atualidade do tema; originalidade; qualidade metodológica. Em relação às produções literárias, observou-se os seguintes aspectos: originalidade de conteúdo/ineditismo; repertório linguístico; fruição estética; coerência e consistência do texto; e, por último, potencial artístico. Os trabalhos publicados são originais, escritos em língua portuguesa em consonância com os Direitos Humanos.

Com essa iniciativa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará mais uma vez faz História. Ao publicar as produções de seus professores, a Seduc promove um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos podem se manifestar no fortalecimento do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem mais qualificado e comprometido.

Capítulo 01 - Fortaleza, Centro, 1995

Cemitério São João Batista, um dos mais belos e sinistros de todo o Brasil. O cortejo do último velório do dia, aos poucos, vai se desfazendo, depois do enterro da jovem mulher. Na frente do jazido, apenas o viúvo e o órfão choram a grande perda.

O menino franzino e de cabelos curtos chora sentado com as perdas recolhidas e braços cobrindo o próprio rosto. A noite já se inicia sem lua. A escuridão toma de conta de todo o cemitério. Depois de minutos de olhos fechados e de cabeça baixa, ele olha para onde estava o seu pai, e não o vê mais:

- Pai?

Levanta-se, olhando para os lados para ver se encontra a figura paterna. Chama-o novamente:

- Pai!

Não ouve resposta alguma. Começa a ficar com medo. Dá alguns passos sem se distanciar muito do jazido da mãe. Grita, dessa vez, com uma voz de choro:

- Pai!

Nada do pai aparecer. Por onde olha só vê lápides, jazidos e muitas cruzes:

- Pai! – Grita com uma voz desesperada.

Chora de medo. Não sabe o que está acontecendo. Só sabe que está sozinho. Teme se afastar do jazido da mãe:

- Pai!

Sua respiração fica mais ofegante com o passar do tempo. Escuta apavorado o som do vento e das corujas que sobrevoam o local. Volta-se para o jazido de sua mãe, chorando. Ajoelha-se e, colocando o rosto sobre a cerâmica, chora:

- Mãe!

Um grande sentimento de falta toma conta de seu coração:

- Mãe!

Junto a esse sentimento há apenas a sensação de abandono e o frio da cerâmica em seu rosto já vermelho de tanto chorar:

- Por que vocês me deixaram?

O medo, por alguns severos segundos, torna-se menor do que a sensação de abandono e tristeza:

- Eu não quero ficar sozinho. Eu não quero ficar sozinho...

Capítulo 02 - Fortaleza, Centro, 2005

Andando pelas calçadas do Centro de Fortaleza, no início da tarde, a procura de um sebo para comprar alguns livros, Felipe, um jovem de dezoito anos, aproveita para observar a riqueza arquitetônicas do lugar. Passa pelo Museu do Ceará, um palácio que já fora Assembleia Legislativa e até mesmo Academia de Letras. Depois passa pela Praça dos Leões. Admira-se com a beleza das esculturas dos grandes felinos, mesmo já as conhecendo. Depara-se logo em seguida com a Igreja do Rosário, a mais antiga igreja de Fortaleza. Construída em estilo barroco é um dos mais valiosos tesouros artísticos do coração da capital cearense. Ele tira foto de tudo o que vê e prossegue com sua caminhada. Para em alguns sebos da praça, mas não se interessa por nenhum livro. Está à procura de alguns livros que falem sobre o universo esotérico de Fortaleza.

O termo esotérico refere-se a todo o conhecimento considerado secreto ou restrito da maioria das pessoas, artes como a astrologia, hermetismo, tarô, magia ou alquimia, em forma geral, qualquer conhecimento de caráter espiritualista. Essa palavra pode ser usada como sinônimo de ocultismo ou até mesmo espiritualismo. Dentro do esoterismo, além dessas artes, estão as seitas e as sociedades secretas, ou escolas de mistérios que estudam esses assuntos de forma sistemática, teórica e prática.

Felipe começou a estudar esses assuntos há pouco mais de um ano, depois de conhecer uma cartomante que era sua vizinha. As conversas místicas com essa mulher fizeram com que ele resgatasse sua espiritualidade que há muito esquecera que tinha. Além disso, essas conversas despertaram nele uma curiosidade sobre as artes místicas. Desde então Felipe iniciou seus estudos sobre esses assuntos. Pesquisou sobre movimentos místicos, sociedades secretas, seitas e as mais variadas religiões, sentindo mais atração pelas artes ligadas à magia. Apesar do recente interesse por questões espirituais, durante a sua infância não ia muito à igreja, só ia com sua mãe quando o seu pai deixava os dois irem.

Sua mãe morreu quando ele tinha 8 anos. Foi a única pessoa que realmente o amou. Ele ainda lembra muito bem de como foi o velório dela. Era o fim de uma tarde nublada de inverno no Cemitério São João Batista no Centro de Fortaleza. O caixão de sua mãe já fechado, desce à cova enquanto os familiares e amigos de Marta, sua mãe, jogam flores. O padre diz as palavras; um amigo da família faz um breve discurso; e César, seu pai, permanece em silêncio sem pegar na mão do próprio filho. O menino chorando não sai de perto do pai. Aos poucos os amigos e parentes são se despedindo e indo embora, por fim ficam apenas os dois: pai e filho. A noite nesse momento já se apresenta sem lua. César, que até então ficara de pé ao

lado do filho, sai rumo à saída do cemitério. Felipe que estava sentado no chão com o rosto sobre os joelhos envolvidos nos braços não percebe que o seu pai já não está mais perto dele. Quando se dá de conta que está sozinho à noite no cemitério, fica desesperado. Não há iluminação no local e a noite insiste em ficar sem lua. Ele começa a tremer de medo, não consegue nem gritar. Levanta-se e circula ao redor do túmulo de sua mãe, esperando ver seu pai.

Minutos depois se dar de conta que fora esquecido por seu próprio pai no cemitério. Começa a chorar não apenas de medo, mas também de tristeza. Não encontra o caminho de saída e nem tem coragem de se distanciar de onde está. A noite começa a esfriar. Seus olhos já inchados de chorar procuram em vão alguém que possa ajudá-lo. Minutos depois, desiste de andar pelo cemitério e deita-se sobre o túmulo de sua mãe. Tenta rezar, mas não consegue devido ao nervosismo. Instantes depois, olhando para a foto de sua mãe na lápide, começa a dirigir sua voz a ela, pedindo a ela que peça a Deus que mande alguém para levá-lo para casa. Com o passar das horas, o sono começa a bater, é então que começa a dormir. Quando a noite dá lugar à madrugada, ele acorda com o som de um latido. Arregala os olhos assustado. Na sua frente passa um gato preto correndo atrás de um rato. Põe as mãos no rosto com medo. Quando as retira, vê logo à sua frente, imponente no topo de um pequeno obelisco, uma alva coruja agourenta encarando-o. Ela mexe com o pescoço olhando fixamente para o menino por alguns instantes. De repente solta um grito fúnebre e voa em direção às grandes árvores do cemitério.

O menino então perde o sono devido ao pavor. Tenta não mais abrir os olhos. É nesse momento que começa a ouvir um som vindo de longe. Som de passos. Suas mãos e pernas começam a tremer novamente. Revolve ficar imóvel com as mãos no rosto. O som dos passos fica cada vez mais forte. Sente que algo se aproxima. Consegue ouvir uma respiração ofegante cada vez mais perto. Quando o seu medo chega ao limite, dá um grito tão alto e desesperado que espanta as corujas e ratos que estavam ali por perto. É então que um velho vigilante do cemitério toca-o no ombro, tranquilizando-o e dizendo que o levará para casa.

Desde esse dia Felipe pegou pavor a cemitérios. Só de lembrar das lápides e túmulos já lhe fazia mudar de humor. A partir de então se tornou uma criança reclusa em casa. Não se comunicava mais com muita gente na escola e nem lidava bem com o seu pai, chegando ao ponto de, na adolescência, quase não falar mais com ele. Há um pouco mais de um ano, seu pai morreu devido a ferimentos causados por um acidente de carro. Felipe, por seu trauma de infância, não teve coragem de acompanhar o cortejo do velório do próprio pai. Perdendo seu último familiar, ele fica sozinho em casa, assumindo todas as responsabilidades.

Desde a adolescência ele já gostava muito de ler em casa, até porque não havia muito o que conversar com seu pai. Certo dia, foi convidado a trabalhar meio período em uma livraria em um famoso shopping da cidade enquanto ainda cursava o Ensino Médio. Mesmo trabalhando em um lugar desses, ele prefere comprar livros usados em sebos, pois “nos sebos às vezes encontramos raridades que não existem mais em livraria nenhuma”. Apesar de gostar de ler, suas artes favoritas são a arquitetura e a escultura. Agora com dezoito anos e já morando sozinho, trabalha oito horas por dia, seis dias por semana na livraria. Quando está livre, gosta de passear pela cidade, geralmente indo a alguma igreja, museu ou teatro. Para todo o lugar que visita, leva consigo sua câmera fotográfica que ganhara do seu melhor amigo.

Ele continua sua caminhada pelo Centro, indo na direção Oeste. Chega na Praça do Ferreira, a praça mais famosa da capital. Cercada por prédios históricos, muitos em estilo artístico da *belle époque*; outros em estilo neoclássico. Tira uma foto do relógio central da praça que fica rodeado por belas fontes ornamentais. Chega em frente ao Cine São Luís, o cinema mais belo de todo o Ceará, uma verdadeira obra de arte arquitetônica que traz consigo a história da capital cearense. Anda alguns passos até chegar em frente ao histórico e simbólico Edifício Excelsior, tradicionalmente utilizado nas festas de natal da Praça do Ferreira. Tira uma foto e continua sua caminhada, agora na direção Norte.

Chega na Praça da Estação, a antiga Estação Ferroviária Engenheiro João Felipe, construída em 1879. Ainda hoje sua antiga entrada é um prédio construído em estilo neoclássico que lembra um antigo tempo grego. Felipe tira uma foto e volta-se para a direção Sul, rumo à Avenida 24 de maio, uma das mais antigas da cidade.

Chega em frente a um pequeno ponto comercial que vende produtos para artes esotéricas como velas, imagens, incensos, aromatizantes, livros de cânticos e orações dentre outras coisas. Geralmente esse tipo de ambiente assusta as pessoas mais religiosas e supersticiosas, pois são comumente associados à magia negra. Felipe, porém, não tem medo desses lugares, adentra ao local, cumprimenta com a cabeça o velho homem que administra o ponto comercial. Observa o que tem em seu interior. Nota que além dos produtos místicos, o local presta alguns serviços esotéricos como leitura de mão, cartas e tarô, três artes místicas ligadas tradicionalmente à cultura cigana. Anima-se. Pensa na cartomante, sua vizinha. Pergunta ao dono do lugar o nome da cartomante que trabalha no local. O dono responde, mas não é o nome que ele procura. Fica desapontado e decide comprar um incenso para não sair sem levar nada. Ao sair, com uma cara de tristeza, tira uma foto da frente do local e continua sua caminhada.

Enfim chega em um sebo muito antigo de Fortaleza em que às vezes é possível encontrar algum livro raro sobre esoterismo a um bom preço. O lugar foi indicado pelo seu melhor amigo que disse que ele não se arrependeria de conhecer o local. Antes de entrar, tira uma foto da frente do pequeno ponto comercial de estilo arquitetônico francês. Ao adentrar no sebo sente o cheiro característico desse tipo de ambiente: cheiro de livro velho. Cumprimenta o dono do sebo, pega um banquinho e vai rumo à prateleira que guarda os melhores livros esotéricos, religiosos e espiritualistas da cidade. Maravilha-se com a quantidade de livros. Folheia muitos, dos mais diversos assuntos de meditação à astrologia. Mas ainda procura algum livro que foque no universo místico de Fortaleza. Não percebe o tempo passar. Está tão à vontade como se estivesse em casa. Senta-se no chão enquanto folheia alguns livros que colocara no banquinho em que estava sentado.

O dono do sebo liga a velha radiola que ainda funciona. Ajusta a estação que deseja ouvir. Felipe escuta o som e percebe que se trata do terço da misericórdia, então conclui que já passa um pouco das três horas da tarde. Volta o olhar para a prateleira à sua frente e vê um livro fininho que chama sua atenção. Pega-o. Olha o título: *Arte Tumular: desvendando os símbolos do Cemitério São João Batista*, do autor Juarez Cândido de Almeida. Quando ele nota que o livro trata de cemitérios, imediatamente recoloca-o no mesmo lugar no qual o achou. É nesse momento que um senhor de idade que estava conversando com o dono do sebo aproxima-se dele e diz:

- Você está deixando para trás um excelente livro, meu jovem.

Felipe, ainda sentado, levanta sua cabeça para olhar para o idoso e diz:

- Não curto muito cemitérios.

- Um jovem que se interessa por misticismo, e tem medo de cemitério? – Sorri o idoso.

Felipe olha com uma cara de poucos amigos para o senhor e diz:

- Por gentileza quem é o senhor mesmo?

- Meu nome é Sávio, sou um livre estudante desses assuntos – fala apontando para os livros esotéricos que Felipe separou.

O garoto, vendo que encontrara alguém com um gosto de leitura semelhante, desarma-se e diz em baixo tom:

- Seu Sávio, é uma longa história.

- Então....

- O quê?

- Não vai me contar o porquê tem medo de cemitério?
- Acho que não é algo tão incomum assim, não é?
- Mas, no seu caso, o que te motivou a ter medo desses lugares?
- O senhor quer mesmo me ouvir?
- É claro – fala se sentando em um banquinho ao lado do garoto.

Felipe hesita um pouco em falar, mas instantes depois, decide contar os seus motivos ao idoso, depois de notar que ele está realmente interessado em saber sobre o assunto. Com uma cara um pouco sem jeito ele começa a falar:

- Eu perdi a minha mãe quando eu tinha oito anos de idade.
- Sinto muito.

- Obrigado. No dia do velório dela, meu pai me esqueceu no Cemitério São João Batista.

- Meu Deus! Que absurdo!

- Pois foi.... Eu passei boa parte da noite sozinho no cemitério. Só não passei a noite toda lá por que um vigia do local apareceu e me levou para casa.

- Menos mal!

- Aquela foi a noite mais terrível da minha vida – confessa com um olhar perdido.

- Imagino, meu filho.

- É por isso que não curto muito cemitérios. O senhor me entende agora?

- Claro. Qualquer um ficaria com trauma depois de uma situação dessas.

- Pois é.

- Mas, por que seu pai fez isso?

- Ah! Isso também é uma longa história.... Mas não gostaria de falar sobre isso.

- Claro. Entendo.

Os dois ficam alguns segundos em, até que Sávio, mudando de assunto, pergunta:

- Então...

- Então o quê, meu senhor?

- Não vai levar o livro?

Felipe olha para o livro na estante e simultaneamente pensa em seu

medo de cemitérios. Vê em sua mente as lápides, tumbas, cruzeiros, corujas e gatos pretos. Sávio, vendo que o jovem ficara pensativo, fala enquanto pega o livro sobre arte tumular:

- Você é jovem demais para ter medos. Pegue! Tome de presente esse livro.

Sem entender o porquê o idoso está fazendo isso, Felipe pergunta:

- Por que o senhor está fazendo isso?

O idoso, entregando o livro ao garoto, diz:

- Quem sabe esse livro tenha o que nenhum desses outros aqui tenha. Quem sabe seja nesse livro que está o que você procura.

Felipe escuta tudo calado. Sávio então prossegue:

- Nem pense em recusar, mocinho.

- Tudo bem. Eu aceito. Obrigado, Seu Sávio – fala, segurando o livro e olhando para o idoso.

- Pode chamar só de Sávio, assim pareço mais novo – ri.

- Como o senhor queira – fala rindo.

- Então, o que você estava procurando?

- Algum livro sobre o esoterismo em Fortaleza.

- Ah! Muito interessante!

- O senhor sabe onde posso encontrar algum livro sobre isso?

- É... Não tem nenhum livro sobre isso nesse sebo. Sinto muito.

- Em que sebo eu posso encontrar?

- Não vende em sebo algum, nem em livraria.

- Então onde posso comprar algum livro sobre o lado místico de Fortaleza?

- Não se pode comprar – responde o idoso com um olhar penetrante.

- Então como posso conhecer esse assunto? Eu gostaria muito de descobrir o universo oculto da cidade.

- Não são apenas os livros que nos ensinam, meu jovem.

- Eu sei... – concorda sem jeito.

- Você realmente gostaria de conhecer o que está atrás das paredes de Fortaleza? Gostaria de conhecer, ou melhor, vivenciar o misticismo, a espiritualidade real?

- Sim, eu quero conhecer tudo o que está escondido das demais pessoas de Fortaleza – fala olhando fixamente para o idoso e diz em tom firme.

- Mas só os iniciados nos mistérios da Fortaleza têm acesso a esse conhecimento. Você diz que quer conhecer o que está escondido das demais pessoas, mas você já conhece o que está à vista de todos? Antes de buscarmos conhecimentos esotéricos, temos que conhecer o nosso meio exotérico.

O termo exoterismo é antagônico à palavra esoterismo, ou seja, refere-se aos conhecimentos difundidos abertamente para todos, uma vez que os conhecimentos esotéricos são restritos a poucas pessoas, geralmente iniciadas em algumas escolas de mistérios ou seitas, popularmente conhecidas como sociedades secretas.

- O senhor se refere ao patrimônio cultural de Fortaleza?

- Isso.

- Sim. Olha aqui – diz, pegando a câmera que estava em seu bolso e ligando-a.

- Você gosta de tirar fotos?

- Eu sempre tiro foto dos lugares que visito em Fortaleza. Eu sou apaixonado por essa cidade.

- Eu também sou – responde Sávio, olhando para a tela da câmera. Você não faz ideia.

- Olha aqui as fotos que tirei na semana passada.

- Hum... Praça da Sé. Muito boa essa da Catedral Metropolitana de Fortaleza.

- Obrigado.

- Ela foi construída no estilo arquitetônico gótico.

- Sim, dá para notar pelas torres e pela frente dela que lembra as catedrais góticas da Europa.

- Isso mesmo. Veja: que lindos os vitrais. Olha os anjos e apóstolos. Magníficos.

- São mesmo.

- Olha as colunas pontiagudas. Que símbolo fantástico!

- Parecem pequenos obeliscos, apontando para o céu.

- É grandiosa, não é?

- É. Também tem características românicas – acrescenta Felipe.

- Isso mesmo. E demorou cerca de 40 anos para ser concluída.

Felipe mostra outra imagem para Sávio:

- Olhe essa que tirei no mesmo dia.

Felipe mostra outra imagem. Sávio fica maravilhado com a foto:

- Ah! O obelisco Cristo Redentor.

- Foi inaugurado em 1922.

- Isso mesmo. Nem eu era nascido – diz rindo.

- Foi construído em comemoração aos cem anos da Proclamação da Independência.

- Perfeito – diz Sávio, espantado com o conhecimento do garoto sobre os monumentos de Fortaleza. – Não se vê muitos garotos de sua idade com essa paixão e conhecimento sobre Fortaleza.

- Verdade. Tirar fotos da cidade e pesquisar sobre o seu passado é meu passatempo favorito.

- Bom... Você me convenceu.

- De quê?

- Você realmente conhece o que está às vistas de todos, e melhor do que muita gente.

- Obrigado, Sávio. Então, vai me falar sobre a espiritualidade da cidade?

- Sim. Melhor, vou mostrar a você a Fortaleza que está oculta da maioria das pessoas.

- Obrigado! Isso inclui as instituições secretas e os movimentos místicos?

- Claro. Mas, antes, preciso fazer algumas perguntas importantes.

- Pode fazer.

- Você está disposto a estudar bastante e se esforçar para entender tudo o que for mostrado para você?

- Estou!

- Você está disposto a vencer todos os seus medos?

- Sim – responde confiante.

- Até os mais terríveis?

- Sim.

- Muito bem, garoto. Então, pegue seus livros, vá para casa e semana que vem me traga a resposta para a seguinte pergunta: quem sou eu?

- Quem sou eu? Só isso?

- Isso mesmo, meu jovem. Só isso.

Felipe paga os livros que comprou, despede-se de Sávio e do dono do

sebo que calado ouvira toda a conversa entre os dois. O garoto pega o ônibus e vai para casa pensando em tudo o que ouviu no sebo e na resposta para a pergunta que Sávio lhe fez. Algumas vezes olha para o livro sobre arte tumular, mas não o abre. Pensa novamente na pergunta. Logo chega à conclusão de que não será tão fácil assim respondê-la. “Ele está me testando”. Porém, mesmo sendo um desafio complicado, se compromete em fazer o possível para dar uma boa resposta, mesmo que não seja a ideal, quando voltar ao sebo no próximo sábado. “Preciso encontrar uma boa resposta para essa pergunta”.

Capítulo 03

Sábado de folga da livraria. A semana foi puxada. Muito trabalho na livraria. Felipe fez algumas horas-extras, chegou em casa às 11:00 da noite durante a semana, pois precisa de dinheiro para as contas de casa, já que mora sozinho e está juntando dinheiro para comprar uma moto em breve, dessa forma poderá se deslocar melhor do trabalho para casa.

Ele acorda às 08:00, arruma a cama, liga o rádio, toma um banho rápido, faz seu próprio café e toma-o com biscoitos que comprara durante a semana. Volta para o quarto, senta-se na cadeira de plástico e apoia os cotovelos na mesinha velha que usa como escrivaninha. Pega um dos livros que comprara semana passada e começa a ler. Os minutos se passam; e ele pega outro livro e logo depois mais outro, até que se passam algumas horas. Quando sua vista já está se cansando de tanto ler, deixa os livros, levanta-se e vai para a cama pensar na resposta para a pergunta que o deixou inquieto durante toda a semana “quem sou eu”:

- Vamos lá... Quem sou eu?

Vira-se de lado. Olha-se no espelho da parede do quarto e novamente se pergunta:

- Quem sou eu?

Lembra-se das cenas do velório de sua mãe. Fecha os olhos e se vê de frente para o caixão dela; e seu pai ao seu lado, e ao mesmo tempo tão distante.

- Quem sou eu?

Lembra-se da coruja encarando-o no cemitério, da sensação de pavor, do maior e único grito que deu na vida, da primeira vez em que se sentiu sozinho no mundo, quando fora deixado sozinho no cemitério. Por fim, lembra-se dos últimos instantes de vida de seu pai: muito debilitado devido a um acidente de carro, César mal consegue falar. Sente muita dor. Então no quarto entra Felipe. Seu pai até o momento estava de olhos fechados e com uma expressão facial de muita dor. É quando Felipe diz:

- Pai.

César abre os olhos e pela primeira vez em muitos anos olha para Felipe com um olhar paterno e diz:

- Felipe, meu filho, é você?

Ele se aproxima do pai e responde sem tocar nele:

- Sim, pai.

- Meu filho, me... – faz uma pausa.

Felipe infere que o seu pai está tentando lhe pedir desculpas. Sente algumas sensações como raiva e compaixão ao mesmo tempo. Fica confuso com a situação. Sente sobretudo um terrível medo de perder seu pai. Mesmo assim se mantém firme, sem ao menos tocar nele. Tenta falar de início, mas não consegue. Trava. Sua garganta parece que deu um nó. Percebendo que o seu pai está perto de partir, respira fundo e enfim consegue perguntar o que sempre quis:

- Por que, pai? Por que o senhor nunca gostou de mim? – Fala enquanto desce uma lágrima de seu olho.

Seu pai vendo que seu filho está chorando, fala gaguejando:

- Egoísmo meu. Foi tudo egoísmo meu. Burrice de seu pai.

- Como assim?

- Eu.... Eu há anos atrás, quando sua mãe era viva, eu desconfiei de que você não era meu filho. Isso é uma longa história.... Eu estava errado. Eu sei que você é meu filho.

- E por que não se aproximou de mim depois da morte da mãe? – Fala exaltando a voz e ainda chorando.

- Eu me fechei para tudo, assim como você também se fechou para mim.

Felipe engole a seco o que o seu pai disse por último, pois foi verdade que ele não quis mais proximidade com seu pai depois do episódio do cemitério. Limpando o rosto das lágrimas com as mãos, Felipe fala:

- O senhor me abandonou! O senhor me esqueceu!

- Meu filho... Meu filho... – Gagueja novamente.

- Fala de uma vez, pai! Por favor!

César ouve chorando o filho se impor, suspira algumas vezes e por fim diz:

- Me perdoa, Felipe. Perdoa seu pai! – Suplica estendendo a mão para o filho.

Felipe escuta chorando as palavras que pareciam rascar a garganta de seu pai. Então pega a mão dele. Coloca a outra mão sobre a mão dele e respira fundo. Esperou anos por esse momento, o momento em que abririam todo o jogo e que poderiam se entender pela primeira vez em suas vidas. Sente novamente um sentimento que há muito tempo não sentia por seu pai. Porém, quando tira os olhos da mão paterna, nota que ele está com os olhos fechados:

- Pai? Pai!

Olha para os lados procurando alguém, mas não vê ninguém no quarto. Pega seu pai pelos ombros, balança-o dizendo ainda chorando:

- Pai? Acorda, pai! Acorda.

Nesse momento chegam as enfermeiras e o médico. Assim que Felipe percebe que será retirado do leito, aproxima-se do ouvido de seu pai e diz:

- Eu te perdoo, pai. Eu te perdoo.

Dá um beijo na testa dele e é retirado do leito hospitalar.

Quando termina de se lembrar desses momentos, Felipe olha para o relógio:

- Já é hora do almoço? – Diz espantado.

Vai a um modesto restaurante que fica a poucas ruas de sua casa e compra uma marmitta e um suco. Sai pensando na resposta da pergunta de Sávio. Tanto na ida quanto na vinda, passa em frente da casa da cigana, como ficou conhecida pelos moradores a casa que fora alugada pela cartomante. As portas e a janela estão fechadas. Felipe entra em sua casa, logo almoça e descansa um pouco. Depois de tirar um rápido cochilo, vai tomar banho para ir ao Centro de Fortaleza. Ainda no chuveiro ensaia como irá responder à pergunta:

- Meu nome é Felipe. Tenho 18 anos. Trabalho em uma livraria. Sou órfão de pai e de mãe. Gosto de ler. Sou um cara quieto e de poucas palavras.

Pensa um pouco sobre o que acabou de dizer e fala:

- Será que é por aí a resposta? Sou um ser humano. Acredito que existe algo além desse mundo, além do homem. Tenho alguns traumas, alguns medos...

Fecha o chuveiro. Minutos depois, já pronto para sair, pega sua carteira, a sua câmera, um bloquinho de notas com uma caneta e vai pegar o ônibus que vai direto ao Centro. No caminho questiona-se sobre os porquês de estar interessado nesses assuntos. Não chega a uma resposta para essa e para a outra pergunta:

- Meu Deus, não consigo responder uma simples pergunta. De que adianta ler tanto se não consigo responder nem a uma pergunta como a que me foi feita?

Quando se dar de conta, o ônibus está parado na Praça do Santuário Coração de Jesus, sua parada final. Desce do ônibus, retira sua câmera e bate uma foto do imenso santuário, uma mega construção arquitetônica com quadros e esculturas de valores inestimáveis, com uma abóboda celeste interna que tirar o fôlego e uma grande torre com uma âncora no topo.

Passa pelo Parque da Liberdade ou como é também chamado Cidade

da Criança, um lindo parque arborizado com lago com belos peixes e grandes gansos. Um espaço para realização de apresentações culturais e passeios turísticos. Tira algumas fotos e vai rumo ao sebo em que Sávio o espera.

No caminho, passa pela Praça Murilo Borges conhecida como Praça do BNB, tira uma foto da fonte da praça que veio da Alemanha em 1930, e volta a caminha pela Avenida Floriano Peixoto até chegar à Avenida 24 de Maio.

Minutos depois chega ao sebo. Entra com uma cara de quem está com sede e com calor:

- Boa tarde!
- Boa tarde! – Responde o dono do sebo.
- O senhor tem água por aí?
- Tenho, meu filho. Espere aqui um minutinho.

Enquanto o idoso sai; e Felipe se senta numa cadeira de madeira ao lado do balcão. O idoso volta e lhe dá um copo com água. Enquanto Felipe bebe água, o dono do sebo puxa conversa com o garoto:

- Calor, né?
- E muito.
- A gente não se acostuma...
- Verdade – responde rindo.

Francisco, reconhecendo que Felipe era o mesmo garoto da semana passada, comenta:

- É difícil encontrar um jovem com interesse em questões, digamos, misteriosas sobre nossa cidade. Como vão as leituras?

- Vão bem. Hoje li muito.
- Gostou dos livros que encontrou aqui?
- Gostei. Muito assunto diferente, interessante.
- Que bom. Já faz muito tempo que lê sobre esoterismo?
- Não muito. Eu ainda não entendo muita coisa.
- E nem entenderá tudo. Felizmente, nunca aprenderemos tudo sobre tudo.
- Felizmente?
- Sim, por que se entendêssemos tudo não precisaríamos mais buscar nada.
- Tem razão.

- São as perguntas que nos movem, e não as respostas.

- Com certeza.

- Aposto que a pergunta que Sávio fez a você ficou martelando sua mente durante toda a semana.

- Sem dúvida. A pergunta, de início, até parecia fácil, mas quanto mais eu pensava nas respostas, mais eu tinha certeza que estava me perdendo.

- Sei como é.

- O senhor saberia responder?

- Eu...

Nesse momento, Sávio aparece no sebo, saudando a todos:

- Boa tarde, amigos!

- Boa tarde – respondem os dois.

Sávio, sentando-se na cadeira de madeira abanando a própria camisa devido ao calor. Passa as mãos nos cabelos, folha para Felipe e pergunta

- E então, meu filho, já sabe o que me responder à pergunta que eu fiz a você.

Felipe, respirando fundo, responde:

- Sim.

Capítulo 04

- Parece que você arranjou um bom aprendiz, não foi, Sávio? –
Pergunta Francisco, o dono do sebo.

O velho Sávio, olhando para o jovem Felipe responde:

- Vamos ver isso hoje.

- Eu vou passar no teste – responde Felipe colocando o copo vazio no
balcão de madeira velha.

- Posso começar a perguntar?

- Sim.

- Quem é você?

Felipe olha para Sávio e em seguida para Francisco, o dono do sebo. Nervoso
fica alguns segundos em silêncio antes de responder:

- A verdade é que ainda não sei quem eu sou.

Francisco olha para Sávio com uma cara de aprovação. Felipe procura
não encarar os dois e fica em silêncio esperando o resultado de sua resposta.
Sávio, porém, responde com uma nova pergunta:

- Então para que você usará os conhecimentos que você tanto
pretende ter?

Felipe pensa um pouco e responde olhando novamente para Sávio:

- Para conhecer a mim mesmo.

Outra vez Francisco faz uma cara de aprovação. Sávio, gostando das
respostas que ouviu, comenta:

- Não há respostas mais corretas para essas perguntas do que as que
você acabou de responder.

Felipe sorri, agradecendo:

- Obrigado.

Sávio e Francisco entreolham-se. Logo em seguida Sávio faz uma
nova pergunta:

- Mas você entende o porquê que fiz essas perguntas a você?

- Acho que na verdade não sei ao certo.

- Diga o que acha. Por que agora você ganhou a minha atenção
também – diz Francisco.

Felipe dá um sorriso discreto e responde:

- Foi para que eu soubesse o caminho que devo seguir? Para que eu tenha um objetivo claro? Para que eu tenha um norte?

- Ótimas respostas.

- Então, vou ser seu aprendiz? O senhor vai me falar tudo o que sabe sobre o universo esotérico de fortaleza, sobre os lugares e instituições secretas?

- Vai com calma, menino – diz Francisco rindo.

- Ele tem razão. Vá com calma.

- Conhecimento é poder e poder sem preparo é perigoso – diz Francisco.

- Entendo – responde Felipe envergonhado mexendo com a mão no bolso da calça.

Sávio vendo que há algo no bolso da calça do garoto, pergunta:

- O que você tem aí no bolso?

- A minha câmera fotográfica.

- Você gosta mesmo de tirar fotos, hein?

- Só de lugares.

- Que tipo de lugares? – Pergunta Francisco.

- Os pontos turísticos da cidade, as obras de arte, as praças e praias, esse tipo de lugar.

- Um bom passatempo.

- Já fotografou as igrejas do Centro?

- Quase todas.

- E o Cemitério São João Batista, quando vai fotografar? – Pergunta Sávio.

Felipe fica desconfortável com a pergunta, mas responde disfarçando:

- Não sei.

Francisco, ao ouvir o que Felipe disse, fala:

- Não sabe o que está perdendo. É um dos mais belos cemitérios do país.

- Já ouvi muita gente falar isso.

- Meu filho, você sabia que para alguém se conhecer por completo deve enfrentar todos os seus medos? – Pergunta Sávio.

- Eu sei... – diz Felipe sem ânimo para continuar a falar sobre cemitérios.

- Você já leu aquele livro que te dei sobre os símbolos do cemitério? –
Pergunta Sávio.

Felipe, já com uma expressão levemente emburrada, responde rispidamente:

- Eu não. Tenho um monte ainda para ler ainda. Em breve eu leio. Afinal de contas é melhor dar prioridade aos livros que tratam da vida espiritual, e não de lugares que remetem somente à morte e à tristeza.

Francisco e Sávio entreolham-se dessa vez sem expressão facial de aprovação. Felipe percebe que agiu errado e fora mal-educado com Sávio e diz:

- Desculpa.

Sávio suspira e, olhando para o garoto, pergunta:

- Você quer saber dos mistérios do mundo, quer ter acesso a segredos, quer se conhecer, mas mesmo assim se deixa tirar do sério com uma simples pergunta?

- Desculpa.

- Você entende por que eu fiz essas perguntas? O que eu pretendo com isso?

- Sim. Fazer com que eu vença os meus medos.

- Isso mesmo. Vencer os seus medos, e além disso, vencer seus instintos e seu egoísmo.

- Você acha que dá de conta disso, garoto? – Pergunta Francisco.

Felipe olha para o dono do sebo e responde:

- Sim. Eu vou dar o meu melhor para aprender o máximo que puder.

Francisco olha para Sávio e diz:

- Sem dúvida ele mostra interesse.

- Mas será que está pronto?

- Isto é o que veremos.

- Por que tanto suspense? – Pergunta Felipe.

Sávio, olhando para o garoto, responde:

- As coisas que poderão ser reveladas para ti mudarão a forma que você vê as coisas, os lugares e as pessoas.

- Você tem ciência disso, garoto? – Pergunta Francisco.

- Eu acredito que não me interessei sobre esses assuntos à toa. Se estou aqui disposto a aprender sobre essas coisas é porque há um porquê.

Os dois idosos se entreolham novamente. Felipe aguarda em silêncio Sávio falar:

- Pois bem. A partir de hoje tudo o que for dito a você deverá ficar apenas entre a gente. Uma das lições mais importantes entre os que estudam e praticam misticismo é aprender o valor do silêncio e como guardar segredos. Você acha que consegue?

- Eu consigo.

Nesse momento, um homem de uns trinta anos entra no sebo sem cumprimentar o dono do local, dirige-se diretamente a Sávio, dizendo:

- Venha cá. Preciso falar com o senhor agora!

Sávio tenta disfarçar que está desconfortável com a presença do homem que acabara de entrar. Levanta-se e diz:

- Com licença.

Ele e o homem vão para os fundos do sebo. Felipe pergunta preocupado:

- O que está acontecendo?

- Eu não sei – responde Francisco.

Felipe estica-se na cadeira e vê de longe o homem tocando com o indicador direito o peito do idoso como quem faz uma ameaça. Quando vê isso, levanta-se imediatamente para ver se o amigo precisa de ajuda, mas é impedido por Francisco que o segura pelo braço, fazendo um sinal negativo com a cabeça. Instantes depois o homem sai com uma expressão de ódio, sem dizer nada. Quando está saindo encara Felipe, que no mesmo momento desvia o olhar. Instantes depois, Sávio com uma cara abatida volta a se sentar onde estava. Felipe, muito preocupado, pergunta:

- Está tudo bem?

- Está sim.

- Posso ajudar o senhor com alguma coisa?

- Está tudo bem, meu filho. Não se preocupe.

- Tem certeza? Aquele homem ameaçou o senhor?

- Não há com o que se preocupar, Felipe.

- O senhor está mentindo para gente – diz Felipe.

Francisco ao ouvir o que o garoto disse, volta-se para Sávio esperando a reação do amigo que com uma voz cansada diz:

- Acho que está bom de instrução por hoje, não é, meu jovem?

- Mas...

- Hoje você deu bons progressos.

- O senhor...

- Eu ensinarei a você tudo o que sei sobre os mistérios de Fortaleza, mas por hoje é só.

- Seu Sávio, o senhor precisa de ajuda. Quer que eu chame a polícia para aquele homem?

Francisco em silêncio olha para o velho colega, esperando o que ele responderá ao jovem. Sávio, fechando os olhos e respirando fundo, triste confessa a Felipe:

- Não será necessário...

- Por quê?

- Por que aquele homem que você viu me ameaçando é meu filho, o meu único filho.

Capítulo 05

Mais um sábado de folga de Felipe. Acorda às 9:35. Durante toda a semana se preocupou com o Sávio, pois notara que o filho dele era violento com o próprio pai. Chegou a ligar para ele há dois dias:

- Alô?

- Sávio?

- Opa. Sou eu.

- Sou eu, o Felipe.

- Diga lá, meu filho.

- Está tudo bem com o senhor?

- Está sim. E você está bem?

- Estou sim. É que fiquei preocupado com o senhor.

- Não se preocupe. Meu filho sempre foi explosivo e temperamental, mas nunca me faria mal algum.

- Me desculpe me meter, mas por que ele estava falando daquele jeito com o senhor?

- Problemas de pai e filho. Você deve saber como é, não é?

- Sei sim.

- Você mora com algum familiar?

- Não. Sou só eu.

- Entendo.

- Mesmo assim eu sei como esse lance de briga de pai e filho.

- Pelo visto temos mais uma coisa em comum – diz Sávio rindo. – Mas mudando de assunto: como vão os estudos místicos?

- Vão bem.

- Ótimo!

- Estava dando uma lida sobre o poder da mente.

- Sim, claro. Até a física quântica começa a reconhecer que nós podemos influenciar o meio apenas por meio de nossa presença. Além disso, muitas de nossas doenças começam em nossa mente. Ela nos prega peças, ela nos faz sonhar, ver o que não existe. E para os parapsicólogos pode até projetar imagens no meio e até mesmo mover objetos.

- Nossa! Verdade?

- Sim. Alguns sentimentos são poderosos que podem mudar completamente a vida de uma pessoa. O desejo, a vontade, o medo, a gratidão, o amor são alguns exemplos de sentimentos de forças ilimitadas. Veja as grandes personalidades da humanidade, a maioria delas é movida pelo desejo de conseguir ou chegar a algum objetivo. O querer, meu jovem, é algo muito poderoso. O querer pode até fazer alguém adoecer ou se curar de algo.

- Isso parece até crendice popular.

- Pode parecer, mas já é sabido que pessoas negativas acabam ficando mais vulneráveis a doenças, assim como quem fica próximo a elas. Outro exemplo são as pessoas de bom-humor, aquelas que estão sempre alegres, elas acabam deixando a alegria e a leveza pelos ambientes em que passam e nas pessoas com quem entram em contato.

- Por quê?

- Energia.

- Energia?

- Sim. Tudo é energia.

- Como assim?

- Somos o que emitimos. Se você é uma pessoa sempre “pra baixo” provavelmente vai afastar as pessoas ao redor como também atrairá situações ruins para si, mas se você for uma pessoa leve e alegre, atrairá pessoas e situações boas.

- Acho que estou entendendo. Somos como um ímã, isso?

- Exatamente. Basta reparar: tem pessoas que dizem que nunca serão felizes, ora, se você não deseja, não luta para ser feliz, e fica apenas se queixando de seu estado atual, provavelmente será infeliz por toda a vida.

- Ah!

- Somos o que pensamos. Devemos ter ciência e certeza do que queremos para nossas vidas. Devemos ser prudentes em nossos pensamentos e em nossas ações e o mais importante, nunca guardar o que nos faz mal.

- Como assim?

- Ódio, medo, desejo de vingança, essas coisas.

- Por que guardando esses sentimentos só iremos atrair mais desses sentimentos.

- Exatamente. Você entendeu direitinho a lição.

- Seu Sávio, o senhor deve ter estudando muito essas coisas, né?

- Li muito, mas principalmente vivenciei.
- Como?
- Praticando o que os livros e as pessoas me ensinaram.
- Sei.
- Se todos nós praticássemos o que aprendemos na escola e na igreja esse mundo seria outro. Já imaginou?
- Verdade.
- É uma pena que não fazemos isso.
- Uma grande pena mesmo - diz, fazendo uma breve pausa - Seu Sávio, posso fazer só mais uma pergunta para o senhor?
- Pode sim. Fale.
- Por que seu filho não é como o senhor?
- Eu não sei, meu jovem. Eu o criei tão bem. Ele foi bem-educado em casa, estudou em uma escola muito boa aqui do Centro e foi muito amado por mim e pela mãe dele, que Deus a tenha. Mesmo assim, ele faz coisas que me entristecem. Mas isso, meu jovem, é apenas o uso desmedido e impensado do livre arbítrio dele que, por sua vez, gerará um carma, pois toda ação, nesse universo de Deus, provoca uma reação.
- Como na física? – Pergunta Felipe, para tirar o foco da conversa do filho de Sávio para evitar ser muito indiscreto.
- Exatamente.
- Interessante.
- Sabe de uma coisa?
- O quê?
- Muita coisa que antes era considerada magia, hoje é ciência.
- Como o quê?
- Ora, vamos a exemplos simples: o poder curador das plantas.
- Verdade.
- Ou os benefícios da meditação. O poder da oração.
- Tudo isso já é comprovado cientificamente?
- Sim.
- Fantástico. Mas não vejo muitas pessoas falando sobre esses assuntos.
- Infelizmente vivemos num mundo tão materialista que as pessoas esquecem de alimentar o cérebro, imagine o espírito. É uma tristeza ver tanta

gente não apreciar a natureza, as artes, a cultura, a educação, o conhecimento.

- Verdade.

- Mas eu vou dizer uma coisa para você: tanto a sabedora quanto a ignorância trazem consigo suas consequências. Como você mesmo relacionou, como na física: para cada ação há uma reação. E isso é uma lei universal que ninguém pode escapar.

Capítulo 06

Sexta, 23:12. Felipe chega em casa exausto. Trabalhou das 10:00h às 22:00h na livraria. Tira a roupa e vai tomar banho. Depois que sai do banheiro, vai para a cozinha comer uma pera. Em seguida vai para o seu quarto. Deita-se na cama, olha para os livros que comprou no sebo de seu Francisco. É então que vê o livro sobre os símbolos tumulares.

Levanta-se da cama para pegá-lo, mas desiste:

- Depois eu leio.

Pega sua câmera fotográfica e olha as fotos que tirou nos dois últimos sábados. Quando chega na foto do sedo do seu Francisco, pensa em Sávio e no modo que ele foi tratado pelo próprio filho. Lembra-se de seu pai falecido. Recorda-se do momento do velório em que ele não entrou para acompanhar o cortejo para o enterro. O seu melhor amigo que estava no cortejo, percebendo que ele não havia entrado no cemitério, vai até ele e pergunta:

- Você não vem, Felipe?

- Eu não...

- Cara, é o cortejo do velório do teu pai!

- Eu sei...

- Sei que você tem medo desse tipo de lugar, mas acho que seja importante você acompanhar o enterro.

- Não dá.

- Por quê?

- É mais forte do que eu.

- Eu entro contigo. Vamos! – Fala pegando o amigo pelo braço.

- Se fosse outro cemitério até que eu poderia entrar, mas logo o mesmo de antes.

- Venha!

- Meu amigo, não dá. Eu não consigo – fala chorando e segurando no umbral do portão de entrada do cemitério.

O amigo, percebendo que não conseguiria convencê-lo a seguir com o cortejo, decide ficar sentado com ele na calçada da entrada. Os dois ficam alguns instantes em silêncio, até que Felipe fala:

- Não deu nem tempo de ele ouvir o meu perdão, cara.

- Ele sabia que você tinha o perdoado.

- Como?
- Você pegou na mão de seu pai nos últimos instantes dele, depois dele te pedir perdão pelos erros que cometeu contigo.
- Você acha isso mesmo?
- Claro. Seu pai morreu em paz. Ele resolveu os conflitos que tinha contigo, Felipe.
- Queria muito ter me despedido dele, sabe?
- Entendo. Mas de certa forma você se despediu.
- Sabe o que eu acho?
- O quê?
- Você deveria resolver de vez seus problemas.
- O meu medo?
- Acho que o medo não é o único problema, cara.
- Como assim?
- O medo é apenas um complemento de outros problemas que você sabe que passou naquele dia.
- Como você acha que posso resolver esses problemas?
- São problemas íntimos. Eu acho que só você pode encontrar a solução para isso. O que eu posso fazer é ajudá-lo. Você sabe que pode contar com minha amizade.
- Eu sei.
- Então reflita sobre quais são os seus problemas e como resolvê-los.

Quando acaba de lembrar dessa frase, ainda olhando para a fotografia do sebo, vem sua mente a sua conversa com Sávio que foi muito parecida com a que ele tivera com seu amigo no dia do enterro de seu pai. Ele pega o livro sobre os símbolos tumulares, guarda a câmera e vai para a cama. Deita-se de bruços, apoiando-se com os cotovelos e preparando-se para ler o livro. Fecha os olhos, respira fundo e diz a si mesmo:

- É só um livro. É só um livro.

Vem em sua mente as imagens do Cemitério São João Batista na noite em que fora esquecido lá. Tenta fazer com que as imagens saiam de sua mente, mas não consegue. Abre os olhos:

- É só um livro. É só um livro.

Lembra-se da frase de Sávio “um jovem que se interessa por ocultismo, e tem medo de cemitério?”. Diz baixinho na cama:

- Realmente, que coisa bizarra.

Encara a capa do livro onde há um anjo pensativo, um obelisco, um pássaro e uma torre quebrada. Sente um calafrio. “Deixa de besteira, macho”. Decide enfim abrir o livro. É então que o seu celular toca e ele toma um susto.

- Meu Deus! – Diz já pegando o celular para atender.

- Alô! É você, Felipe? – Pergunta uma voz nervosa do outro lado da linha.

- Quem gostaria?

- Sou eu, o Francisco do sebo.

- Está tudo bem?

- Eu temo que não.

- O que aconteceu, seu Francisco?

- Eu não sei.

- Explique direito.

- Sávio não apareceu mais desde ontem.

- Mas isso é motivo para o senhor se preocupar dessa forma?

- Sim, por que ele costuma vir aqui todas as tardes.

- O senhor ligou para ele?

- Sim, mas o telefone só dá desligado.

- O senhor sabe onde mora. Eu vou lá.

- Eu sei onde ele mora. Eu acabei de vir de lá.

- E aí?

- Não tinha ninguém lá.

- O senhor chamou a polícia?

- Chamei. Mas me falaram que é preciso um pouco mais de tempo para considerá-lo como desaparecido.

Felipe fica um pouco pensativo. Lembra-se da forma que Sávio foi tratado por seu próprio filho. Tem um mal pressentimento e diz:

- O senhor acha que o filho dele fez alguma besteira?

- É disso que eu tenho medo.

- Anteontem o filho dele apareceu aí também?

- Apareceu e chamou Sávio para conversar reservadamente.

- Seu Francisco, não é querendo ser intrometido, mas o senhor sabe o que está acontecendo entre os dois?

- É...

- O senhor sabe, né?

- Sei.

- Do que se trata?

- De um segredo da família dele.

- Que tipo de segredo?

- Eu não sei ao certo.

Felipe acha que Francisco está escondendo alguma coisa dele. Fica alguns instantes em silêncio, mas logo fala:

- O senhor sabe que Sávio confia em mim, apesar do pouco tempo que nos conhecemos. Eu estou realmente preocupado com ele. E é claro que o senhor também está, por isso que me ligou.

- Eu sei que ele confia em ti.

- Mas só posso ajudá-lo se o senhor me disser o que está acontecendo de verdade.

Francisco silencia alguns instantes, e fala:

- Olha, eu realmente não sei os detalhes do assunto. Só sei o pouco que Sávio me contou depois que o filho dele foi embora do sebo anteontem.

- Pois me conte.

Outro instante de silêncio. Sávio então começa a contar.

- Era comum aqui em Fortaleza, no início do século passado, as famílias nobres guardarem seus valiosos pertences consigo mesmas, guardando-as muitas vezes em lugares exótico ou até mesmo enterrando tudo no próprio quintal.

- Minha mãe contava que a mãe dela falava sobre esse antigo costume.

- Então... A família de Sávio era uma família com muitas posses.

- Trabalhavam com o quê?

- Joias.

- Joias? – Surpreende-se Felipe.

- Sim. Eles tinham uma das mais antigas joalherias do Centro de Fortaleza.

- Continue.

- Acho que o filho dele estava o ameaçando a contar onde estavam as joias da família.

- Mas por que ele faria isso?

- Sávio me contou que o filho dele é viciado em apostas.
- Meu Deus! Sávio realmente pode está em perigo.
- Eu acho que a família de Sávio tem uma grande quantidade de joias escondidas, e o filho dele quer elas a todo o custo.
- Mas isso é muito sério!
- Eu sei.
- O senhor contou isso para a polícia?
- Eu não.
- Mas, seu Francisco, por quê?
- Sávio não gostaria que eu prestasse uma queixa conta o filho dele. Você mesmo viu o quanto ele gosta do filho, apenar dos pesares.
- Pior que é verdade.
- É uma situação muito delicada.
- O senhor acha que o filho dele contou para alguém essa história de joias da família?
- Tudo é possível. Aquele homem não tem mais controle de si mesmo.
- É. Eu vi o olhar dele.
- Infelizmente, ele deixou o vício tomar de conta de sua vida.
- E ainda tira o sossego do próprio pai.
- Sávio deve ter muita pena de ver o filho numa situação assim.
- Ele é uma boa pessoa. Não sei como o filho não seguiu o mesmo caminho.
- Cada família com seus problemas.
- Os dois dão uma pausa na conversa até que Felipe pergunta:
- O senhor acha que Sávio sabe onde estão essas joias?
- Pela tradição deveriam estar enterradas no quintal, mas...
- Mas o quê?
- Mas a casa dele não tem quintal.
- Então onde mais se poderia enterrar as joias da família?
- Com a família.
- Com a família?
- Sim. Isso mesmo que você ouviu.

- Como assim, Seu Francisco?
- No cemitério. As joias podem estar guardadas com os familiares dele no cemitério.

Capítulo 07

Felipe, ao ouvir o que Francisco disse, comenta:

- O senhor está brincando, né? As joias estão em um cemitério?

- Não estou. A tradição de enterrar as riquezas da família aqui no Ceará é coisa antiga. Eu mesmo tenho livros sobre isso aqui no sebo. Isso é uma tradição que remonta às origens do Ceará.

- O senhor faz ideia onde mais Sávio poderia estar? Um parente pela cidade ou pelo interior...

- Não. Ele só tem o filho como parente.

- Entendo.

- Meu filho, vamos fazer o seguinte: vamos esperar amanhecer.

- Tudo bem.

- Ele marcou com você aqui no sebo amanhã às 15:00, não foi?

- Foi.

- Então vamos esperar até amanhã para então ligarmos novamente para a polícia para procurá-lo.

- É melhor mesmo. Não temos certeza de nada até agora.

- Por isso mesmo.

- É melhor nos acalmarmos e esperarmos.

- Pois está bem. Até amanhã, Felipe.

- Até amanhã, seu Francisco. Boa noite!

- Boa noite!

Francisco desliga. Felipe coloca o celular na mesinha ao lado da cama e deita-se olhando para as telhas. Algo o incomoda. Tem a sensação de que algo está estranho no sumiço do amigo:

- Tomara que ele esteja bem.

Felipe teme o pior, mas tenta não pensar em coisas ruins. Vira o rosto e vê o livro que deixara para atender a ligação de Francisco. Pega-o novamente. Olha mais uma vez a sua capa. Respira e o abre de uma vez. Na primeira página encontra uma carta em um papel solto, feito por Juarez Cândido de Almeida o mesmo autor do livro:

- Será que foi mesmo o autor que escreveu essa carta manuscrita?

Pega o papel fazendo uma casa de estranheza. Olha o verso do papel amarelado e espanta-se com a data da escrita da carta:

- 1923! Essa carta é muito antiga!

Deita-se de bruços, deixa o livro de lado, coloca o papel na direção da luz. Porém, já é tarde e precisa acordar cedo. Desiste da leitura. Precisa ir dormir, pois acabara de dar meia-noite e também está muito cansado do trabalho. Deixa a carta dentro do livro e este na mesinha ao lado da cama. Estica-se para pegar o copo com água que colocara na mesinha ao lado da cama, bebe um pouco de água, apaga a luz e vai dormir.

Minutos depois começa a sonhar. Ele, com seus 7 anos de idade, está com sua mãe na Igreja Imaculada Conceição, uma fantástica construção católica em estilo arquitetônico neogótico, concluída em 1903. Sua mãe está de joelhos; e ele, ao seu lado também se ajoelha. Ela virando-se para o filho pergunta:

- Sabe por que estamos aqui, Felipe?

- Para missa?

Ela ri da resposta para a pergunta que parece óbvia para uma criança. Dá um beijo na testa dele e fala:

- Estamos aqui por que nós não somos apenas carne e osso. Nós somos temos algo a mais.

- O quê?

- Espírito.

Ele fica em silêncio enquanto sua mãe continua a falar:

- Me responda uma coisa: como é que nós alimentamos o nosso corpo?

- Com comida, mãe.

- Isso mesmo. E como alimentamos o nosso espírito?

- Nosso espírito sente fome, mãe?

- Sim, meu filho.

- Sente fome de quê?

- De fé. Fome de fé. Quando mais distantes da espiritualidade, da religiosidade, do conhecimento e da fé, mais faminto fica nosso espírito. E sabe o como ficamos quando nosso espírito fica fraco?

- Não, mãe.

- Ficamos frios...

- Como assim, mãe?

- Nos tornamos pessoas que não demonstram sentimentos, pessoas amargas que estão sempre tristes ou com raiva.

- Entendi.

Ele faz alguns instantes de silêncio e depois pergunta para sua mãe:

- Mãe, o pai é uma pessoa fria?

Marta, fica sem jeito com a pergunta do menino, mas tenta disfarçar e fala:

- Às vezes as pessoas fingem ser frias e grossas, mas é por que por dentro estão sofrendo.

- O pai está sofrendo, mãe?

- Algumas coisas estão deixando o seu pai preocupado, mas não se preocupe são coisas de adultos. O que você tem que saber é que ele te ama, assim como eu te amo.

- Às vezes acho que o pai não gosta de mim, mãe.

- Não diga isso. Ele gosta muito de você, meu filho. Cada um mostra seu amor do seu jeito. Tenho certeza que ele gosta tanto de você quanto eu gosto.

- Está certo, mãe.

- Sabe o que você pode fazer pelo seu pai?

- O quê?

- Ore por ele. Peça a Papai do Céu para tocar o coração de seu pai.

- E como eu peço isso?

- Deseje que seu pai se torne uma pessoa melhor e leve esse seu desejo a Deus. Ele sabe todos os seus pensamentos. Peça e acredite.

- Vou fazer isso, mãe.

Nesse momento sua mãe começa a tossir muito. Ele olha para sua mãe e pergunta:

- Mãe? A senhora está bem?

- Estou, meu filho – ela responde com uma das mãos na boca.

O seu sonho então o leva para um mês depois do dia em que estavam na igreja. Ele agora está em casa, no quarto de seus pais. Sua mãe está muito doente. Os dois estão sozinhos em casa, pois o seu pai foi em busca de um carro para levá-la para um hospital. Ele está sentado na cama ao lado dela. Depois de alguns minutos que seu pai saiu, sua mãe abre os olhos e diz:

- Felipe?

- A benção, mãe.

- Deus te abençoe, meu filho.

- Que alguma coisa, mãe?

- Quero, meu filho. Quero que você seja um bom menino para o seu pai. Tenha paciência com ele. E quero que você se cuide, porque a mamãe vai hoje para Papai do Céu. Eu te amo tanto, meu filho. Queria tanto te ver crescer...

Capítulo 08

Depois de uma noite sonhando com sua mãe, Felipe se acorda às 09:12. Toma banho e café, liga o aparelho de som para ouvir um pouco de música enquanto arruma a casa. Olha para o celular para ver se Francisco ligou para ele. Não há nenhuma chamada perdida. Ainda está preocupado com o Sávio. Depois de arrumar um pouco a casa, desliga o som e pega um dos seus livros e vai ler até dar a hora do almoço. Pega um sobre meditação e autoconhecimento. Tenta se concentrar na leitura, mas algumas vezes perde o foco, pensando na ligação de Francisco e no sumiço de Sávio. Quando se dar de conta já são 11:00. Vai comprar o almoço. Mais uma vez observa se a casa da cigana está aberta. “Tudo fechado”. Chega em casa. Logo em seguida, toma banho, arruma-se, pega a câmera e o livro sobre arte tumular e vai pegar o ônibus para o Centro.

Dessa vez ela vai descer mais longe do que de costume, pois pretende tirar umas fotos pelo Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, uma mega construção com teatro, cinema, planetário, museu e palco para shows. Ele, depois de quarenta minutos chega ao Centro, desce na Avenida Dom Manuel que dá acesso à parte do litoral, ao centro cultural, além de boates e bares tradicionais da cidade.

Descendo a avenida, ele passa perto da igreja Imaculada Conceição, a igreja para a qual sua mãe costumava levá-lo. Sai da sua rota e vai em direção à igreja. Chega em frente ao colégio do mesmo nome que fica ao lado do templo católico. Tira uma foto da escola e outra da igreja. Vira-se de costas e caminha em direção a outra instituição de ensino, o colégio Justiniano de Serpa, uma das mais antigas e tradicionais escolas do Ceará. Construído com influências arquitetônicas suíça em 1923, faz parte do patrimônio da história da educação do Ceará. Felipe tira uma foto da escola e volta para a Avenida Dom Manuel.

Minutos depois, ele chega à Praça Cristo Redentor. Olha para grande obelisco com o mesmo nome da praça. Não tira foto, pois já tirara em outro sábado. Atravessa e passa em frente à Biblioteca Pública do Estado do Ceará. Tira uma foto da imensa construção e depois de alguns minutos chega enfim ao Dragão do Mar.

Tira fotos de vários pontos do local. Depois toma um suco em uma lanchonete em um prédio ao lado do centro cultural e descansa da caminhada. Aprecia os prédios históricos. Os prédios ao redor do Dragão do Mar foram todos restaurados e apresentam as mesmas características arquitetônicas típicas do Ceará no fim do século XIX e início do século XX.

Logo depois de tirar fotos dos prédios, Felipe, decide pegar um ônibus que

passa na Avenida 24 de Maio. Olha para o relógio. São 14:15. Vai para o ponto do ônibus. Minutos depois embarca. No caminho pensa algumas vezes em abrir o livro para ler, mas sempre desiste. “Depois leio”. Passa em frente a Décima Região Militar, umas das doze de todo o Brasil. Representa além do Ceará, o Piauí e o Maranhão. Conhecido também como Forte ou Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, sua construção remonta às origens do Ceará.

Vinte e cinco minutos depois, chega à Avenida 24 de Maio. Desce do ônibus e segue em direção ao sebo do seu Francisco. Olha novamente o relógio. São 14:55. Chega ao sebo e entra. Depara-se logo com seu Francisco no balcão com uma cara de preocupado. Cumprimenta-o. Felipe infere que Sávio ainda não deu notícias, mas mesmo assim pergunta:

- Seu Francisco ele deu notícias?
- Nada ainda, rapaz.
- O senhor ligou para ele hoje?
- Sim, mas o celular dele ainda está desligado.

Os dois, enquanto esperam Sávio aparecer, começam a conversar:

- Seu Francisco, vem muita gente aqui para o sebo?
- Não muita. Geralmente os universitários aparecem com frequência.
- Eu acho os sebos lugares bacanas demais.
- Muitos têm mais preciosidade do que muita livraria.
- Concordo.
- Eu me considero como um guardião do passado. Veja que tenho livros e discos. Tenho obras que ninguém mais tem. Tenho livros e músicas de autores de nossa terra pouco conhecidos que já se perderam no tempo.
- É uma pena ver que muita gente não conhece as artes da própria cidade.
- Uma triste realidade.
- Ir ao Mercado Central ver o artesanato, visitar um sebo, assistir a uma peça no Teatro José de Alencar, assistir a um filme no Cine São Luiz, passear pelo calçadão da Beira Mar ou parar para ouvir os violeiros e rodas de samba do Centro deveriam ser costumes de todos os fortalezenses. Só quem desfruta do que nossa terra e nossa gente oferece pode dizer que conhece essa cidade.
- Às vezes tenho a impressão que essa cidade tem vida.
- E tem. Basta notar como a atmosfera de Fortaleza muda do dia para a noite. Do sábado para o Domingo.
- Verdade. Nos sábados à noite o Centro de Fortaleza é muito

underground – fala rindo. – Tem de tudo para todos os gostos.

- Já nos domingos pelo dia é quase um lugar desabitado, chega a ser sinistro. Já no fim da tarde e início da noite, as pessoas reaparecem para irem aos barzinhos ouvirem música.

- É fantástico como podemos sentir a energia de nossa cidade. E tudo isso é o que está à vista de todos. Você não faz ideia das coisas que existem por aqui, e poucos sabem – diz Francisco em tom misterioso.

- Eu quero muito conhecer esse lado de nossa cidade. O senhor pode falar um pouco sobre isso?

- Como você deve suspeitar, a cidade de Fortaleza não poderia ganhar um nome mais perfeito para si, pois nem todos enxergam o que há por trás dos seus muros. Em meio às suas ruas escuras e estreitas, por trás de bares e lojas de fachada, ao adentrar algum casarão aparentemente abandonado, nos cemitérios e até mesmo nos fundos de alguns sebos e antiquários se esconde um mundo oculto tão diverso, tão fantástico e místico que poderia, sem dúvida, dar um bom livro de ficção e aventura

- E como saber que lugares são esses?

- Símbolos, meu caro.

- Símbolos?

- Isso. O esoterismo é um ramo de conhecimento que usa os símbolos como o principal meio de difusão de suas ideias. Assim, uma coluna, uma pedra, um quadro, um pingente, um relógio, um desenho na parede, um ornamento na frente da casa, todos esses símbolos podem indicar a existência de um lugar oculto por trás de um outro lugar.

- Fantástico! – Diz Felipe maravilhado. - E o que se faz nesses lugares? Como funciona?

- Geralmente você precisa de algum...

O relógio da parede toca:

- São quatro da tarde – diz Francisco.

- E nada dele.

- Pois é...

- Ei, venha aqui e me ajude com esses livros – diz Francisco pegando alguns livros.

Felipe o ajuda a colocar alguns livros na estante e aproveita para puxar mais conversa com Francisco:

- O senhor é amigo do Sávio há quanto tempo?

- Há mais de quarenta e poucos anos.

- Nossa!

- Verdade. Nós estudamos na mesma escola, no Liceu do Ceará. Foi lá que nos conhecemos e nos tornamos amigos. A família dele tinha uma joalheria aqui no Centro e a minha tinha uma livraria. Tanto a família dele quanto a minha pertenciam a elite de Fortaleza do início do século passado.

- Como era o Centro no seu tempo?

- Olha, se você acha Fortaleza bonita hoje, imagine se você pudesse voltar no tempo e ver com os próprios olhos a nossa cidade na *Belle Époque*.

A *Belle Époque* a que Francisco se refere foi um período de grande influência artística, cultural e filosófica francesa na capital cearense. Compreende o fim do século XIX ao início do século XX. Tal período influenciou principalmente a arquitetura e a moda dos fortalezenses desse período.

- Pelo menos muito dessa época ainda existe.

- Graças a Deus – diz Francisco rindo.

Francisco ao terminar de arrumar os livros na estante com Felipe, vai a uma outra prateleira e pega um grande livro com fotos antigas da cidade. Mostra-o ao garoto. Os dois passam mais alguns minutos conversando sobre o passado e o presente de Fortaleza. Falam sobre as grandes construções, obras de artes e as grandes personalidades da capital cearense. Quando olha para o relógio da parede, Francisco espanta-se:

- Já são cinco horas? Eita que passou rápido demais, não foi?

- Foi mesmo.

- Me ajude aqui a fechar o sebo. Está na hora de irmos para casa.

- Tudo bem – responde Felipe pegando seu livro sobre arte tumular.

O garoto ajuda Francisco a fechar as portas e o espera trancar a fechadura. A tarde está caindo. O céu está alaranjado. Quase não há mais movimentos de carros, apenas em algumas esquinas vendedores de espetinhos com seus carrinhos e mesinhas. Francisco, vendo que seu velho amigo não apareceu, chama Felipe para comerem um espetinho:

- Meu filho, você está com pressa de ir para casa?

- Não. Estar cedo ainda.

- Vamos comigo no espetinho da esquina?

- Vamos.

- Quem sabe alguém de lá saiba alguma coisa sobre o Sávio.

- É mesmo.

Os dois andam algumas quadras até chegarem ao espetinho. Não é

tão longe. Dá para ver o sebo de Francisco de onde estão. Os dois se sentam nas cadeirinhas de plástico. O dono do espetinho, um senhor de cerca de 50 anos, cumprimenta os dois:

- Boa tarde, seu Francisco.

- Boa tarde, Antônio.

- Como vai a força?

- Indo como Deus quer.

- Graças a Deus. Boa tarde – fala com Felipe.

- Boa tarde – ele responde.

- Meu nome é Antônio. Muito prazer.

- O meu é Felipe – fala, pegando em sua mão.

- É o seu novo ajudante, seu Francisco? – Pergunta Antônio.

- É meu novo amigo.

- E onde está o seu velho amigo, hein?

- É justamente isso que eu quero saber.

- O que foi que aconteceu?

- Eu não sei. Já faz três dias que não o vejo.

- Valha! – Estranha Antônio. – O senhor já ligou ou foi à casa dele?

- O celular dele está desligado. Eu fui ontem na casa dele, mas parecia que não tinha ninguém.

- Coisa estranha! – Fala Antônio.

- E ele nunca viaja sem avisar. Tem vez que até a chave da casa dele, ele me dá para eu colocar a comida dos passarinhos.

Antônio faz uma cara de quem estranha a situação. Entrega um espetinho para cada um dos dois e diz:

- É melhor ligar logo para a polícia. O senhor não acha?

Felipe olha para Francisco e dá uma ideia:

- Vamos fazer o seguinte seu Francisco, vamos na casa do Sávio, assim que a gente terminar aqui, para ver se ele já chegou? Se ele não estiver lá, a gente liga para a polícia.

- Boa ideia.

- Ele mora bem pertinho daqui – diz Antônio.

Os dois decidem ir à casa do amigo logo depois de comerem o espetinho. Enquanto comem, Felipe e Francisco conversam:

- Já começou a ler o livro que Sávio te deu?
- Esse aqui, não – responde olhando para o livro.
- Por quê?
- Semana corrida. Ah! Não sei se o senhor sabia, mas dentro do livro tem uma carta manuscrita do autor do livro.
- Eu não sabia disso. Onde está?
- Está aqui. Olha – fala abrindo o livro e mostrando carta para Francisco. - Eu ainda não li.

O velho aperta os olhos para conseguir ler o que está no papel. Faz um sorriso misterioso e pergunta a Felipe:

- Sávio contou a você quem foi Juarez Cândido de Almeida?
- Não. Quem foi ele?
- Juarez Cândido de Almeida foi o pai de Sávio.
- O pai dele? – Espanta-se Felipe.
- Foi sim.
- Por que ele não me contou?
- Sávio é um homem bem modesto.
- Estou vendo - concorda o garoto.

Os dois terminam de comer os espetinhos, despedem-se de Antônio e saem rumo à casa de Sávio. Durante o percurso, andando pelas calçadas, conversam:

- Seu Francisco, o senhor pode me responder uma coisa?
- Pergunte; e verei.
- Quando o senhor começou a se interessar pelos assuntos que eu e Sávio nos interessamos?
- Por Fortaleza?
- Por misticismo, espiritualidade.

- Ah! Eu li muito sobre tudo isso quando tinha mais ou menos a sua idade. Na verdade, eu e Sávio estudávamos esoterismo escondidos de nossos pais. Comprávamos os livros e os escondíamos para nossos pais não veem. As pessoas, no meu tempo, eram bem religiosas. Nossos pais, tanto os dele quanto os meus, eram muito católicos, e não admitiam que a gente lesse ou se envolvesse com qualquer coisa que fugisse à tradição cristã católica.

- Entendo. Mas mesmo assim vocês se aprofundaram nos assuntos...
- Isso mesmo. Tinha mês que a gente juntava os trocados que

tínhamos e íamos comprar livros.

- Eram teimosos, hein?

- Éramos. Acabamos que conhecemos muita gente deste meio.

- Sei.

- Chegamos até a conhecer algumas pessoas e sociedades secre...

Opa! É aqui – diz Francisco interrompendo o próprio discurso e parando em frente à porta do casarão de cor amarelada e com grandes portas de madeira pintadas de cor verde escuro.

- Vamos bater para ver se tem alguém.

- Vamos.

Felipe bate. Ninguém aparece. Bate mais algumas vezes até que Francisco diz:

- Não tem ninguém.

Felipe lembra-se de uma coisa que Francisco disse no espetinho e diz:

- O senhor não tem as chaves?

- Ele não me entregou dessa vez. Mas...

- Mas...

- Mas às vezes ele deixa as chaves bem aqui – fala apontando para o jarro de plantas murchas que fica ao lado da porta de entrada do casarão.

Francisco abaixa-se, levanta a planta murcha e vê as chaves:

- É. Se as chaves dele estão aqui, ele não está em casa.

- Vamos entrar?

- Acho que ele não vai se chatear se entrarmos na casa dele sem avisar, não é? Afinal de contas estamos preocupados com ele.

- Com certeza.

Francisco pega as chaves e quando vai abrir a porta, seu celular toca. Ele olha para os cantos para ver se não há ninguém estranho por perto e pega o celular para atender. Faz uma cara de surpresa e um sorriso discreto. Felipe, vendo a reação dele, pergunta:

- O que foi?

- É o número do Sávio. Graças a Deus. Ele deve estar bem.

- Graças a Deus.

Felipe faz uma expressão de alívio enquanto Sávio atende o celular. Logo o sorriso de Francisco some e dá lugar a uma expressão de preocupação

e de espanto. Felipe observa a cara de Francisco e pergunta preocupado:

- O que foi?

Francisco faz um sinal para o garoto esperar e começa a falar no celular:

- Onde ele está? O que você fez com ele? Ele é seu pai! Eu não sei onde estão as joias! Se ele disse que não sabe, com certeza ele está dizendo a verdade!

Felipe, ao ouvir Francisco falar, deduz o que está acontecendo e diz:

- Meu Deus, ele foi sequestrado!

Depois de mais alguns segundos, Francisco passa o celular para Felipe que surpreso pega-o e pergunta para Francisco:

- Para mim?

- Isso mesmo. O sequestrador quer falar contigo.

- Mas como ele me conhece?

- Não sei. Mas pelo amor de Deus, meu filho, Atenda! – diz Francisco muito nervoso com a situação.

- Claro.

Felipe coloca o celular no ouvido e diz:

- Alô?

A voz do outro lado responde:

- Você é o jovem que estava no sebo conversando com o velho Sávio?

- Sim, sou eu.

- Sávio precisa de um favor seu.

- Onde ele está?

- Por enquanto ele está bem, mas se você não o ajudar...

- O que posso fazer.

- Você vai encontrar e trazer para mim, as joias da família do Sávio.

- Mas....

- Não há “mas”... O filho de Sávio nos deve muito dinheiro. Ele não conseguiu achar as joias, nem mesmo Sávio conseguiu achá-las para quitar as dívidas do filho. Porém minha paciência com os dois está acabando. O filho dele me disse que você estava com o livro do Juarez Cândido de Almeida, o pai do Sávio, o homem que escondeu as joias no cemitério São João Batista.

- O quê? Que conversa é essa? É alguma brincadeira?

- Eu pareço estar brincando, moleque? – Fala o homem com um tom irritado.

- Perdão. Eu estou com o livro, mas eu não sei onde estão essas joias!

- Vou ser bem claro com você garoto: ou você encontra essas joias ou seu amigo vai morrer.

- Mas....

- Você tem até as seis da manhã para encontrá-las e me entregá-las.

- Como eu vou.... Isso é loucura.... Eu não sei.... – Tenta Felipe falar, mas o nervosismo não permite.

O homem do outro lado da linha passa o celular para Sávio que fala com voz chorosa:

- Felipe?

- Sávio? O que está acontecendo.

- Pelo amor de Deus, ajude o meu filho!

- Sávio, mas eu não tenho condições de....

- Eles vão matar o meu filho! Eu não me importo se vão me matar, mas não deixe que matem meu filho! Eu já tentei encontrar essas joias várias vezes, mas não consegui. O meu tempo e o do meu filho está acabando. Você é a última pessoa que pode me ajudar agora!

- Meu Deus!

- Por favor, Felipe. Não deixe que matem meu filho! Me ajude.

Felipe quase chorando de tão nervoso diz:

- Está bem, Sávio. Eu vou fazer o possível para te ajudar. Eu vou encontrar essas joias nem que eu passe a noite inteira naquele cemitério.

- Oh! Deus te pague. Que Deus te ajude, meu filho.

O homem tira o celular de perto de Sávio e volta a falar:

- Durante a noite, entrarei em contato contigo. Espero que você encontre as joias a tempo.

- Tudo bem! Tudo bem! Não mate os dois! Eu vou fazer o possível para encontrar as joias.

- O caminho está na carta, e as chaves estão no livro.

- O quê? – Felipe pergunta.

O misterioso homem então desliga o celular. Felipe com as mãos tremendo, volta-se para Francisco e pergunta:

- Meu Deus! O que vamos fazer agora?

Francisco apoiado com um dos braços na parede da casa e uma das mãos na boca, fala com uma expressão de temor:

- Não há outra forma, garoto.

- O quê?

- Você vai ter que entrar no cemitério e procurar essas joias.

- Mas o senhor sabe que eu...

- Meu filho, chegou a hora de você enfrentar, de uma vez por todas, o seu medo.

- Isso é loucura!

- A vida de Sávio e do filho dele estão nas suas mãos. Confie em si mesmo e tenha fé. Eu sei que você vai achá-las.

- Não sei.

- Sei que podemos contar contigo.

- Eu preciso de ajuda!

- Eu estou aqui para isso.

- Se nem o Sávio encontrou as joias como eu iria encontrá-las? –
Questiona-se Felipe, devolvendo o celular de Sávio.

Francisco, colocando o celular no bolso, responde:

- Se ele não as achou não foi à toa. Se aconteceu de você se envolver com tudo isso foi por que era para acontecer. Não adianta fugir. Agora, mais do que nunca, você precisa ser forte. Vidas estão nas suas mãos, garoto. Precisamos de ti.

Capítulo 9

- Seu Francisco isso não vai dar certo.

- Não pense assim. Você é uma pessoa com espiritualidade. As palavras, assim como os pensamentos, têm poder. Pense que conseguirá. Pense em toda essa situação resolvida.

Francisco, olhando fixamente para Felipe, fala:

- Não temos tempo a perder. Venha comigo ao sebo.

- Tudo bem.

No caminho para o sebo, Felipe preocupado e com medo, pergunta:

- O senhor vai entrar comigo, não vai?

- Não, meu filho. Você vai entrar lá sozinho.

- Por quê?

- Olhe para mim: eu mal consigo apressar o passo. Eu sou um velho. Só iria te atrasar. Mas não se preocupe, eu estarei em frente ao cemitério. Vamos nos comunicar por celular. Eu conheço muito bem o Cemitério São João Batista. Eu tenho uma excelente memória. Toda a informação que você precisar eu te darei pelo celular.

Felipe fica pensativo. Sua expressão é de descrença. Francisco nota a expressão do garoto e diz:

- Nós dois vamos resolver isso. Você não está sozinho. Entendeu?

- Sim, seu Francisco.

- Então, coragem!

Felipe percebe que Francisco o encara, esperando uma resposta:

- Desculpa. Eu sou um covarde.

- Isso não é covardia, meu filho. É trauma. E traumas são coisas sérias.

Francisco observa o jovem pensativo. Logo Felipe fala para ele em tom confiante:

- Eu vou fazer o possível para ajudar o Sávio.

- É assim que se fala!

- Tudo vai dar certo!

- Vai sim.

Minutos depois, os dois chegam no sebo. Francisco abre a porta. Os dois entram. Francisco pega uma velha mochila de couro que estava na

parede. Abre algumas gavetas e pega uma lanterna. Corre para a cozinha e pega uma garrafa com água. Coloca a garrafa e a lanterna na mochila, pega o livro de arte tumular das mãos de Felipe e também a guarda nela.

- Pronto, garoto. Tudo o que você precisa está aqui.

- Uma lanterna, uma garrafa e um livro? – Pergunta Felipe brincando e colocando a mochila.

- Sim. Ah! já ia me esquecendo: o que foi mesmo que o sequestrador disse para você sobre as chaves?

- Disse que estavam na carta.

- Pois pegue a carta. Vamos lê-la no caminho para o cemitério.

Felipe pega a carta que estava dentro do livro. Francisco tranca a porta do sebo; e os dois entram no carro rumo ao cemitério.

- Posso ler a carta? – Pergunta Felipe enquanto Francisco dirige.

- Sim, claro. Comece a ler – responde acendendo a luz interna do carro.

A Carta - Fortaleza, 02 de novembro de 1923

Caro filho, escrevo esta carta, enquanto vivo estou, e você é apenas um bebê, para dar a ti a teus queridos as chaves da maior herança de nossa família. Muito a ti já devo ter ensinado. Se estas lendo esta carta é porque já és um homem; e eu já estou na morada eterna do Pai.

Só encontrarás o que me refiro se seguirdes todas as instruções. Antes, porém deixo para ti, meu filho, a minha máxima, o maior mandamento que me acompanhou durante a vida: sê temente a Deus e humilde com os homens. Eis aí o caminho para uma vida feliz. Preste atenção a cada palavra que escreverei a partir do parágrafo seguinte. Atente para cada sentido possível de cada símbolo. Guarde a palavra-chave de cada um deles, pois irá precisar delas. Caso tenhas alguma dúvida: o caminho está na carta, e as chaves estão no livro.

Eis-me em frente ao majestoso Cemitério São João Batista, o portador das almas de Fortaleza. Adentrando-o, as gêmeas aos prantos choram sob o anjo que aponta em direção à águia sobre o globo. Pensa o anjo próximo ao áureo obelisco que ao raiar do dia aponta em direção poente, onde está a estrela. Ao seu lado, outra investida guarda o portal de uma alma mística e à sua frente a cruz templária sobre o umbral do jazido. Atrás dessa cruz, uma criança aponta para a grande coluna com um triângulo, um esquadro e compasso e um pelicano. Seguindo em direção Nordeste, depois da rosa e da cruz, a coluna quebrada que está fixada à esquerda da mulher que chora de costas para a foice e a tocha cruzadas que guardam a ampulheta com asas. Daí por diante em direção ao Norte encontra-se um negro livro, e dele, a última pista para o que procuras.

Que Deus ilumine suas buscas, meu filho. Carinhosamente,
Juarez Cândido de Almeida.

- É uma carta-mapa, seu Francisco.
 - Com certeza – concorda. – Esse tipo de coisa é comum no universo esotérico.
 - Eu não tenho o mínimo de experiência nisso.
 - Não se preocupe com isso. Eu tenho.
 - Às vezes as cartas-mapa são usadas para indicar o local de alguma reunião ou sessão ritualística de alguma sociedade secreta ou seita.
 - Não sabia disso.
 - É verdade. Já li algumas quando era mais novo.
- Felipe, pensando no cemitério, fala:

- Mas, há muitas esculturas, jazidos e objetos ornamentais parecidos no Cemitério São João Batista e ele é enorme. Agora eu entendo o porquê que Sávio não encontrou as joias: é quase impossível de achá-las.

- Por isso que a carta diz para seguir direitinho as instruções. Geralmente se você errar uma pista, você não chegará ao lugar certo. Como você mesmo disse “é quase impossível”, isso quer dizer que temos uma chance, mesmo que pequena, de encontrá-la.

- Eu devo confessar para o senhor que eu não sei nada sobre arte tumular. E o livro que tenho, o que o Sávio me deu, eu ainda nem cheguei a ler.

- Não se preocupe com isso. Eu estarei a seu dispor pelo celular para tirar qualquer dúvida. Você vai aprender sobre arte tumular na prática.

- Isso tudo é loucura!

- Não é uma situação muito comum, reconheço.

- O senhor está vendo quantos símbolos há nessa carta?

- Estou vendo – diz sereno.

- O senhor conhece todos?

- Não. Eu não vou mentir para você.

- Meu Deus!

- Mas não há outra forma de ajudar o Sávio, meu filho.

- Eu sei... Como eu me meti nisso tudo? – Pergunta-se colocando as mãos na cabeça.

- Isso não importa agora! Concentre-se em resolver a situação. Nada é por acaso, meu caro.

- Será mesmo, Francisco?

- Com toda a certeza – diz Francisco, parando o carro bem próximo ao cemitério.

Felipe olha para o lado e vê a frente do cemitério. O muro branco e os grandes jazidos frontais fazem-no lembrar do velório de seus pais. Imediatamente imagens dos cortejos da sua mãe e de seu pai vêm em sua mente. Seu coração começa novamente a bater forte. O nervosismo toma de conta do seu ser:

- Eu estou com medo! – Fala ofegante.

Francisco vendo a reação de pânico do garoto, olha nos olhos dele e diz em voz mansa:

- Meu filho, respire fundo. Acalme-se. Não alimente mais esse seu

medo. O medo é um grande muro que nos mesmos criamos. Esse muro impede-nos, muitas vezes, de resolvermos situações mal revolvidas, assuntos pendentes, relações quebradas etc. Está na hora de você quebrar esse muro. Está na hora de enfrentar esse trauma.

Depois de escutar atentamente tudo o que Francisco lhe falou, Felipe diz:

- Tudo bem. Tudo bem – responde tentando controlar a respiração.

Na medida em que respira fundo, fica mais tranquilo para resolver todo o problema em que está metido. Suspira relaxado e fala com calma:

- O senhor tem alguma informação de como funciona o cemitério à noite?

- Você vai ter que pular o muro, já que à noite não há horário de visita.

- Que ótimo – diz sendo irônico.

- Tome cuidado para não danificar nada lá dentro.

- Tudo bem.

- Eu falo sério. As obras que lá estão têm valor inestimável.

- Pode deixar. Eu não vou quebrar nada lá.

- Atualmente há um vigia fixo na entrada e dois vigias que fazem a ronda por todo o terreno.

- Então só tenho que me preocupar com esses dois?

- Sim.

- E cachorros?

- Os que há por lá são mansos.

- Como o senhor sabe disso?

- Eles são os companheiros que não esqueceram os seus falecidos donos.

- Entendi.

Os dois ficam pensativo por alguns segundos, até que Francisco diz:

- Eu sei que será muito difícil para você fazer isso. Infelizmente não poderei fazer mais do que já estou fazendo.

- Está tudo bem. Vamos conseguir. Eu preciso achar essas joias.

- É assim que se fala!

- Obrigado por me ajudar!

- De nada. Nosso amigo precisa de gente. É para isso que servem os amigos.

- Tem razão.
- Está com tudo na bolsa?
- Sim. Lanterna, livro e água: tudo aqui.
- Pois que Deus te acompanhe, meu filho. Eu estarei aqui. Qualquer coisa só é me ligar.

Felipe, pega a bolsa, faz um sinal com a cabeça para Francisco e diz:

- Obrigado por tudo.
- Boa sorte, garoto.
- Até logo.
- Até.

Ele sai do carro e a passos lentos vai em direção ao cemitério, passa pela frente, evitando olhar para dentro. “Ninguém por perto”. Dirige-se à lateral do cemitério. Encosta-se no muro. “Meu Deus, me dê coragem”. Tenta respirar com calma e manter-se tranquilo. Olha para os lados, e não vê ninguém por perto. Segue pela lateral. As luzes dos postes estão quebradas. Está tudo escuro. Quando chega em um ponto completamente escuro, decide que é o lugar certo para pular. Antes, porém olha para cima, hesita por alguns segundos, até que enfim pula de vez o velho muro com cerca de 2 metros de altura.

Com um salto rápido cai do lado de dentro. Quando sente que chegou no chão, fecha os olhos e mantém-se agachado. Vem um impulso em sua mente de desistir de tudo e voltar para casa, mas não aguentaria pensar que abandonou alguém que conta com sua ajuda. De olhos ainda fechados diz a si mesmo em voz baixa:

- Eu vou conseguir! Eu vou conseguir!

De olhos fechados lembra-se das palavras de Sávio no sebo “Meu filho, você sabia que para alguém se conhecer por completo deve enfrentar todos os seus medos?”. Reflete sobre o que o conselho recebido. Lembra das conversas que teve com Bela, a cartomante, e em especial, de uma coisa que ela lhe disse quando os dois estavam falando sobre as causas e consequências do medo na vida de alguém “o medo é um dos, senão, o pior de todos os sentimentos. É ele que te faz cobrir as pernas com o lençol quando criança para que os monstros não te peguem. É ele que faz com que você feche os olhos quando adulto para não ver o que te espera. Em ambos os casos são atitudes inúteis e irracionais. Cobrir os pés, fechar os olhos ou fugir de algo são apenas atitudes que perpetuarão ainda mais o medo na vida de alguém. Não há como driblar ou fugir do medo. Para se livrar do medo é preciso enfrentá-lo, mostrar para ele que você é quem comanda a si mesmo. Nós não devemos ser escravos do medo. Não podemos alimentar aquilo que nos

destrói aos poucos. Então só lhe digo uma coisa: enfrente-o antes que ele te consuma por completo”.

Capítulo 10

Aos poucos abre os olhos. Respira fundo mais uma vez. Imóvel Pensa na frase de Bela “enfrente-o antes que ele te consuma por completo”. É a primeira vez que ele entra no cemitério, no qual fora esquecido e em que seus pais estão enterrados. Olha para os lados para ver se vê algum vigia, mas não vê ninguém, apenas lápides, jazidos e cruzeiros por todos os lados. Olha para o céu e nota que não há lua:

- Vamos, Felipe, se move, cara! Vamos! – Fala consigo mesmo.

Tira da mochila a lanterna e o livro. Pega o celular e liga para Francisco:

- Estou dentro.

- Ótimo. Agora vá em direção à entrada do cemitério e procure “as gêmeas aos prantos choram sob o anjo que aponta em direção à águia sobre o globo” – fala lendo a carta de dentro do carro.

- “Gêmeas”?

- Duas esculturas idênticas de mulheres.

- Tudo bem – fala caminhando cuidadosamente devagar por entre os jazidos. – Eu não acredito que estou fazendo isso!

- Você está indo muito bem, garoto.

- Nossa! Aqui tem cada jazido enorme!

- São belos, não são?

Felipe hesita em admitir, e diz:

- Sinistros.

- Onde você está?

- Estou seguindo pelo pé-do-muro, passando ao lado da capela. Já estou quase chegando na parte da frente.

- Ótimo. Tome cuidado.

- A guarita tem janelas de vidro?

- Não lembro muito bem.

- Perfeito – fala de maneira irônica.

- Deixe de ironias e siga em frente.

- Desculpa. E o que significa “as gêmeas chorando”?

Francisco passa alguns segundos em silêncio, e responde:

- Luto. A figura da mulher em cemitérios como esse é bem comum. Geralmente representa a mãe ou a companheira. Simboliza muitas vezes a fertilidade ou a manutenção da vida.

- Estou vendo uma aqui uma apoiada em uma cruz.

- Deve ser linda, não é?

- Que detalhes, meu Deus!

Francisco em silêncio por alguns instantes, escutando Felipe se admirar com a beleza das esculturas, até que comenta:

- A mulher apoiada na cruz indica que o falecido era um religioso e um bom marido.

- Belo símbolo.

- Onde você está agora?

- Bem perto da guarita – responde caminhando agachado.

- Está com as luzes acesas ou apagadas?

- Apagadas.

- Ótimo. Ele deve estar dormindo.

- Já?

- Quem toma de conta é um idoso.

- Ah! Entendi. Ei!

- Oi.

- Encontrei as duas mulheres em prantos – fala agachado e em voz baixa.

- Como elas estão?

- Erguidas e com um lenço nas mãos. Lembram esculturas góticas. São longas e expressam em seu rosto a tristeza

- E acima delas? Está vendo o anjo?

- Não consigo enxergar. Esse túmulo é alto demais.

- Use a lanterna, mas cuidado para ninguém te ver.

- Está certo – fala ligando a lanterna e apontando-a para o alto do túmulo.

- Viu algum anjo?

- Sim! O que significa?

- Pode significar muita coisa. Olhe aí no livro.

- Ok.

Felipe observa que a escultura é de um anjo jovem, talvez um querubim, portando uma cruz na mão esquerda e apontando para o céu com a mão direita. Ele olha o índice do livro e encontra a página sobre a simbologia do anjo na arte tumular:

- Encontrei, Francisco!

- Que bom. O que esse anjo significa?

- Recompensa. Ascensão aos Céus. Essa era uma boa alma em vida.

- O que você acha?

- Bela simbologia. Mas o dedo do anjo não está apontando retamente para o céu, ele está levemente apontado para trás.

- Está apontando para a “águia”.

- Já estou procurando essa águia – diz Felipe olhando para cima e caminhando entre os jazidos. – Achei. Ela está no topo de uma coluna, pousada em um globo terrestre.

- Ótimo. Veja aí o ela significa.

- Estou folheando aqui... Achei: a águia pode significar que o morto era uma pessoa muito inteligente, ligada às artes. Também pode ter sido uma pessoa corajosa e/ou de carreira militar.

- Símbolo perfeito.

- Verdade. Eu não fazia ideia que existia tanta simbologia em um único lugar!

- Pois é, meu filho, em um único lugar podemos ver uma coleção de obras de artes da arquitetura tumular: arte clássica greco-romana, barroca, românica, gótica e até egípcia. O Cemitério São João Batista de nossa Fortaleza é, por si só, um museu a céu aberto. Um patrimônio que guarda não só nossos entes queridos, mas também nossa história.

- Tem razão. O que foi isso? – Fala Felipe, agachando-se, depois de ouvir um barulho próximo a ele.

Francisco percebendo que algo está acontecendo, pergunta preocupado:

- O que foi?

- Eu não sei. Ouvi um barulho.

- Não fique parado no mesmo lugar por muito tempo. Há vigias fazendo a ronda nesse exato momento. E se te pegarem, não vamos poder mais ajudar Sávio a tempo.

- Eu sei. Escute: agora continue seguindo as instruções.

- Procure “um anjo pensando” e o “áureo obelisco!”.

- Tudo bem. Espera só mais um pouco. Vou ver se não tem ninguém aqui por perto – fala bem baixo para não fazer barulho.

- Certo. Cuidado.

Felipe ao perceber que não há ninguém por perto, ergue-se novamente e segue a procura de uma escultura de um anjo pensando, refletindo. Logo a encontra no topo de uma coluna:

- Francisco, encontrei! É um anjo cor de bronze com uma das mãos no queixo.

- Veja no livro o que simboliza.

Ele abre o livro novamente nas páginas sobre anjos e encontra o anjo que procurava:

- Aqui. Achei. O anjo com uma das mãos no queixo simboliza a dúvida quanto ao resultado do julgamento celeste da alma do morto.

- Sim. Eu me lembrei. Reflete o que os parentes do morto pensam sobre sua alma.

Felipe olha para a escultura e lembra-se de seu pai. Pensa consigo “talvez meu pai tenha em túmulo um anjo como esse”. Francisco, estranhando o silêncio do garoto, pergunta:

- O obelisco, você está vendo?

- Ah! Sim. Estou sim. Ele é bem grande e cor branca. Fica bem próximo ao muro frontal do cemitério. É muito belo.

- Desse eu sei o significado. O obelisco na arte tumular enaltece o morto, como também algo grandioso que ele tenha alcançado durante a vida.

- Interessante. O Obelisco é uma criação egípcia, significava proteção ou mesmo adoração e homenagem aos deuses.

- E durante o decorrer do tempo ganhou outros significados, servindo com um instrumento de homenagem e exaltação a grandes personalidades. Por fim se tornou um símbolo tumular no século XVII.

- Quanto significado, né?

- Com certeza. Então, está juntando os significados dos símbolos?

- Estou.

- E o que temos até agora?

- 1º Túmulo: um anjo, simbolizando a recompensa; 2º túmulo: uma águia, simbolizando a sabedoria e a coragem; e 3º túmulo: um anjo pensando, simboliza a reflexão; e 4º túmulo: um obelisco, que simboliza a exaltação.

- Recompensa, sabedoria, coragem, reflexão e exaltação.

- Isso mesmo.
- Essas palavras representam alguma coisa para você, Felipe?
- Creio que sim – responde com um olhar perdido.

Felipe silencia e, olhando para as obras que acabara de decifrar, pensa em seu passado e no significado dessas palavras. Lembra da sabedoria e da coragem da sua mãe ao lidar com o marido problemático. Recorda-se de um certo domingo, quando ele ainda tinha sete anos, em que sua mãe tentou de todas as formas convencer o seu pai de deixá-la ir com ele para a missa. César nunca fora religioso e sempre se incomodava quando a esposa queria ir à igreja:

- Perda de tempo, mulher. É uma perda de tempo!
- Tempo não é dinheiro para se ganhar ou perder. O tempo é como um perfume: usamos todos os dias com muito gosto, mesmo sabendo que um dia ele vai acabar.
- O que você está falando, Marta?
- Deixe-me usar meu perfume antes que ele acabe!
- O que você quer dizer com isso?
- Nada. Eu só quero ir com meu filho à missa.

César olha para Felipe que, sentado no sofá, já arrumado pela mãe para sair, escuta de cabeça baixa toda a conversa. Vendo que a mulher quer muito ir à igreja, fala com desdém:

- Vá lá. Gaste o seu “perfume” e o do menino.

Marta ignora a provocação, pega o menino pelo braço e diz:

- Peça a benção a seu pai.
- A benção pai.

César não responde. A mãe e o filho saem rumo à Igreja Nossa Senhora da Conceição, em Messejana, uma bela obra arquitetônica construída como capela em 1871 que atualmente tem status de igreja matriz, uma pérola no coração de um dos bairros mais movimentados de Fortaleza, local onde nasceu o grande escritor cearense José de Alencar, autor de Iracema, O Guarani entre outros. Até hoje, no bairro de Messejana, é possível visitar a casa onde ele nasceu.

Instantes depois de ficar em silêncio lembrando desse episódio de sua infância, Felipe retorna a falar com Francisco:

- Francisco, você está aí?
- Sim. Está tudo bem com você?

- Sim, eu só estava me lembrando de minha mãe.
- Ah! Mas está tudo bem?
- Está sim.
- Guarde consigo esses símbolos e seus significados, meu jovem, pois lhe serão bem úteis.
- Pode deixar. Eu tenho boa memória.
- Ótimo. Vamos em frente.
- Agora em que direção devo seguir, Francisco?
- Espere – responde o velho, olhando para a carta. – Opa! Achei! Do pássaro você vai “em direção poente, onde está a estrela”.
- Ou seja, Oeste, não é?
- Sim. Rumo ao ocidente. Ah! Você sabe esotericamente o que simboliza o oriente e o ocidente?
- Já li uma vez, mas não me lembro mais – responde Felipe andando abaixado, a passos lentos por entre as lápides, tomando cuidado para não sair da direção certa.
- O oriente etimologicamente falando é lado do “sol nascente”, na direção Leste. Os templos da Antiguidade, assim como os templos maçônicos e rosacruzes de hoje são virados para sua direção, pois representa energia de luz. Repare que até a entrada desse cemitério fica de frente para o oriente, onde a luz surge primeiro. Esotericamente falando é a direção perfeita para trabalhos psíquicos e místicos, para orar ou meditar. Representa a luz externa e interna.
- E o ocidente, seria o contrário disso, não é? – Responde, ainda caminhando agachado.
- Exatamente. O ocidente que significa o “sol poente” simboliza as trevas. As energias negativas. A escuridão externa e interna. As trevas regem as nossas emoções diferentemente da luz que rege nossa mente. Se por um lado o dia rege a luz ativa, a noite rege a luz passiva. Trazendo para o nosso íntimo, o oriente é o consciente e o ocidente, o inconsciente.
- Quanto significado! – Espanta-se Felipe, olhando para a direção leste onde fica a entrada do cemitério.
- Certamente. A espiritualidade é uma imensa árvore, cada ramo representa uma religião, um culto, uma filosofia que, se pararmos para pensar bem, vem de uma mesma raiz.
- Que raiz?
- A questão fundamental.

- Qual seria essa questão?

- “O que há depois da vida?”

- Ah! Sim. Uma grande pergunta sem resposta definitiva.

- É por isso que estudamos espiritualismo, é por isso que temos religião, é por isso que buscamos muitas vezes fazer o bem e nos tornarmos cada vez melhores. A certeza sobre essa questão, provavelmente, faria com que deixássemos de buscar as questões do espírito. Talvez esse seja o objetivo de Deus: fazer com que cada um de nós busque por si só o caminho para algo maior do que nós mesmos.

- Daí a enorme quantidade de religiões, movimentos místicos, seitas e instituições espiritualistas.

- Pena que muitas vezes a convivência entre esses “ramos espirituais” é bem conturbada pelo fanatismo e pela intolerância.

- Uma triste verdade.

- Tanto a intolerância quanto o fanatismo são como vírus que consomem tudo o que há de bom de uma religião, até que reste somente eles mesmos, e nada de espiritual. Não podemos nos esquecer do objetivo da espiritualidade: nos tornar pessoas melhores.

Capítulo 11

- O senhor é muito inteligente.
- Não é inteligência, é só experiência, meu jovem.
- Deve ser.
- Então, e o seu medo?
- Diminuiu.
- Conversar ajuda, não é?
- Com cer.... Ai, meu Deus! – Espanta-se Felipe com alguém à sua frente.

Com o susto ele se desequilibra por entre as lápides e cai para trás. Assim que cai se arrasta para trás de uma lápide com o coração batendo tão forte que lhe falta ar para respirar:

- Meu Deus! Quem será?

Fecha os olhos e tenta se acalmar depois do que vira. “O que faz um homem de joelhos a uma hora dessas? Que homem é esse? Será o filho do Sávio?”. Escuta um chiado bem próximo, vindo do chão. Percebe que deixou cair o celular. Olha para o celular e vê que próximo a ele está a lanterna também. “Coragem!”. Tenta se acalmar. Sabe que deve pegar o celular o mais rápido possível antes que alguém veja a luz que ele emite, além de algum som. Então deita-se no chão e se arrasta até pegar o celular e a lanterna. Colocando-o no rosto, pergunta de voz baixa:

- Você está aí, Francisco?
- Felipe? Estou sim! O que aconteceu, rapaz?
- Um homem, Francisco.
- Um dos vigias? Ele te viu?
- Não sei. Não. Ele estava rezando de cabeça baixa.
- Veja, com cuidado, se o homem ainda está lá.
- Está bem – diz Felipe, levantando sua cabeça aos poucos até poder ver o homem. – Está sim, Francisco.
- Ele ainda está de cabeça baixa?
- Sim.

Francisco ri. Felipe, estranhando a sua reação, pergunta:

- O que há de engraçado?
- Meu filho, esse homem aí não vai te fazer mal algum?

- O senhor conhece o homem?

- Sim, claro.

- Quem é ele?

- É popularmente conhecido pelo nome de Jesus de Nazaré – fala rindo novamente.

Felipe, não acreditando no vexame que acabara de passar, levanta-se e aponta a lanterna em direção ao homem. Quando chega mais perto vê que realmente se trata de uma escultura de Jesus em tamanho real, com um realismo tremendo. Ele não aguenta e sorri discretamente:

- Tem razão, Francisco. Ele não faz mal a ninguém.

- Logo quando você estava dizendo que seu medo estava diminuindo, acontece uma coisa dessas – comenta Francisco, rindo discretamente.

- Pois é... – Fala sem jeito.

Ele se aproxima mais um pouco da escultura para ver seus detalhes e fica maravilhado:

- Perfeito.

- É linda, não é?

- É. Lembra as esculturas barrocas.

- Verdade. Eu tenho um recorte de jornal com essa escultura. É muito linda. Mas agora, meu jovem, beba um pouco de água e volte à direção Oeste.

- Tudo bem.

Felipe já quase no meio do terreno do cemitério, liga a lanterna e começa a procurar a estrela. Decide andar por entre os grandes jazidos centrais do cemitério. Durante a caminhada, surpreende-se com os túmulos:

- Minha Nossa!

- O que foi, meu filho?

- Esse túmulo foi construído em estilo neoclássico.

- Sim, aí existe alguns nesse modelo.

- Eu não fazia ideia do que tinha nesse cemitério – fala acocando-se em frente ao túmulo.

Lamenta muito não estar com sua câmera fotográfica nesse momento para tirar nem que seja uma foto sequer.

- Vamos lá, Felipe.

- Ah! Está bem – fala, levantando-se.

Andando devagar, olhando para ambos os lados, ele finalmente

encontra a estrela:

- Encontrei, Francisco.
- Achou a estrela?
- Sim. Ela está no topo da cabeça de um anjo sobre um jazido.
- Muito bem, garoto.
- E o significado desse símbolo?
- A gente deve considerar o fato de ela está sobre cima do anjo.
- O senhor tem razão. São dois símbolos.

- A estrela é um instrumento de guia, um meio de luz. O anjo, em algumas interpretações pode também ser considerado um guia, visto que em algumas passagens bíblicas eles orientam os escolhidos de Deus. Agora, creio que o significado que nós precisamos atentar para esse símbolo, a estrela, seja o esotérico.

- Como assim?

- Considerá-la, não como uma estrela, mas como uma figura geométrica.

- Claro! O pentagrama!

- Exatamente! Lembra dos significados esotéricos do pentagrama?

Felipe, tentando lembrar tudo o que já leu sobre o assunto, começa a falar, escorado em um jazido:

- É o principal símbolo da magia. Representa os elementos: terra, fogo, água, ar e espírito ou éter, para algumas filosofias místicas é usado também como amuleto de proteção. Os egípcios, os gregos e até os hebreus já trabalhavam com essa figura geométrica em seus estudos.

- Muito bem, meu jovem. Inclusive, esse símbolo é utilizado em várias sociedades secretas e seitas.

Sociedades secretas, no tocante à espiritualidade, são todos os grupos de natureza secreta ou discreta que reúnem pessoas das mais diversas religiões e filosofias para estudarem de forma teórica e prática as artes ligadas à magia, à meditação, à oração dentre outras artes místicas. Também são chamadas de escolas de mistérios, instituições místicas ou espiritualísticas.

- Verdade, tinha me esquecido.

- A Wicca utiliza o pentagrama elementar como o seu principal símbolo.

- A Wicca é uma sociedade secreta ou uma religião?

- É uma escola de magia. Entretanto, podemos considerá-la como

uma religião neopagã matriarcal.

- Eu perguntei se era uma sociedade secreta porque não vemos muito falar sobre ela.

- Concordo. É uma religião sigilosa, assim como quimbanda, por exemplo. O sigilo e a discrição fazem parte dessas instituições que mexem com forças espirituais.

- Entendo. E tem Wicca aqui em Fortaleza?

- Tem sim. Temos em nossa cidade mais de um grupo de praticantes de Wicca.

- Disso eu não fazia ideia. Temos em Fortaleza uma religião neopagã que pratica magia! Parece irreal.

- Por isso e por outros motivos que esses movimentos religiosos e espiritualistas são discretos e sigilosos, mas vamos voltar à interpretação do pentagrama e do anjo.

- Ok - responde Felipe olhando a escultura angelical.

- Se levarmos em conta que este pentagrama está acima da cabeça de um anjo, que significado você daria a ele?

- Não sei...

- Pense bem....

- Eu acho que nesse caso o pentagrama vai ter o simbolizar a proteção, já que o anjo também, segundo a tradição cristã, pode ter a função de proteger.

- Também acho. Muito bem.

- Lembra-se do que a carta diz em seguida?

- Não.

- “Ao seu lado, outra investida guarda o portal de uma alma mística”. Entendeu a frase?

- Sim. O pentagrama investido.

- Perfeito – responde Francisco satisfeito com a resposta de Felipe.

- Obrigado. Estou indo agora procurá-lo – diz Felipe saindo de onde estava escondido.

Ele dá alguns passos até chegar a um jazido em estilo gótico com pequenas torres pontiagudas:

- Francisco! – Fala, espantado com o que vê.

- O que foi?

- Você não vai acreditar! Encontrei o pentagrama investido. Ele está forjado em um portão de metal de um jazido em estilo gótico! Dá para acreditar numa coisa dessa? Que sinistro!

- É de se impressionar, não é?

- Parece uma miniatura de uma catedral gótica – fala apontando com a lanterna.

- E o pentagrama?

- Ah! Desculpa. Eu me empolguei.

- Tudo bem – responde Francisco rindo.

Felipe se aproxima do jazido para ver melhor o pentagrama investido. É então, que os arbustos ao seu lado começam a se mexer. Ele instintivamente guarda o celular no bolso e apaga a lanterna. Os gravetos começam a estralar e um som de grunhido de cachorro começa a soar. Quando Felipe tenta se afastar do local, um cachorro sai de um pulo de trás do mato e para bem na sua frente. O cão faz uma expressão raivosa para o garoto que cai sentado devido ao susto. Felipe fica imóvel olhando amedrontado para o animal que até então não late, mas rosna furioso, mostrando seus grandes dentes. O garoto tem a sensação de que a qualquer momento o grande cachorro avançará sobre ele, latindo sem parar. “Meu Deus. O que eu faço?” Fica imóvel enquanto pensa em algo. Lembra-se do que Francisco falou sobre os cachorros do cemitério: “os que há por lá são mansos. São os companheiros que não esqueceram os seus donos”. Decide encarar o animal. É então que ele se lembra de uma coisa que seu pai lhe disse quando ele era bem novo:

- Nunca demonstre medo para os cachorros.

- Por quê, pai?

- Eles sentem o nosso medo. E se sentirem o seu medo, eles atacam.

- E como não sentir medo, pai?

- Aí é com você. Não há fórmula para não ter medo. Mas o que você pode fazer é enfrentá-lo.

- Ah!

- Você me entendeu?

- Entendi.

- Do que você tem medo, Felipe?

- Eu não sei, pai.

- Não sabe?

- Sei não.

- Um dia você vai descobrir.
- Como o senhor sabe disso, pai?
- Sei por que todos nós temos medo de alguma coisa.
- E qual é o seu maior medo, pai?

Felipe fica esperando a resposta do pai, mas César não responde. Agora, dentro do cemitério e diante do cachorro bravo, lembra-se dessa conversa que nunca mais lembrara e pensa “agora eu sei qual era o seu maior medo, pai: o de eu não ser seu filho”. Imóvel e com um olhar fixo no animal e ao mesmo tempo distante, pensa sobre sua relação com seu pai. De um instante para o outro, ele volta novamente sua atenção para o animal. Finalmente consegue coragem e estende sua mão direita em sua direção. Não demonstra mais medo. “Ele só está vigiando o túmulo do antigo dono. Não vai me fazer mal algum”. O cachorro, de início não esboça reação alguma, mas quando Felipe começa a estalar os dedos, ele para de rosnar e começa a abanar o rabo e ir na direção de Felipe:

- Isso. Bom cachorro. Está cuidando do seu dono? Está sim – fala, fazendo um carinho nele.

Quando o seu medo dá lugar ao afeto pelo animal, lembra-se que desligara o celular. Pega-o e liga para Francisco:

- Francisco?
- Oi! Tudo bem?
- Sim. Foi só um cachorro de me deu um baita susto.
- E onde ele está?
- Aqui comigo.
- Onde você está?
- De frente para o jazido com o pentagrama investido.
- Agora vamos à interpretação do símbolo.
- Certo.
- O que você sabe sobre o pentagrama investido?
- Assim como o outro pentagrama, ele é associado à magia. Foi um símbolo usado desde a Idade Média por iniciados de mão esquerda. Pode ser considerado como sendo o símbolo do mal.
- Disso muita gente já sabe, não é?
- Sim. Aqui em Fortaleza temos seitas de mão esquerda que se utilizam desse símbolo em seus trabalhos ocultistas.
- Sério mesmo?

- Sim! A nossa cidade guarda muito bem escondidas seitas secretas de mão esquerda, ou seja, de magia negra.

- Sinistro. Que tipo de seitas?

- Seitas satânicas, além de seitas esquisotéricas

- Já li um pouco sobre seitas dessa natureza. Elas têm uma interpretação investida sobre Deus e Satã. Muito sinistro.

- Isso mesmo.

- E o que significa a palavra “esquisotéricas”?

- Refere-se a movimentos esotéricos considerados esquisitos, estranhos e até bizarros.

- Entendi. E tem isso em Fortaleza?

- Tem, meu filho. Já vi de tudo nessa cidade.

- Nem imagino.

- Essas seitas e grupos podem ser tanto de mão direita quanto de mão esquerda.

Na magia e no esoterismo de forma geral existem dois lados: a mão direita, que lida com magia do bem; e a magia de mão esquerda, que lida com magia negra. Para os místicos atuais, só existe um tipo de magia, o que muda é a intenção de quem a pratica. Sendo assim, uma mesma energia usada para curar pode ser usada para fazer alguém adoecer, segundo a tradição esotérica, dependendo da intenção de quem a utiliza.

- Então nesse caso, o símbolo do pentagrama investido tem um significado negativo, não é?

- Correto, Felipe. Ele é usado ainda em algumas religiões, sociedade secretas e seitas de mão esquerda. Pode ser compreendido como o símbolo da submissão do espírito à matéria. Mas o que há de comum nesses dois significados?

- A magia?

- Não.

- Então o quê?

- As duas simbologias dessa figura geométricas remetem à palavra domínio.

- Será que é isso mesmo?

- O primeiro pentagrama que você viu representa o domínio do espírito sobre a matéria; já o segundo, o domínio da matéria sobre o espírito.

- É claro. Entendi. O senhor deve estar certo.

- Mais uma palavra para você guardar: domínio.

A voz de Francisco pronunciando essa palavra para Felipe faz o garoto recordar do dia em que conheceu sua vizinha cartomante. Ainda sentado ao lado do cachorro, escorado ao lado do túmulo do pentagrama investido em pleno escuro, Felipe lembra da sua primeira conversa com essa mística mulher, há um pouco mais de um ano, semanas depois da morte de seu pai. A tarde já começava a dar lugar à noite, ele sai para frente de sua casa para se refrescar um pouco, já que sua casa é quente durante a tarde. Escorado na parede com um pé no chão e o outro na parede da casa, ele se distrai um pouco ouvindo música, usando seu fone de ouvido enquanto balança a cabeça ao som de uma música, escuta uma voz feminina vinda de perto dele. Ele vira para o lado direito e vê uma linda mulher, de cerca de trinta anos, de vestido verde, com colares e anéis, chamando-o:

- Ei!

- Oi – responde, tirando o fone de ouvido e com uma cara de bobo ao notar o quanto a mulher é bonita.

- Vem aqui.

Ele sai da frente de sua casa e vai em direção à mulher. Chegando lá, ela o cumprimenta com um beijo no rosto, dizendo:

- Meu nome é Bela.

- O meu é Felipe – responde sem jeito.

- Me mudei para cá há algumas semanas.

- Seja bem-vinda.

- Obrigada. Desculpa, mas você mora sozinho? É que tenho observado que só você entra ou sai daquela casa.

- Sim. Eu moro só. E você?

- Eu também. Tive uns problemas com meu pai. Decidi sair por uns tempos do bairro onde minha família está morando. Eu precisava de um tempo sozinha. Então encontrei esse bairro e o achei ideal para passar algum tempo.

Felipe, observando as roupas e os acessórios da mulher, pergunta:

- Você é....

- Sou.

- Mas você nem....

- Esperei você terminar de falar. Eu sei.

Felipe ri do modo que a mulher fala e pergunta:

- Mas você tem outro trabalho?
- Não. Eu me dedico exclusivamente às artes místicas.
- Sei....
- E como é ser uma cartomante?
- Eu venho de uma família de tradição mística. Tenho sangue dos primeiros ciganos que chegaram à Fortaleza. Ser uma cartomante é representar a cultura de meu povo. É algo muito simbólico para mim.
- Há muitos ciganos em Fortaleza?
- Os ciganos chegaram no Brasil no século XVI. Em Fortaleza sempre houve ciganos.
- Ah!
- E você já trabalha?
- Já. Numa livraria.
- Você gosta de ler?
- Gosto.
- Já leu sobre cartomancia?
- Nunca estudei sobre esses assuntos.
- Por quê?
- Com todo o respeito, mas não acredito nessas coisas.
- E em que você acredita?
- Olha, minha mãe era muito religiosa, sempre quando dava, ela me levava à missa.
- Mas você acredita em algo além de tudo isso aqui?
- Sinceramente, não paro muito para pensar sobre esses assuntos. Minha mãe sempre me falava para ter religiosidade, para alimentar meu espírito, mas nunca me engajei nisso – fala rindo.
- Você os perdeu, não foi?
- O quê?
- Seus pais?
- Quem disse isso a você?
- Ninguém. Deu para perceber.
- Como assim?
- Eu reconheço uma pessoa rodeada pelo sentimento da perda. Você apagou seu lado espiritual, mas que fizeram com você para que isso

acontecer?

Felipe fica chocado com a forma que a mulher fala com ele. “Que mulher é essa? ”. Ele tem a sensação que ela o conhece há anos. Ela o encara fixamente. Com a pergunta, ele lembra de sua infância e diz:

- Perdi minha espiritualidade no dia em que minha mãe morreu – confessa com a cara avermelhada.

A mulher, vendo que tocara em um assunto delicado, chama o garoto para entrar e conversar com ela na sala de sua casa:

- Venha comigo, garoto – diz pegando na sua mão.

Ele aceita o convite e entra na casa da vizinha. Os dois sentam-se no sofá. Ele observa os ornamentos da sala: cortinas vermelhas, cristais, amuletos e quadros com pinturas. Bela, voltando da cozinha com um copo de suco, pergunta para Felipe:

- Sua mãe devia te amar muito. Mas, o que aconteceu para você mudar?

Felipe, já com uma lágrima descendo do rosto, começa a contar sobre sua infância, sua relação perfeita com sua mãe e problemática com seu pai, além da noite em que fora esquecido no cemitério. A cartomante escuta emocionada com a história:

- Então, depois que me devolveram para o meu pai, eu nunca mais me aproximei dele. Creio que acabamos nos tornando frios um com o outro. Durante a infância, ainda cheguei a pedir algumas vezes que meu pai fosse comigo à missa, como minha mãe gostaria que ele fizesse, mas ele nunca me levou, dizia que era tudo uma perda de tempo. Acho que acabei me deixando levar por essa situação, tanto que em toda minha adolescência eu só entrei numa igreja novamente no dia do velório dele.

- Sua vida foi muito sofrida, mas com certeza também teve bons momentos. Estou certa?

- Claro.

- Sabe o que falta em sua vida?

- Acho que não é só uma coisa – fala rindo para descontrair um pouco a conversa.

- Muito boa essa – ri a cartomante. – Mas falando sério: o que falta para você superar isso tudo é domínio.

- Domínio? Domínio de quê?

- Domínio de si mesmo.

- Como assim?

- Ser o senhor de si mesmo. Não se deixar dominar por instintos, sentimentos negativos ou vícios. Você precisa se libertar dessas coisas ruins que te prendem ao passado. Você tem que seguir em frente. Mas para isso é preciso que você se domine. Tome para si as rédeas da sua vida.

Depois dessa tarde, um dia por semana, em suas folgas, Felipe visitava Bela. Logo os dois se tornam amigos. Com o passar das semanas, ela conseguiu com que ele mesmo redescobrisse sua espiritualidade. Além disso, Felipe começou a sentir algo forte por ela que nunca sentira antes por ninguém. Quando se dera de conta, pensava nela todos dias. Chegava até a sonhar com Bela algumas vezes. O dia de sua folga se tornara o dia mais aguardado e especial de sua vida:

- Então, você também fala sobre os signos das pessoas?

- Não. Quem faz isso são os astrólogos – responde com um sorriso.

- Sim, Claro – diz sem jeito. – É que ainda estou tentando entender como funciona esse universo esotérico.

- De início é confuso mesmo. Há momentos em que eu acho que sei muito, mas há situações que nos levam a achar que na verdade não sabemos de nada. A verdade, na verdade estará sempre velada de nossos olhos físicos.

Felipe observa com um olhar hipnotizado os lábios de Bela se articularem. Não mais aguentando esconder o que pensa sobre Bela, diz:

- Você é uma mulher fantástica, sabia disso?

- Obrigado. Você também é uma pessoa fantástica.

- Que nada.

- Você é muito maduro para sua idade, em alguns aspectos, é claro – fala rindo e mexendo no cabelo.

- Obrigado – agradece envergonhado. - Eu gosto muito desse seu jeito misteriosa. Gosto do seu olhar que parece alcançar a nossa alma.

Bela fica um pouco sem jeito, assim com o modo com que Felipe a olha. Alguns segundos depois de um silêncio constrangedor, Bela, tentando disfarçar a vergonha, pega na mão de Felipe e diz:

- Eu poderia ler sua mão.

Ele, desfrutando o calor da mão dela, responde:

- Mas assim perderia os mistérios de minha vida – responde brincando.

- Verdade. Tudo tem o seu tempo certo – fala piscando o olho para ele.

Encarando-a com um olhar de garoto apaixonado, ele coloca sua

outra mão sobre a mão dela. De início não diz nada, apenas acaricia em um silêncio delirante a pequena mão feminina, mas logo fala em baixo tom:

- Você não faz ideia do quanto gosto de você, do quanto você me ajudou.

- Você mudou por iniciativa própria.

Os dois se encaram.

- Você é um garoto amável – fala passando a outra mão no rosto de Felipe.

A mão de Bela em seu rosto deu a Felipe a sensação mais prazerosa de sua vida. Nunca imaginou que uma mão em seu rosto poderia deixá-lo tão extasiado. Depois da sensação delirante do carinho, ele se dá conta que ele fora chamado de garoto. Percebendo isso, segura firme as mãos dela e diz esperançoso:

- Eu tenho dezoito anos...

- Eu sei...

- Você mesma disse que sou muito maduro para minha idade.

- Eu sei.

- Então?

- Olha, desculpa se eu o ofendi. É que eu... Você... Nós... Você sabe.

- Está tudo bem, Bela. Eu entendi – fala sorrindo por fora, mas se mordendo por dentro, pois percebera que ela o achava novo demais para namorar com ela.

Dias depois, em sua casa, três meses depois dele conhecê-la, Felipe encontra um bilhete embaixo de sua porta. Surpreso, ele o abre. É um bilhete de despedida. Bela foi embora sem se despedir dele pessoalmente. Felipe desapontado lê o breve bilhete:

- Garoto, foi muito bom te conhecer. Você é uma pessoa maravilhosa. Desejo muitas energias positivas para você. Lembre-se sempre de nossas conversas e lute pelo o que ama. Tenho certeza de que em um futuro bem próximo a gente vai se encontrar novamente. Beijos de sua Bela. PS.: Eu não poderia criar raízes em um lugar, mesmo sendo em um lugar tão bom como esse, pois as minhas raízes na verdade estão em mim mesma. Não crie raízes em sua casa. Voe, garoto. Você tem muito a descobrir sobre o mundo e sobre si mesmo.

Capítulo 12

- Felipe?

O som da voz de Francisco faz com que Felipe desperte da lembrança de Bela e volte-se novamente à procura das joias no cemitério:

- Estou aqui. Eu estava lembrando de umas coisas. O senhor tem razão.

- De quê?

- Domínio realmente é uma palavra para eu guardar comigo.

Ele se levanta, pega a lanterna e pergunta a Francisco:

- E agora, Francisco, o que a carta diz?

- “À sua frente a cruz templária sobre o umbral do jazido”.

Felipe, observa se não há nenhuma movimentação por perto, dá alguns passos e aponta a lanterna para frente, até que encontra a lápide com a cruz templária, ou cruz de malta como é mais conhecida:

- Encontrei. Está em alto relevo. Muito bela. Ao seu redor tem um círculo.

- Isso quer dizer que....

- Até aqui estamos na direção certa – complementa Felipe.

- Ótimo. E o que significa, na arte tumular, a cruz de malta?

- Só um minutinho – responde Felipe enquanto folheia o livro com a lanterna na boca.

- Tudo bem.

- Achei. Está aqui: simboliza o guerreiro cristão.

- Bem previsível, visto que esse símbolo foi utilizado pelos cavaleiros templários durante a Idade Média, assim como pelos portugueses na época das grandes navegações.

- Vasco da Gama.

- Isso mesmo, mas hoje ainda é o símbolo de uma sociedade secreta inspirada nos antigos cavaleiros templários.

- Então existe uma versão moderna da Ordem dos Cavaleiros Templários?

- Sim, e inclusive aqui no Brasil.

- Fantástico.

- Tem mais: há em todo o país, inclusive aqui em Fortaleza uma outra ordem secreta também inspirada nos Templários.

- Sério? Qual é o nome?

- Você já leu sobre a história de Jacques de Molay?

- Sim, mas não me lembro muito bem.

- Ele foi o último grão-mestre dos cavaleiros templários que morreu queimado nas fogueiras medievais de Paris, depois da conspiração iniciada pelo rei da França contra os templários. Mesmo sob muitas torturas antes da morte ele nunca abandonou os princípios sua ordem, nem traiu seus companheiros. Os templários ficaram conhecidos por sua força de espírito devido a esses fatos.

- Interessante.

- Pois bem, hoje existe uma ordem secreta juvenil chamada de Ordem de Molay, em homenagem a esse grande templário. Essa sociedade secreta propaga princípios morais e éticos, além de filosofias espiritualísticas.

- E essa ordem existe mesmo aqui em Fortaleza?

- Sim.

- Nossa! Eu não fazia ideia que Fortaleza tinha uma ordem secreta inspirada em uma sociedade secreta da Idade Média!

- Pois é! Poucos sabem dessas coisas. Mas, voltando à simbologia da cruz...

- Temos dessa vez uma expressão para guardarmos: força espiritual. Correto?

- Correto!

- Para você, essas palavras representam alguma coisa?

- Sim. As pessoas de espiritualidade que já passaram e as que ainda passam em minha vida. Minha mãe, a Bela, meu melhor amigo, o senhor e o Sávio são pessoas que eu considero que têm muita força espiritual.

Felipe se lembra da vez em que, dias depois de Bela ir embora, seu melhor amigo o visitou. Era o dia de sua folga. Ainda sem ânimo para se levantar, pois ainda estava muito triste por ela ter ido embora, deitado em sua cama, Felipe fica sem ânimo de fazer nada. Até que alguém bate à sua porta. Quando escuta o bater na porta, desperta-se da moleza num salto e vai correndo sem chinelas abrir a porta na esperança de que quem esteja batendo seja Bela.

- Quem é? – Pergunta todo animado.

- Sou eu, Felipe! Esqueceu dos amigos?

- Oh, cara! Claro que não – responde abrindo a porta, reconhecendo a voz de seu melhor amigo.

Os dois se cumprimentam com um aperto de mãos e um abraço com tapas nas costas. O amigo, percebendo a cara abatida de Felipe, pergunta:

- Rapaz, você está muito sumido. O que está acontecendo? Não te vejo desde aquele dia – fala, referindo-se ao dia do velório do pai de Felipe, quando ficou ao lado dele enquanto o cortejo entrava no cemitério.

- Valeu mesmo por aquele dia. Você é um amigo de verdade, cara.

- Só fiz minha parte. E o que está acontecendo contigo? Você parece tão abatido.

- Cara, eu estava conhecendo uma mulher.

- Opa! Conta aí!

- Era minha vizinha e tal. Cheguei a ir à casa dela algumas vezes para a gente conversar.

- Como ela era?

- Meu amigo, era muito, mas muito bonita mesmo.

- Eita!

- Ela era cigana. Era cartomante.

- Interessante!

- Pois é.

- E aí?

- E aí o quê?

- Chegaram a ficar?

- Não – confessa com vergonha.

- Por quê?

- Da mesma forma que ela apareceu por aqui, ela sumiu.

- Como assim?

- Ela foi embora de um dia para o outro. Nem falou comigo antes. Só deixou um bilhete.

- Vixe. Agora entendo o porquê que você está assim, cara.

Felipe pensa se conta ou não para o amigo suas opiniões sobre Bela. Decide aproveitar a oportunidade para de abrir para o amigo:

- Ela me achou novo demais para ela. Tenho certeza que foi isso que aconteceu.

- Hum.... Complicado.
- Eu acho que já estava me apagando a ela.
- “Se apegando”.... Sei – fala usando aspas.
- O quê? – Pergunta, percebendo que o amigo foi irônico.
- Você está apaixonado por essa mulher, Felipe.
- Que nada, cara.
- Olha teu jeito. Está na cara que você está caído por ela.

Felipe hesita em aceitar por alguns instantes, mas angustiado confessa:

- Você deve estar certo mesmo. Eu estou apaixonado por uma mulher que eu nem sei direito quem é. Mas, meu amigo, aquela mulher era maravilhosa. Nunca conheci uma mulher tão, tão.... Poxa eu não tenho nem palavras. Quem é bom nas letras é você meu amigo. Eu não paro de pensar nela, sabe?

- Imagino.

- O que acabou comigo foi que ela foi embora e nem se despediu de mim.

- Mas você acha que ela sentia algo por você?

- Não sei ao certo, mas toda a semana, na minha folga, ainda de manhã, ela já me chamava para ir à casa dela para conversarmos. Foram poucos meses, mas valeram por anos para mim.

- Estou vendo que valeram mesmo.

- Mexeu com tudo dentro de mim. Até em meu espírito.

- Como ela conseguiu tudo isso? Sobre o que vocês tanto conversavam, posso saber?

- Você não vai nem acreditar.

- Conta.

- Ela gostava muito de falar sobre espiritualidade e tal. Falava muito das artes místicas das cartas do baralho comum, do tarô, da arte de ler as mãos, esse tipo de coisa da cultura dela, além, claro de muitos truques também.

- Não sabia que você tinha interesse por essas coisas?
- E não tinha. Mas ela...
- Eita, que ela mexeu mesmo contigo.
- Foi mesmo. Mesmo triste agora, eu reconheço que ela me deu muita

força, sabe?

- Sei.

- Ela me fortaleceu espiritualmente.

- Força de espírito é muito importante.

- Agora eu entendo que sim, mas não sei nada desses assuntos, cara. Só sei o que ela me contou e o pouco que você já me disse.

- Vá com calma. Não aprendemos a andar na primeira vez.

- Eu sei.

- Leia sobre espiritualidade, medite, reflita sobre sua vida e o que você quer para seu futuro. Isso já é um bom começo.

- Está certo. Vou fazer isso.

- Ah! Se quiser bons livros eu tenho alguns, mas se quiser comprar para você, eu indico os sebos do Centro.

- Beleza! Vou tirar um dia para ir lá pesquisar sobre espiritualidade e esoterismo.

Escondendo-se novamente por entre os túmulos, Felipe, terminando de lembrar dessa conversa que teve com o amigo, pergunta a Francisco:

- Francisco?

- Oi!

- E agora, qual a próxima frase da carta?

- “Atrás dessa cruz uma criança aponta para a grande coluna com um triângulo, um esquadro e compasso e um pelicano.”

- Tudo bem. Vou procurar essa criança.

- Estou aqui no aguardo.

Felipe, com o livro e a lanterna nas mãos, passa por um beco estreito entre dois jazidos, até chegar aos fundos do jazido que tinha a cruz templária. Escorando-se no jazido, liga a lanterna para frente e vê a escultura de uma jovem criança:

- Encontrei, Francisco!

- Ótimo! Agora vamos ver o significado da escultura da criança.

- Ok – responde abrindo o livro.

Segundos depois, Felipe encontra a página do livro que trata do símbolo da criança na arte tumular:

- Pronto. Achei.

- Pode ler. Eu estou ouvindo.

- A escultura de uma criança significa que o falecido era uma criança. Geralmente a escultura é em tamanho natural e a expressão da criança é sempre leve, podendo estar em alguns casos brincando com algo ou segurando alguma coisa. A morte pode ter vindo por meio de doença ou fatalidade.

- E o que simboliza a criança de uma forma geral? – Pergunta Francisco.

- Não sei.

- Sabe sim. Deixe eu te dar uma dica: com o passar do tempo, as pessoas perdem.

Felipe, olhando para o rosto da escultura e pensando na pista de Francisco, começa a se lembrar de uma vez, quando era criança, em que perguntou a sua mãe questões relacionadas à morte:

- Mãe, o que a morte?

- Uma grande mentira, meu filho.

- Como assim, mãe?

- Ninguém morre de verdade.

- Não entendi.

- O que morre é este nosso corpo, Felipe. Na verdade, não somos o nosso corpo.

- Somos o quê, mãe?

- Somos seres espirituais que temporariamente habitam um corpo de carne e osso.

- E o que acontece quando nosso corpo morre?

- Nosso espírito fica livre dele.

- E vai para onde?

- Ah! Essa é a questão mais enigmática de todas as religiões, meu filho. A resposta para essa pergunta mudará de religião para religião.

- Sei...

- Mas por que você está fazendo perguntas sobre a morte?

- Eu tive um sonho ruim – responde sem jeito para a mãe.

- Que tipo de sonho?

O menino hesita em responder. Marta vendo que o menino está evitando responder, coloca-o no colo, dá um beijo em sua testa e o abraça:

- Não tenha medo, meu filho. Está tudo bem com a gente.

Felipe, com uma cara de choro, fala:

- Eu sonhei que a senhora ia morrer.

Marte se surpreende com o sonho do menino, mas tenta não transparecer. Ela já sabe que está com uma doença incurável, será uma questão de tempo para morrer. Até então apenas César sabe sobre isso. Os dois decidiram não contar sobre a doença para Felipe. Marta, tentando não chorar na frente do filho, fala em tom sereno:

- Meu filho, eu não vou morrer tão cedo. Foi só um sonho.

- Mas mãe...

- Olha: eu estou aqui. Eu estou contigo. Nunca vou te abandonar, Felipe. Mesmo quando eu estiver no Céu, eu sempre vou cuidar de ti. Nunca divide disso!

- Está certo, mãe.

- Agora, limpe esse rosto, tome banho que está na hora de dormir.

Ela dá um beijo na bochecha de Felipe, e ele dá um beijo na bochecha dela:

- Te amo, mãe!

- Eu te amo, meu filho.

Ainda olhando para o rosto da escultura de criança, Felipe termina de se lembrar desse momento com sua mãe. Francisco, que até então aguardava em silêncio, pergunta:

- E então, garoto, já descobriu o que simboliza a criança?

- Sim – responde com segurança.

- Diga.

- A pureza.

Depois de alguns segundos de silêncio, Francisco responde:

- Correto. Muito bem. E para onde a criança está apontando?

Felipe, despertando da lembrança, responde olhando para a mão da escultura:

- Oeste. Já estou indo.

- Muito bem.

Ele volta a caminhar por entre as tumbas rumo a direção à “coluna com um triângulo, um esquadro e compasso e um pelicano”. Depois de passar alguns minutos procurando na direção Oeste, Felipe encontra a coluna:

- Pronto, Francisco. Encontrei a coluna com os símbolos!

- E como ela é?
- É muito bela! Meu Deus, que coisa mais perfeita! Ela deve ter uns 4 metros de altura. No topo tem uma cruz. É uma coluna de quatro lados. Cada lado tem um símbolo. De todas as que vi até agora nesse cemitério esta é a mais fantástica. Repleta de enigmas.
- Quem diria, garoto, que você iria se maravilhar tanto em um cemitério, hein?
- Reconheço a ironia! Eu não fazia ideia do quanto esse cemitério era fantástico. Aqui tem de tudo!
- Quais símbolos estão gravados nessa coluna? Vamos começar a nossa interpretação.
- Felipe, apontando a lanterna para um lado da coluna, responde:
- Um triângulo com um olho irradiante no meio.
- Ah! O mais famoso símbolo maçônico do mundo.
- Então o defunto era maçom?
- Com toda a certeza.
- E o que é mesmo a maçonaria, o senhor pode falar?
- A maçonaria é a mais influente sociedade secreta do mundo. Tem membros por todo o planeta. Tem origem histórica na Idade Média, porém raízes místicas no Antigo Egito. É a escola de mistério que mais atual em eventos históricos da civilização: Revolução Francesa, Escritura da Constituição dos Estados Unidos, Independência do Brasil, Abolição dos Escravos aqui no Ceará. Inclusive para ser maçom no período da escravidão aqui no Ceará era preciso entregar uma carta de alforria, que significava que o candidato era abolicionista.
- Nossa! Incrível. Eu não sabia disso!
- Aqui em Fortaleza nós temos algumas lojas....
- Lojas é como se chama um local de reunião dos maçons, não é?
- Isso mesmo. E inclusive as lojas maçônicas de Fortaleza são verdadeiras obras de arte da arquitetura.
- Eu já passei em frente a uma quando estava no ônibus.
- Vale a pena tirar uma foto.
- Ah! Assim que eu tiver chance, vou tirar umas fotos dessas lojas. Ei, seu Francisco!
- Oi!
- E afinal de contas qual o objetivo da Maçonaria?

- Como eu disse ela é uma escola. É um lugar de aprendizado, onde seus membros aprendem questões relacionada à moral, à ética, aos sentimentos e à razão. A meta do maçom é ser uma boa pessoa. É combater os vícios, a intolerância, o fanatismo e estimular a prática das virtudes. É alimentar o intelecto e o espírito. A maçonaria tem como lema o mesmo da Revolução Francesa “Igualdade, Liberdade e Fraternidade”. Podemos considerá-la como uma fraternidade, pois seus membros têm o dever de ajudar um ao outro quando preciso for.

- Interessante! Já ouvi muitas coisas sobre a Maçonaria. Sobre toques de mão misteriosos entre maçons ou mesmo sinais secretos.

- Sim, mas só eles sabem esses toques e sinais secretos. Eles os usam para se identificarem e para ajudarem uns aos outros em situações de perigo ou necessidade.

- Sinistro. Acho que é por esse mistério todo que as algumas pessoas têm receio da Maçonaria.

- As pessoas temem o que não conhecem. Isso é natural no ser humano. É uma forma de autodefesa.

- Mas a Maçonaria realmente guarda segredos, informações que quem está de fora não sabe?

- E quem não guarda segredos?

- Verdade.

- Muita gente enxerga os segredos de uma forma negativa, o que é um equívoco.

- Mas é que segredos geram mistérios, seu Francisco, e todos gostam de mistérios.

- Claro. O mistério faz parte da vida. A curiosidade produtiva é um motor poderoso. Veja quantas invenções e descobertas começaram devido à curiosidade de uma pessoa.

- A descoberta da lei da gravidade, a descoberta da eletricidade.

- Excelentes exemplos. Mas voltemos a falar sobre a Maçonaria. Na minha opinião, o que é mais belo nessa instituição é a sua metodologia de ensino.

- Como assim?

- A Maçonaria ensina sua filosofia por meio de símbolos.

- Entendi. E esse símbolo do triângulo com o olho no meio? O que significa?

- Simboliza o Grande Arquiteto do Universo.

- Deus?
- Isso mesmo. Quem criou o universo e os seres.
- Os maçons acreditam em Deus?
- Claro que sim.
- E o triângulo o que significa?
- A trindade. A manifestação divina.
- Bonita simbologia.
- Vamos em frente. E do outro lado da coluna, o que temos?

Felipe dá alguns passos até que encontra, gravado na rocha, o esquadro e o compasso:

- O esquadro e um compasso. O que eles significam?

Francisco faz alguns segundos de silêncio e depois responde:

- O esquadro simboliza a retidão de caráter, o lado material do homem; e o compasso, a medida certa e a espiritualidade.

- Perfeito! Ei e entre eles há uma estrela! Isso quer dizer que...

- Isso mesmo. A Maçonaria tem um lado místico, um lado que muito que inclusive estão dentro da Ordem não enxergam.

- Poxa! Interessante. É muita simbologia!

- Muitos dizem que tudo é simbólico na Maçonaria. Isso é verdade. Para se entender o que é realmente a Maçonaria e o que ela ensina é preciso mergulhar nos significados de cada símbolo utilizado. É como um músico que tem por obrigação aprender os significados dos símbolos das partituras e tablaturas que para quem não tem conhecimento musical são apenas símbolos cifrados.

- Incrível.
- E o próximo símbolo da coluna?
- O pelicano e seus filhotes. Isso é um símbolo maçônico também?
- Sim.
- E o que ele representa?
- Para você entender, terei que contar uma breve história.
- Pois conte.

- Trata-se da lenda do pelicano. Certa vez um pelicano deixou seus filhotes sozinhos no ninho para procurar comida para eles. Quando ele se distanciou do ninho, um animal se aproximou e comeu todos os filhotes, deixando apenas os restos deles no ninho. Quando o pelicano voltou,

trazendo comida, deparou-se com a triste cena: todos os seus filhotes estavam mortos. Ele chorou sobre os filhotes até suas lágrimas acabarem. Quando isso aconteceu, ele começou a ferir o próprio peito. O sangue do peito do pelicano caiu nos restos mortais dos filhotes e milagrosamente eles voltaram a vida.

- Lenda bonita. E o que isso tudo significa, Francisco?

- Amor e sacrifício. O morto provavelmente era um pai de família muito dedicado aos filhos.

- Felipe, tocado com toda essa simbologia, lembra-se de seu pai e diz:

- Símbolo perfeito para esse tipo de pai.

Francisco vendo que os símbolos tocaram Felipe, pergunta:

- Você quer descansar um pouco, Felipe?

- Não! Vamos logo até o fim.

- Tudo bem. Então qual o último símbolo da coluna?

- Um livro.

- Desse símbolo eu me lembro muito bem.

- Pode dizer. Estou ouvindo – fala agachando-se escorado em um jazido.

- Na arte tumular, o livro aberto significa que o falecido era um homem sábio, ou das letras, um escritor ou advogado. Também pode significar que lia muito a Bíblia.

- Bacana demais! Acho que vou querer um livro na minha – diz rindo.

- Eu prefiro um anjo mesmo. Já passei a vida rodeado de livros mesmo – comenta rindo.

- Vixe, é mesmo! - ri o garoto. - Ei, mas esse cara era o cara, né? Era maçom, um pai exemplar e um amante dos livros!

Francisco ri da forma que o garoto fala. Felipe, baixando sua cabeça e olhando para o lado da guarita do cemitério, pergunta:

- Então, quais seriam as palavras para gente guardar dessas colunas?

- Deus, retidão, amor, sacrifício e sabedoria.

- Ok, Francisco. Vamos em frente!

- Você está se saindo muito bem, garoto. Parabéns!

- Obrigado, Francisco. Nem acredito que estamos cada vez mais perto de encontrar essas joias e de resolvermos tudo isso de uma vez! Eu sei que nós vamos conseguir salvar o Sávio. Eu sei disso!

- Que assim seja, meu filho!
- Essa é uma expressão espiritualística?
- Sim. Muito bem observado. É como o amém.
- E quem costuma usar essa expressão?
- Os espíritas e espiritualistas de algumas ordens iniciáticas como a Maçonaria, a Ordem Rosacruz dentre outras.
- Pera aí: a carta fala de uma rosa e de uma cruz, não é?
- Exatamente! Você já matou a charada.

Capítulo 13

- Lê, Francisco, a próxima parte da carta!

Francisco pega a carta e começa a lê:

- “Seguindo em direção Nordeste, depois da rosa e da cruz, a coluna quebrada”.

- O senhor acha que as palavras rosa e cruz estão escritas separadamente para confundir quem ler a carta?

- Sem dúvida! Até porque a rosa e a cruz isoladas têm outros significados. Cada um por si só já é um símbolo, mas quando esses dois símbolos estão juntos se tornam o símbolo de uma das sociedades secretas mais místicas e incríveis do mundo: a Ordem Rosacruz.

- O senhor pode falar sobre essa sociedade secreta?

- Claro. Enquanto você anda na direção Nordeste eu vou falando sobre ela.

Felipe, encostado no jazido que tem a coluna com os símbolos maçônicos, vira-se para a direção Nordeste, agacha-se e caminha devagar por entre os túmulos. Enquanto caminha, conversa com Francisco:

- Sabe qual a minha maior pena, Francisco?

- Qual?

- Não estar com a minha câmera agora. Eu gostaria de fotografar tudo aqui.

- Você sempre gostou de tirar fotos dos lugares que visita?

- Não. Quando eu era criança até queria ter uma máquina fotográfica para mim, mas nunca ganhei uma. Há alguns meses atrás ganhei uma do meu melhor amigo e comecei a fotografar a cidade.

- Ah! Sim.

Felipe acaba se lembrando do dia, há alguns meses, em que seu amigo o presenteou com a câmera fotográfica que tanto usa quando sai de casa:

- E aí, Felipe, tudo bem?

- Tudo, cara. E você?

- Tudo certo.

- E as novidades?

- Estou conhecendo uma garota.

- Que bacana! Qual o nome dela?

- Clara.
- Nome bonito.
- Também acho.
- E vocês têm muita coisa em comum?
- Temos. Isso é que é bacana, sabe? Gostamos de ir aos mesmos lugares. Ela também gosta de música, literatura e assuntos místicos.
- Legal, cara. Que bom que você encontrou alguém bacana.
- Estou torcendo para que dê certo o namoro com ela.
- Com certeza vai dar certo.
- Ei, e a sua cigana?
- Ainda sumida.
- E você desistiu dela mesmo?
- Eu...
- Rapaz, é o seguinte: você não deve esperar que ela apareça do nada na porta da sua casa. Você já foi procurá-la?
- Não.
- Por quê?
- Por que ela me dispensou, cara.
- Ora, mas você desistiu muito fácil. Não me leve a mal, mas você mal sai dessa casa desde que seu pai morreu. Você nunca mais ligou para os amigos, nem saiu com a gente.
- Eu sei.
- Cara, você deve começar a viver sua vida novamente!
- Felipe fica um pouco chateado com o que o amigo lhe disse, mas reconhece que tudo que lhe foi dito é verdade:
- Sabe de uma coisa? Você tem razão. Eu preciso sair mais dessa casa. Preciso respirar, sair, conhecer novas pessoas e lugares.
- É assim que se fala. E não desista da sua cigana. Se você realmente gosta dele, lute por ela, cara.
- É isso mesmo que eu vou fazer. Chega de ficar trancafiado nessa casa, me lamentando de ter perdido a Bela. Eu vou procurá-la por todos cantos da cidade.
- Muito bem! Era isso que eu queria ouvir!
- Instantes de silêncio depois, seu amigo diz:

- Olha. Comprei para você. Você me disse uma vez que gostaria de ter uma máquina fotográfica – fala entregando uma máquina fotográfica para Felipe.

- Você ainda se lembra disso?

- Claro. Tome! É sua.

- Não acredito!

- É para você tirar as fotos dos lugares que você vai conhecer. Quem sabe em um desses cantos, você reencontre a sua cigana.

- Vai ser como procurar agulha no palheiro.

- Bem... você sabe o que ela faz para viver, não sabe?

- Sei.

- Acredito que não existem muitas cartomantes em Fortaleza.

- Verdade. Obrigado, cara! Você é um irmão para mim! Valeu mesmo!

- De nada. Você também é um irmão para mim, Felipe. Eu quero é ver você bem!

- Eu já estou bem melhor do que antes. De certa forma, você e a Bela me ajudaram muito até aqui. Agora eu tenho que fazer a minha parte.

- Isso mesmo, Felipe!

- Ela me disse para não criar raízes em casa. Disse que eu tenho muito a descobrir sobre o mundo e sobre mim.

- E ela tem razão. Faça das suas jornadas pela cidade um grande aprendizado. Eu tenho certeza que você vai se surpreender com muita coisa, inclusive com você mesmo.

Os dois dão as mãos, abraçam-se dando tapinhas no ombro um do outro. O seu amigo fala:

- Olha aqui – fala mostrando-lhe um papel.

- O quê?

- Aqui estão os nomes dos melhores sebos de Fortaleza. Eu indico que conheça todos antes desse aqui.

- Qual?

- O sebo do seu Francisco.

- Por que deixar esse por último?

- Por que esse é um sebo especial.

- Tem livros raros e baratos?

- Isso e muito mais – fala com um ar de mistério.

- Sei.
- Vai por mim: você não vai se arrepender.
- Valeu pela dica.
- De nada.
- Quer tomar um café?
- Não vai dar por que agora tenho que ir, vou me encontrar com a Clara.
- Está bem então.
- O café, eu cobro na próxima.
- Ok. Bom encontro, cara. Tudo de bom.
- Valeu, Felipe. Ah! Depois me mostre as fotos que você vai tirar.
- Mostro sim.
- E me avise se você encontrar a sua cigana.
- Com certeza você vai ser o primeiro a saber.

Dá por diante Felipe começou a fotografar os mais variados lugares de Fortaleza, pesquisando inclusive a história de cada local. Em alguns meses fotografou vários bairros, deixando por último o Centro. Visitou e comprou alguns livros em todos os sebos que seu amigo indicara, chegando a lotar sua estante de livros do quarto. Além disso, visitou vários centros de trabalhos esotéricos e tendas místicas onde as cartomantes trabalham, mas nunca achou Bela e nem quem a conhecesse. Não encontrou sua cigana, mas em cada conversa com cada cartomante, ele aprendia mais coisas sobre misticismo e ficava cada vez mais encantado com o mundo esotérico de Fortaleza. Por fim, nos seus mais recentes passeios foi ao sebo de seu Francisco, como seu amigo aconselhara.

O seu passatempo de tirar fotos fez com que ele ganhasse muito conhecimento sobre a história de Fortaleza, assim como de sua arte e cultura. Dias antes de ir ao sebo de Francisco chegou a expor algumas de suas fotografias na livraria onde trabalha. Foi parabenizado pelos colegas e clientes da pela originalidade e estilo próprios. O reconhecimento do seu trabalho, assim como os seus passeios pela cidade o mudaram: já não ficava muito em casa sozinho em suas folgas. Agora sempre saía para tirar fotos, para ir ao sebos, a tentas esotéricas e visitar seus amigos mais próximos. As únicas coisas que ainda o incomodavam era a saudade de Bela e o trauma de cemitérios, problemas que ele até então não sabia como resolver.

Ainda andando na direção ao Nordeste do Cemitério, Felipe pergunta a Francisco:

- Então, seu Francisco, o que simbolizam a cruz e a rosa na arte tumular?

- A cruz é o símbolo mais comum da arte tumular. Simboliza o cristianismo. Indica que o morto era católico. Existem muitos tipos de cruzes nos cemitérios, como por exemplo a cruz ancorada, a cruz latina, a cruz celta, a cruz florenciada, a cruz de ferro dentre outras.

- Não sabia que havia tanto tipo de cruz.

- Pois é. A cruz também tem uma simbologia mística.

- Já li uma vez sobre isso. É a união do material com o espiritual. A ligação do homem com Deus.

- Exatamente. O encontro da reta horizontal com a reta vertical. Não foi à toa que Jesus morreu em uma cruz.

- E a rosa, seu Francisco, qual o significado dela na arte tumular?

- O triunfo do espírito sobre a morte.

- Que bela simbologia.

- Misticamente a rosa representa o espírito.

- Que coisa curiosa. Os significados são parecidos.

- Com certeza. Você chamaria isso de coincidência?

- O que o senhor acha?

- Eu te respondo com outra pergunta: levando em conta tudo o que viu e ainda está vendo hoje aqui no Cemitério São João Batista no tocante à arte tumular, você acha mesmo que quem desenvolveu toda essa simbologia tumular não eram pessoas de grande espiritualidade?

- Com certeza, eram sim!

- Voltando à simbologia da rosa, das flores em maneira geral. O triunfo da vida após a morte é o verdadeiro motivo de se levar flores aos mortos. É o símbolo de que na verdade as pessoas não morrem, mas fazem uma passagem.

- Eu não fazia ideia disso!

- Tem mais: se a rosa estiver quebrada a simbologia volta-se às mulheres. Quando a rosa é jovial indica que a mulher morreu jovem, se a rosa estiver murcha quer dizer que a mulher em questão morreu bem velha.

- Incrível.

- É mesmo.

- E os dois símbolos juntos: a rosa e cruz, qual a simbologia?

- Aí é simbologia esotérica, mística. Como eu disse antes, juntos esses

símbolos formam o símbolo da Ordem Rosacruz, uma instituição místico-filosófica. A rosa vermelha fica no centro da cruz dourada. A primeira simboliza a alma humana, e a segunda, o corpo. Dessa forma, o símbolo se refere à natureza do homem.

- E qual é o objetivo da Rosacruz?

- O desenvolvimento de todo o potencial humano.

- Potencial em que sentido?

- Do sentido mais natural que há ao mais místico que existe.

- E como eles fazem isso?

- A história mostra que o movimento rosacruacionismo surgiu de movimentos místicos da Idade Média, como a alquimia, o hermetismo e a metafísica medieval. Apesar dessa herança medieval, dizem que suas origens místicas vêm do Antigo Egito, das antigas escolas de mistérios de lá.

- E temos essa sociedade secreta em Fortaleza?

- Sim. Temos dois tipos de ordem rosacruz na capital.

- Sério?

- Sim. A Antiga e Mística Ordem Rosacruz – AMORC e a Rosacruz Áurea.

- Disso eu também não sabia. E qual a diferença entre elas?

- Diferenças metodológicas, mas ambas apresentam a mesma raiz.

- Ah!

- Elas ficam no bairro...

- Seu Francisco!

- Oi!

- Achei o símbolo da rosacruz!

- Ótimo! Muito bem, garoto!

- É uma cruz branca com uma rosa no centro. Muito bonita. Pena que muitos passam por ela e não sabem seu significado.

- Desses símbolos e dos demais. E é por que você está se detendo apenas na simbologia dos cemitérios. Fortaleza é repleta de símbolos para serem explorados, meu jovem. Há muito a ser descoberto ainda, inclusive aí no cemitério. Infelizmente, perdemos alguns símbolos como passar do tempo, mas outros ainda estão espalhados nos prédios, nas esculturas, nos vitrais, nos livros, nas praças e outras formas de arte.

- O senhor disse que alguns símbolos se perderam? Quais?

- Deixe-me citar o exemplo dos nossos gárgulas.
- Gárgulas? Fortaleza tinha gárgulas?
- Por incrível que pareça, sim.
- Pensei que eles só existissem nas catedrais góticas da Europa.
- Você está enganado.
- Me conta sobre os gárgulas de Fortaleza!

- Fortaleza tinha em alguns dos seus casarões e edifícios, além da beleza arquitetônica, os serpentões e jacarés, os dragões metálicos que cuspiam as águas das chuvas invernais. Infelizmente, eles foram proibidos pelo Código de Posturas de Fortaleza de 1923. Dessa forma, todos foram retirados. Os dragões assim foram escondidos para sempre das ruas da cidade. E esse foi o triste fim de nossos sinistros e singulares gárgulas.

- Que coisa mais fantástica! Uma pena terem sido proibidos!
- Ainda há alguns no Museu do Ceará aqui no Centro.
- Acho que Sávio estava errado sobre mim.
- Como assim?

- Eu achava que conhecia Fortaleza, mas agora sei que não a conhecia e ainda não a conheço.

- Você ainda tem muito a descobrir, garoto!

Felipe nesse momento lembra-se da frase parecida que Bela escreveu no seu bilhete de despedida “você tem muito a descobrir sobre o mundo e sobre si mesmo”. Lembra-se mais uma vez dela. “Você estava certa, Bela”. Passa alguns segundos em silêncio, pensativo, até que diante da rosacruz ele pergunta a Francisco:

- Então, qual palavra devemos guardar da rosacruz?
- Evolução, pois a rosa na cruz simboliza a evolução espiritual do homem.
- Ótimo. Vamos à frase seguinte da carta!

Francisco acende a luz interna do carro e lê:

- “Depois da rosa e da cruz, a coluna quebrada que está fixada próxima a uma bela que chora”. Siga na mesma direção que estava e procure uma coluna quebrada:

- Ok! – Responde andando agachado pela escuridão do cemitério.

Francisco aguarda por alguns segundos até que Felipe fala:

- Achei. É bem alta essa coluna. Deve ter uns... Ai, meu Deus!

Felipe interrompe o próprio discurso jogando-se desesperadamente no chão e arrastando-se para atrás de um grande jazido. Francisco, preocupado como garoto, pergunta:

- O que foi, Felipe? Tudo bem?

Ele não responde. Fica abaixado com os olhos arregalados com o que acabara de ver: uma mulher vagando ao longe pela escuridão do cemitério. Ele guarda o livro na bolsa, segura lanterna com firmeza e fica imóvel apavorado com a cena assombrosa.

- Meu Deus! Meu Deus!

- O que foi, garoto?

Felipe com as mãos tremendo de medo fala ao telefone:

- Eu vi uma mulher vagando por entre os túmulos, Francisco. Meu Deus, eu vi!

- Acalme-se.

- Eu vi, Francisco! O que está acontecendo aqui? O que eu faço?

- Tente se acalmar, garoto. Respire com calma.

- O foi isso, Francisco?

- Você sabe, ora!

- O quê?

- Se não for sua mente lhe pregando uma peça, você deve ter visto um espírito.

- Meu Deus do Céu! Eu não quero mais ficar um minuto aqui, Francisco. Não dá mais para mim. Não dá mais!

- Você se interessa por assuntos místicos e esotéricos e quando acha que vê algo de outro mundo, você quer fugir? O que vai fazer? Sair correndo?

- Eu...

- Acalme-se, garoto! Respire. Nada de mal vai acontecer contigo. Confie em mim. Tenha fé! Lembre-se: tenha domínio de si mesmo! Controle-se!

Felipe tenta se acalmar, mas ainda está muito nervoso com o que viu. "O que é que era aquilo? Será mesmo que eu acabei de ver um espírito? Meu Deus!". Francisco preocupado com Felipe pergunta:

- Onde você está?

Instantes depois ele responde:

- Atrás de um jazido.

- Preste atenção. Você precisa continuar. Não vai ser uma visagem que vai fazer com que desista de salvar o Sávio, não é?

Felipe escuta as palavras de Francisco lembrando-se da ligação do sequestrador. Ele sabe que se fugir do cemitério será o fim de Sávio. Começa a respirar fundo e diz: - Eu nunca vi coisas desse tipo, Francisco.

- Mas acreditava?

- Nem sei ao certo. Eu não sei de mais nada... Isso tudo é muita informação para minha cabeça! Estou confuso.

- Eu sei. Eu entendo. Você está sob pressão, garoto. Está confrontando os seus medos. Isso é mais que do normal. Agora respire fundo e foque nas frases da carta.

- Tudo bem. Tudo bem. Francisco?

- Oi!

- Você não está surpreso com o que eu disse que vi?

- Meu filho, eu já vi muita coisa estranha nesse mundo. Nessa minha idade, essas coisas não me assustam mais.

- Como você consegue?

- Enfrentei meus medos. Agora levante-se daí e vá até a coluna quebrada. Não temos a noite toda!

- Ok. Estou indo – fala enquanto se ergue.

- Estamos muito acostumados com lógico e com o racional, mas te digo uma coisa: quando você realmente adentrar no universo místico, nem tudo o que você vai ver, ouvir ou sentir será lógico ou racional, e sim um mistério a ser estudado.

Capítulo 14

Bem mais calmo, porém mais atento do que já estava, Felipe volta à frente da coluna quebrada e pergunta:

- Cheguei, seu Francisco.
- Veja o que significa a coluna quebrada.
- Tudo bem – fala abrindo o livro.

Logo Felipe encontra a página sobre a simbologia da coluna na arte tumular:

- Encontrei: a coluna é o símbolo da sustentação, da força. A coluna quebrada na arte tumular simboliza a morte do último integrante de uma grande família, geralmente de grande renome e popularidade. Simboliza de forma geral o fim de uma linhagem.

- Perfeito. Então a palavra-chave é fim.
- Também acho. E agora, para onde ir? – Diz Felipe apressado, pois está receoso de ver novamente algo estranho no cemitério.

Francisco pega a carta novamente e lê:

- “A coluna quebrada que está fixada à esquerda da mulher que chora de costas para a foice e a tocha cruzadas que guardam a ampulheta com asas”. Já estamos bem perto do fim da carta, meu filho. Aguarde um pouco mais. Estamos quase conseguindo chegar às joias.

- Deus te ouça.
- Agora procure a “mulher que chora”.
- Tudo bem.

Felipe começa a andar agachado, olhando muito para os lados com muita atenção. Atenta no fato de já poder enxergar bem melhor no escuro, apesar da noite está sem lua e as luzes dos postes estarem queimadas. “Tomara que isso acabe de uma vez”. Minutos depois, encontra uma escultura de mulher em tamanho natural deitada sobre um jazido com um dos braços sobre a lápide. A mulher tem cabelos lisos e longos e está usando uma túnica e chora a perda do ente querido. Felipe fica fascinado com o realismo do rosto da escultura:

- É linda!
- Encontrou?
- Sim. É linda.
- Deve ser mesmo.

- O que significa, Francisco? O senhor sabe?
- Sei sim. Representa a grande dor que a morte traz consigo.
- Isso é lindo demais!

Aproximando-se da escultura, Felipe lembra de um dia, quando tinha uns 7 anos, que viu a sua mãe chorando de joelhos no chão e com os braços sobre a cama:

- Mãe? A senhora está chorando?

Marta, limpando as lágrimas do rosto, responde ao filho:

- Não, Felipe. A mãe só estava dormindo.

Ele, mesmo sendo muito novo, percebe que sua mãe não que lhe contara a verdade, pois certamente envolve algum problema com o seu pai, César. Marta sai do chão, senta-se na cama e coloca Felipe no seu colo. Fazendo carinho na cabeça do filho, ela diz:

- Como foi na escola hoje?

- Foi bom.

- Teve aula de quê?

- A leu umas histórias.

- Hum! Legal. Você leu qual?

- A história de um menino que tinha medo das sombras.

- Como assim?

- O menino tinha medo das sombras das pessoas e da dele também.

- Muito interessante. O que você achou da história?

- Muito triste.

- Por que, meu filho?

- Por que o menino no final preferiu viver no escuro para não ver mais nenhuma sombra.

- Triste mesmo. E você o que você faria se fosse o menino do texto?

- Eu não sei. Não sei como alguém pode ter medo da própria sombra e das sombras das pessoas.

- Filho, quando você crescer vai aprender que a literatura diz uma coisa dizendo outra. Em breve você vai entender que sombras eram essas que o menino tinha medo. De qualquer forma, é preciso enfrentar os nossos medos, concorda?

- Concordo.

- Preste atenção no que eu vou te dizer: fugir da própria sombra não

adianta de nada por que ela sempre te acompanhará onde você for.

Essa última parte da lembrança da conversa com sua mãe, faz Felipe lembrar-se do vulto que vira a pouco no cemitério. “Que coincidência lembrar disso logo agora!”. Francisco, que até então estava em silêncio, pergunta:

- Que palavra você acha que devemos guardar dessa escultura?

Felipe, olhando para a escultura feminina, responde:

- Dor.

- Muito bem! Está certo!

- O senhor já sabia?

- Não. Só estou concordando.

- E agora, para onde mesmo?

- “A mulher que chora de costas para a foice e a tocha cruzadas que guardam a ampulheta com asas”.

- Entendi. Estou seguindo a direção das costas da escultura.

Essa parte do cemitério é repleta de árvores grandes e sombrias. Felipe andando pelos jazidos a procura da “foice e da tocha cruzadas”, escuta barulho vindo das galhas das árvores. Abaixa-se por instinto. Logo em seguida escuta o piar agourento das corujas:

- Odeio corujas!

- O que foi, meu jovem?

- Tem corujas aqui nas árvores.

- Não gosta de corujas?

- Detesto! – Confessa andando agachado.

- Agora você me fez lembrar do conto *As Corujas*, de Moreira Campos.

- Eu conheço – fala rindo em voz baixa. – Realmente, vou fazer que nem o personagem do conto que não gosta delas: “xó, praga!”.

Francisco ri e percebe com a forma que o garoto falou que ele está cada vez menos tenso. Minutos depois, Felipe encontra um grande jazido de cores branca e amarela com dois pares de foices e tochas entrelaçadas, um de cada lado do pequeno portão:

- Achei, Francisco. Esse é um dos jazidos mais bonitos que vi hoje. Tem dois pares de foice e tochas entrelaçadas.

- Ótimo. Veja aí no livro o que significam.

Felipe abre o livro e começa a procurar a página sobre esse símbolo. Segundos depois a encontra:

- A foice é o símbolo da morte. Simboliza o corte da vida. Já a tocha investida simboliza que o fogo da vida continua vivo mesmo depois da morte. De uma forma geral, quando os dois símbolos estão entrelaçados simbolizam a vida após a morte.

- Reconheço que é um dos símbolos tumulares mais belos que já vi.

- Muito belo mesmo.

- Bem, então as palavras-chave são...

- Vida e morte. Essa foi fácil.

- Foi mesmo. Mas você não está esquecendo de alguma coisa?

Felipe fica pensativo, tenta-se se lembrar da última frase que Francisco leu e diz:

- Claro: a ampulheta com asas!

- Isso mesmo.

- Espera – diz, ligando a lanterna e apontando para o topo do jazido com cerca de três metros de altura.

- Tudo bem.

- Encontrei. É pequena, mas dá para ver. É uma ampulheta com duas asas de anjo. Ao lado dela há um tinteiro, uma pena e um livro com uma cruz.

- Livro com uma cruz... A Bíblia. E qual seria o simbolismo da ampulheta com asas. Te dou só uma chance de acertar essa.

Felipe, seguro da resposta e apagando a lanterna, responde:

- O tempo voa.

- Perfeito! Estamos chegando perto, Felipe!

- Graças a Deus, tudo está dando certo! E agora, para onde eu vou?

- Já estamos na última frase da carta! Preste atenção: “daí por diante em direção Norte encontra-se um negro livro, e dele, a última pista para o que procuras”. Você já sabe o que fazer.

- Indo pela direção Norte, senhor! – fala como um soldado.

- Engraçadinho.

Felipe anda por entre os túmulos e observa os símbolos tumulares dos mais diversos jazidos, enquanto caminha, puxa novamente conversa com Francisco:

- Seu Francisco, é uma riqueza muito grande!

- É, meu filho.
- Eu não via nada disso antes. Apenas morte, tristeza e abandono.
- Levando em conta o que você passou na infância, isso é mais do compreensível.
- Tantos símbolos, tantas esculturas e obras arquitetônicas.... Seu Francisco, de onde vem o conhecimento que o senhor tem sobre arte tumular?
- Eu li o livro de Juarez. Sávio me fez lê-lo e comentá-lo algumas vezes, há muito tempo atrás – fala rindo. Mas....
- Mas o quê?
- A vivência e a experiência no meio místico acabam nos ajudando a interpretar os símbolos, mesmo aqueles que ainda não conhecemos o significado.
- O senhor está falando de intuição?
- Exatamente. É algo muito importante no universo esotérico. Já visitei muitas vezes esse cemitério quando era mais jovem.
- Sério? Mas para quê? Para apreciar a arte tumular?
- Para me conhecer.... – Fala como quem está com o pensamento distante.
- Ah! Entendo o porquê que o senhor veio várias vezes aqui, é um local instigante e até inspirador. Esse cemitério daria um excelente palco para uma aventura.
- E a que você está agora, não conta? – Ri discretamente.
- Bem que daria um bom livro.
- Concordo. Não viu mais nada de estranho por aí?
- Graças a Deus, não. O senhor já ouviu falar de alguma coisa estranha desse cemitério?
- Ah! Sim. Muitas, mas acho melhor não contar para não assustar você.
- Depois de tudo o que passei hoje, duvido me assustar de novo. Pode contar.
- Está bem. Esse cemitério tem muitas histórias, muitas delas lendas e boatos. Eu lembro de histórias de taxistas que levavam misteriosos passageiros para esse cemitério à noite, mas esses passageiros sumiam de uma hora para outra de dentro do carro. Lembro de histórias de guardas que vez ou outra ouviam cânticos e gemidos vindos dos fundos do cemitério. Também sabe-se que nos dias de finados, no dia de todos os santos e no dia

das bruxas, nesses três dias sequenciais pessoas misteriosas vagam pelo cemitério. Dizem que nem os guardas trabalham nesse período, pois há boatos de que pessoas ligadas a algumas religiões, seitas e sociedades secretas de mão esquerda passam as madrugadas pelo lugar. Me refiro a bruxos, magos e feiticeiros. Sei que parece coisa de filme, mas não é. Além disso vez ou outra são encontrados objetos misteriosos nos jazidos e pendurados nas árvores. Mas a história mais sinistra que já ouvi, é a história do menino do caixão acorrentado.

- Menino do caixão acorrentado? Já me arrependi de ter pedido para o senhor contar essas histórias – fala rindo. – Mas estou curioso agora. Que história é essa?

- Sim.

- Que história é essa?

- No início do século XX, uma menina, aqui em Fortaleza, estava possuída por um demônio. Vários padres tentaram fazer o ritual de exorcismo, mas nenhum deles obteve sucesso. Dizem que até mesmo o bispo tentou exorcizá-la, mas não conseguiu. Então, a possessão piorou ao ponto da menina morrer. As pessoas com medo que a menina possuída voltasse à vida, envolveram o caixão de grossas correntes para impedir uma possível volta da menina possuída.

- Que sinistro, Francisco.

- Com certeza. Essa história era muito contada por moradores do Centro, mas aos poucos foi sendo esquecida.

- Será que a mulher que vi andando no cemitério era essa menina? – fala brincando.

Quando Felipe acaba de dizer isso, encontra o túmulo com um livro de mármore.

- Achei o livro negro, Francisco! Amém! Estamos chegando ao fim!

- Amém!

Felipe, ligando a lanterna, aproxima-se da lápide do jazido e nota que nele há uma frase:

- “Não há religião superior à verdade” – lê.

- O que foi que você disse?

- Essa frase está escrita na lápide. O que foi?

- Eu conheço essa frase.

- De onde?

- É o lema da Sociedade Teosófica.

- Já ouvi falar.

- Ela é tão conhecida como a Ordem Rosacruz e a Maçonaria. É uma sociedade secreta presente de vários países do mundo. A palavra teosofia vem de duas palavras gregas: deus e sabedoria que traduzimos como sabedoria divina.

- E qual a finalidade dessa sociedade secreta?

- Dentre outros objetivos, ela tem como objetivo “estudar as leis ocultas da natureza e os poderes latentes do homem”.

- Leis ocultas?

- Sim. Existem as leis naturais e as espirituais. A Sociedade Teosófica estuda os mistérios da natureza, as histórias ocultas da humanidade, e as habilidades que o homem não sabe que tem. Em geral estuda a essência do misticismo.

- Que essência?

- As energias do universo, das coisas e os poderes do ser humano. Além de...

- Além de quê?

- Além de estudarem assuntos voltados à espiritualidade, como as entidades divinas?

- Como Deus?

- Sim.

- Mas a Sociedade Teosófica é uma religião?

- Não. Assim como a maçonaria e a Rosacruz, a Sociedade Teosófica não professa dogma, e sim incentiva a prática da liberdade de pensamento. Por isso o lema “não há religião superior à verdade”.

- Nossa, que interessante! E aqui tem Fortaleza temos a Sociedade Teosófica?

- Claro que temos. Eu já visitei várias vezes.

- Fantástico. Então o morto desse jazido era um membro dessa ordem?

- Provavelmente. Mas vamos focar agora ao livro. Veja se há algo escrito nele.

Felipe aponta a lanterna para o livro e vê que nele há um pequeno texto repleto de lacunas:

- Tem um texto com palavras faltando, Seu Francisco.

- Sabe o que fazer, não é?

- Claro, as palavras-chave que encontramos. O senhor anotou aí?

- Sim! O seguro morreu de velho. Achei melhor anotar todas. Agora, leia o texto da forma que ele está no livro que eu completo com as palavras que anotei.

- Ok.

Felipe começa a ler o pequeno texto do livro enquanto Francisco preenche as lacunas com as palavras-chave dos símbolos tumulares:

O Livro

A (recompensa) que procuras, demanda (sabedoria) e (coragem). Além disso só se estiverdes em (reflexão) poderás sentir no teu íntimo a (exaltação) espiritual. Para ter (domínio) de si mesmo é preciso autoconhecimento, (força de espírito) e (pureza) no coração. (Deus) procura em nós a (retidão) em nossos atos, meu filho. Ele, assim como todo o pai, oferece a todos os seus filhos todo o (amor) e, se preciso for, realiza qualquer (sacrifício) necessário para vê-lo a salvo. Devemos fazer o mesmo por nossos irmãos que estão em necessidade. Aplicar o que se aprende para o bem dos outros é o maior sinal de (sabedoria), é a maior expressão de (evolução) espiritual que há. Se chegaste até aqui, estais bem perto do (fim) de sua jornada. Certamente aprendeste muitas coisas que levarás para toda a vida. Tenho certeza que tu percebeste que a (dor) da morte e da perda não são as únicas coisas que existem neste lugar. Siga em frente e encontrarás o símbolo dourado que representa a separação da (vida) e da (morte). Que tudo o que viste, ouviste e sentiste tenham tocado o teu coração e o teu espírito. Agora, vá e pega o que é teu. E não esqueça: a vida é uma dádiva. Viva! Viva intensamente, pois o (tempo voa).

Quando termina de ler o que estava escrito no negro livro de mármore, Felipe, assim como Francisco, fica sem palavras. O silêncio provocado pelas lições gravadas no símbolo tumular só é quebrado pela interjeição de Felipe:

- Minha Nossa!

Francisco, que até então estava em silêncio, fala:

- Perfeito!

- Meu Deus, como alguém conseguiu bolar algo tão engenhoso nesse cemitério?

- Meu filho, você tem noção do que acabou de fazer? Você desvendou o maior segredo do Cemitério São João Batista!

Capítulo 15

- Nós desvendamos, Francisco! Obrigado! Você me ajudou muito a chegar até aqui. Se não fosse você, eu nem teria conseguido pular o muro do cemitério – fala Felipe ao lado do túmulo onde está o negro livro.

- Estou muito orgulhoso de você, garoto!

- Obrigado. Mas não precisa dizer essas coisas, Seu Francisco!

- Não me refiro ao fato de desvendar um mistério nesse cemitério.

- Então o senhor está falando de quê?

Francisco desconversa e diz:

- Bem.... Falta apenas encontrarmos um símbolo...

- “O símbolo dourado que representa a separação da (vida) e da (morte)”. – Complementa lendo a oração do livro.

- Exatamente. Agora, siga em frente para ganharmos tempo.

- Ok. O Senhor faz ideia de que símbolo tumular seja? – pergunta andando por entre os jazidos.

- Eu sei.

- Pode dizer.

- Não quer tentar descobrir?

Felipe faz um sorriso e diz:

- Me dá uma dica!

- Qual é o antônimo da palavra descobrir?

- Essa é fácil: cobrir.

- Certo. Lembre-se dos símbolos que você viu até agora nesse cemitério. Um deles está coberto com um véu, com um manto.

Felipe aceita o desafio e começa a tentar se lembrar de algum símbolo coberto por um véu:

- Não é a mulher, não é?

- Não.

Tentando se lembrar enquanto anda devagar, Felipe olha em direção à capela do cemitério. Ele para de andar e foca sua atenção no topo da capela:

- O que é aquilo?

Segundos depois observando o símbolo que está no topo da capela, ele consegue notar que se trata de uma urna coberta por um manto.

Imediatamente fala para Francisco:

- Descobri!

- Vamos ver se você realmente descobriu.

- É uma urna. A urna é o símbolo que procuramos – responde já folheando o livro que ganhara de Sávio.

- Você acertou! Muito bem! Eu não te disse que você ia aprender sobre arte tumular na prática, não disse?

- E o senhor estava certo – responde alegre.

- Agora, meu filho, você deve estar bem próximo da urna dourada.

- Dentro dela devem estar as joias.

- Também acho.

Felipe apressa o passo. Mesmo sem perceber, já não está mais tenso nem com medo de andar pelo cemitério. Está completamente focado em encontrar o mais rápido possível as joias. Minutos depois procurando a urna dourada, ele finalmente a encontra:

- Francisco! Francisco! Eu achei! Eu achei! – Exalta a voz de alegria!

- Graças a Deus!

- Conseguimos! A gente conseguiu, Francisco!

- Conseguimos, meu filho! Conseguimos!

Felipe, ainda vibrando de alegria, pega a urna que estava fixada em uma coluna de cerca de um metro e meio. Ele a levanta e a balança. É um pouco pesada. Nota que há objetos dentro dela quando a xaqualha. Quando está com a urna encostada na orelha direita, escuta um estalo atrás dele. Seu coração dá uma forte palpitada, soltando em todo o seu corpo e espírito todo o medo que estava contido dentro de si. Tem a certeza, mesmo sem olhar, que alguém o observa em silêncio logo atrás dele. Baixando a urna e colocando-a sob o braço, vira-se para trás e vê uma pessoa vestida toda de preto e com um capuz da mesma cor no rosto, apontando uma arma em sua direção. Os olhos de Felipe arregalam-se de pavor. O celular cai no chão. O homem misterioso quebra o silêncio e fala com uma voz forçadamente rouca:

- Passe a urna, garoto.

Felipe fica sem reação. Olha para os lados, e não vê mais ninguém. Muito nervoso, não diz nada ao homem.

-Vamos! Me dê a urna!

Nesse instante, Felipe lembra das coisas que seu pai, seu amigo, Bela, Francisco e Sávio lhe falaram sobre o medo. Ele respira e tenta falar:

- Eu.... Eu... preciso dessa urna!

O homem surpreso com a ousadia do garoto, fala furioso:

- Perdeu o juízo, garoto?

- Eu preciso dessa urna. Eu tenho que entregá-la para salvar meu amigo – responde agora com mais firmeza.

O homem ainda apontando a arma para Felipe escuta o que ele diz e logo em seguida fala:

- Você acha que é o primeiro a tentar achar as joias por aqui? Vários como você já tentaram achá-las. Essa história, no meio místico, era considerada para muitos como lenda local. Nunca conseguiram achar nada, nem eu consegui, mas você....

- Eu?

- Algo me dizia que você as acharia, desde o momento em que eu te vi pular o muro.

Pelo o que o homem lhe diz, Felipe infere que se trata de uma pessoa que trabalha no local ou que vive na vizinhança do cemitério e que além disso é envolvido no meio místico da cidade, visto que já sabia das joias, de pessoas que já tentaram encontrá-las, além disso, citou o meio místico. O homem continua:

- Os outros que tentaram encontrar as joias pareciam baratas tontas, mal sabiam andar em fazer barulho por onde passavam. Mas você.... Você não estava perdido. Você foi muito bem instruído para isso, não foi?

Felipe não responde. Permanece imóvel. O homem continua a falar:

- Eu vi você apontando a luz para os símbolos dos jazidos. Eles te levaram à urna, não foi?

Felipe não responde. O homem irritado grita e dá um tiro para cima, repetindo a pergunta:

- Não foi?

Felipe agachando-se por instinto, levanta uma das mãos e responde:

- Sim. Os símbolos me levaram à urna!

- Com certeza você os usou como um mapa. Mas um garoto tão novo, não conseguiria encontrar algo tão bem escondido. Quem lhe ajudou?

O garoto não responde. O homem já irritado diz:

- Você é um garoto muito corajoso. É uma pena que terá que morrer!

As palavras do homem soam como uma bomba nos ouvidos de Felipe. É a primeira vez que alguém o chama de corajoso e que ironicamente

o ameaça de morte. Ele, mesmo quase em estado de choque, tenta analisar a situação em que se meteu. Lembra-se da última conversa com Sávio em que ele lhe implorava para ajudar seu filho. Recorda-se também das palavras de sua mãe e seu pai sobre enfrentar o medo. Pensa em seu melhor amigo que sempre o aconselhou. Quando volta seu olhar para o homem misterioso, lembra-se da pessoa que o despertou para uma vida espiritual, Bela, a cartomante. Lembra-se de uma frase que ela lhe disse uma vez “nada é por acaso. Tudo acontece por algum motivo. Mesmo as situações mais difíceis podem ser revestidas se tivermos o entendimento de que tudo acontece para que aprendamos algo”. O homem permanece imóvel e em silêncio. Depois de lembrar-se de Bela, Felipe olha para a urna e fala para o homem:

- Não sou corajoso. Passo longe disso. Mas eu não vim até aqui para achar essas joias para vendê-las para mim. Eu vim para cá para encontrar essas joias e entregá-las às pessoas que sequestraram o meu amigo e o filho dele! Eu preciso dessas joias para salvá-los.

O homem dá uma risada maligna e diz:

- Garoto, acho que você ainda não entendeu a situação. Você não vai levar as joias e nem sairá desse cemitério vivo! Eu não posso deixar rastros.

Ao terminar de falar, o homem, apontando a arma para a direção direita, diz:

- Vá para lá!

- O quê?

O homem dá um tiro para cima.

- Eu não estou de brincadeira, garoto!

Felipe agacha-se ao ouvir o som do tiro. Fecha os olhos. “Meu Deus, me ajude!”:

- Levante-se!

- Tudo bem! - Responde ainda segurando a urna sob o braço direito e andando na direção que o homem mandou.

O homem o acompanha logo atrás apontando sua arma. Felipe quase chorando de nervosismo, lembra-se de seus pais. Em seguida de seus amigos e de Bela. Nunca imaginaria que poderia morrer ironicamente em um cemitério, o lugar onde ele nunca pensara em entrar ainda em vida. Com a respiração ofegante, fala para o homem enquanto anda segurando a urna:

- Não faça isso! Pelo amor de Deus!

- Sinto muito, mas preciso dessas joias, garoto.

Minutos depois, os dois chegam em frente a um túmulo entreaberto. O homem diz:

- Pare! É aqui que você vai ficar.

Apavorado, Felipe fala olhando para o túmulo semiaberto:

- Não faça isso comigo! Eu imploro!

Felipe pressupõe que o homem o matará e o esconderá dentro do túmulo. Só de imaginar, começa a chorar em silêncio, não apenas de medo, mas de saber que desapontou Francisco e Sávio. Agora Sávio não terá mais chances. “Meu Deus, por que isso está acontecendo comigo? ”. O homem observa o garoto e diz em tom ameaçador:

- Coloque a urna na coluna ao lado do jazido.

De cabeça baixa e chorando, Felipe coloca a urna sobre a coluna. Percebe que o homem não está disposto a poupá-lo. Silencia. O homem então fala, mexendo com a arma:

- Agora entre nesse túmulo.

Felipe apavorado fala:

- Mas...

O homem dá outro tiro para cima. Felipe recolhe-se com medo do homem atirar outra vez. Em seguida, já com as mãos tremendo de nervosismo, entra na tumba semiaberta e fica de pé. O homem com uma voz sádica diz:

- Não se preocupe, esse jazido é meu, está novinho. Eu o comprei para ter acesso fácil ao cemitério e às pessoas daqui.

- Por favor! Não me mate – fala por instinto, mesmo sabendo que não convencerá o homem de não o matar.

O homem engatilha a arma e prepara-se para atirar:

- Paz profunda, garoto!

Felipe fecha os olhos com força. Pensa nos momentos bons de sua vida. As conversas com sua mãe, as brincadeiras com seus amigos, a última conversa com seu pai. Agora tudo acabará. Os últimos instantes de sua vida estão terminando. Percebe que pode sentir tudo ao seu redor: o vento passando por seu corpo e seu rosto, o som das folhas das árvores, a própria respiração, a intensidade do escuro e a luz bem longe vinda de uma rua próxima ao cemitério. É nesse momento de contemplação e de consciência sobre si mesmo que todo o medo que o acompanhou desde a infância vai embora por meio de uma lenta e prazerosa expiração. De um segundo para o outro as suas mãos param de tremer, sua respiração bruscamente diminui de ritmo e seus olhos que estavam forçadamente fechados, agora estão fechados de uma forma leve. Seu medo acabou. Sente-se, pela primeira vez na vida liberto das correntes do passado. “Estou livre”. Solta seus braços que estavam

recolhidos e começa a abri-los lentamente. Levanta o rosto com um sorriso na boca e por fim abre os olhos. Observa atentamente os jazidos e as árvores do cemitério. Nunca um lugar lhe dera tanto deleite quando este cemitério durante essa noite. Enfim foca seus olhos no homem, mesmo sem poder enxergar seu rosto e diz:

- Não!

O homem para e diz:

- Não, o quê?

- Eu não vou morrer aqui e agora! – Fala sentindo no íntimo de seu ser uma estranha certeza de que não irá morrer nesse momento.

O homem ri em tom de deboche e, colocando o dedo no gatilho, diz:

- Vamos ver se não vai morrer!

Felipe enche os pulmões de ar e fecha os olhos sorrindo com os braços abertos. E o homem começa a apertar o gatilho da arma apontada para o peito esquerdo do garoto.

Capítulo 16

O misterioso homem está apertando o gatilho é surpreendido por alguém que por trás o acerta na cabeça com uma escultura de anjo, fazendo-o desmaiar. Felipe abre os olhos com o som da escultura se quebrando, é quando percebe que o homem está apagado no chão do cemitério com pedaços de escultura ao seu redor e ao seu lado está alguém também todo de preto, com o rosto coberto com um pedaço de tecido preto, de pé e olhando para ele. É então que Felipe reconhece quem está diante dele “a alma que vi vagar no cemitério”. Percebe que não se trata de uma alma, mas de uma pessoa de carne e osso. Curioso e ainda em pé dentro do túmulo, ele pergunta:

- Quem é você? – Pergunta enquanto vê a pessoa pegar a arma do homem misterioso e jogá-la para bem longe.

Devido à escuridão ele não enxerga muito bem a pessoa que se aproxima dele tirando o véu e dizendo:

- Não lembra mais de mim?

Ele não acredita no que os seus olhos estão vendo. A mulher que ele viu antes no cemitério não era uma alma, mas a pessoa que ele menos esperava encontrar nesse lugar e nessa hora:

- Bela!

A cartomante se aproxima de Felipe que fica em entender o que ela está fazendo cemitério. Ele sai de dentro do túmulo e a abraça com força. Enquanto estão abraçados, ele esquece todas as perguntas que gostaria de fazer para ela. Agora só quer aproveitar esses segundos sentindo o calor da pele dela. Sentindo o seu perfume, Felipe volta a se lembrar do dia em que a conheceu. Seu coração bate rápido e intenso, mas dessa vez não é devido ao medo. Quando deixam de se abraçar, Felipe sai de seu estado nostálgico e de êxtase e pergunta a Bela:

- O que você está fazendo aqui? Como você sabia que eu estava aqui?

Bela, com uma expressão de alegria por vê-lo, responde:

- Eu estou morando na rua que fica em frente ao cemitério.

- Trabalha como cartomante em frente a um cemitério?

- Por quê? Você não faz ideia como fez bem para minha situação financeira – responde rindo.

- Você me viu entrar?

- Sim. Eu estava fechando a janela quando vi você a alguns metros

descendo de um carro e seguindo para a lateral do cemitério. De início eu pensava que você estava à minha procura, até que percebi que o que trouxe você aqui foi o segredo das joias – diz com uma cara triste

- Eu te procurei por todos os cantos da cidade, Bela. Desde o dia em que você foi embora eu não consegui viver em paz. Você poderia ao menos ter se despedido de mim!

- É mais complicado do que parece ser...

- Como assim?

- O que importa é que você está bem agora! – Fala desconversando.

Felipe percebe que ela não quer falar dos motivos pelos quais ela foi embora sem despedir dele. Ele então faz outra pergunta a ela:

- Como você sabia das joias?

- É um boato conhecido no universo místico de Fortaleza. Esse cemitério se escondem muitos segredos e mistérios.

- Nem me diga. Depois de tudo o que vi e ouvi até aqui, não há como negar que este lugar é, além de sinistro, fantástico.

- Felipe, não temos muito tempo. Temos que ir.

- Para onde?

- Daqui a pouco esse homem vai acordar. Além disso, ele não está só. Eu contei pelo menos mais dois homens com ele pelo cemitério.

- Então foi por isso você não veio até mim e ficou escondida?

- Sim.

- Você estava espreitando os homens que queriam as joias. Agora faz sentido você não ter vindo até mim antes.

- Você está mais esperto do que me lembrava – ela comenta brincando.

- Obrigado.

- Eu estou falando sério. Você desvendou um dos mistérios mais complexos desse cemitério!

- Na verdade...

- Vamos logo! Estou com um mal pressentimento. Vamos nos esconder na capela do cemitério e de lá chamar a polícia.

- Tudo bem. Vamos – responde pegando o celular que estava no chão, colocando-o no bolso e pegando a urna que estava na coluna do jazido em que ele estava dentro.

Com a pressa, Felipe nem repara se Francisco está ou não na linha

telefônica. Junto de Bela começam a correr até a igreja do cemitério. Em pouco tempo os dois chegam a uma das portas dos fundos que dá acesso ao interior do templo. Ao colocar a mão na maçaneta, Felipe diz:

- Você não sabe o quanto estou feliz em ti ver de novo, Bela.

- Eu também estou feliz, Felipe.

Ele abre a porta. Ao entrarem, ele tranca a porta; e os dois vão em direção ao altar da igreja:

- Então quer dizer que é só eu sumir por algum tempo que você se mete em confusão? – Ela pergunta rindo.

- Verdade! Você não faz ideia do quanto eu aprendi durante esse tempo... do quando eu mudei – fala encarando-a.

Bela sem jeito com o modo que ele a olha, diz:

- Vamos logo ligar para polícia.

- Ninguém vai ligar para a polícia, mocinha! – Diz um homem forçando uma voz rouca, vestido de preto com o rosto coberto por um capuz, apontando uma arma para os dois.

Bela e Felipe tomam um grande susto. Logo em seguida ficam imóveis. Bela levanta as mãos; Felipe levanta só a mão esquerda, pois ainda segura a urna sob o braço direito:

- Garoto, me entregue a urna! A brincadeira acabou!

- Por favor, deixe ela ir! Ela não tem nada a ver com isso! – Pede Felipe.

- Não é o que eu ouvi há pouco. Mocinha, você quase matou meu colega com aquela escultura.

- Modéstia à parte, foi mesmo – responde Bela com um sorriso.

Felipe, surpreso com a resposta de Bela, fala baixinho para ela:

- Enlouqueceu? Eu aqui tentando te livrar dessa; e você com gracinha?

Ela olha para Felipe com um sorriso no rosto e diz:

- Desculpa, eu não resisti. Está com medo de morrer, Felipe?

- Não. Eu estou com medo de você morrer!

- Desculpa interromper o casal de namorados, mas não é hora para isso agora!

O homem faz um sinal com a mão e logo em seguida entra um homem de preto guiando dois reféns de capuz. O misterioso homem armado faz outro sinal e o outro homem aproxima-se dele com os reféns de capuz.

Felipe, reconhecendo um dos reféns, diz:

- Sávio?

O homem armado dá uma ordem aos reféns:

- De joelhos! Agora!

Volta-se para Felipe e Bela e também ordena o mesmo:

- Você também! Todos ajoelhados.

Felipe deduz que o homem que o ameaça agora é o que sequestrou Sávio:

- Foi você que sequestrou o Sávio, não foi?

O homem, surpreso por Felipe ter descoberto tal fato, responde:

- Sim. Foi eu. Há muito tempo eu procurei essas joias. Você não faz ideia do quanto eu pesquisei sobre isso e o quanto eu as procurei.

O homem vira-se para o outro homem de preto e diz:

- Tire o capuz dos dois.

O capuz é retirado e Felipe vê Sávio e seu filho provavelmente dopados pelos sequestradores. “Por isso ele não me respondeu quando eu perguntei se era ele”. O garoto de joelhos volta-se para o homem com a arma e diz:

- Se você é o homem com quem eu conversei mais cedo então temos um trato. Eu encontrei as joias!

- Na verdade, você falou comigo – responde um outro homem de preto se dirigindo com dificuldade para perto dos outros dois. – Mas as coisas mudaram quando essa garota quase me matou há pouco.

Felipe, vendo que é realmente o homem que Bela agrediu, responde:

- Por que você ia me matar!

O homem, surpreso com a resposta do garoto, fala sem jeito:

- Mentira sua, garoto! Eu estava te levando até aqui quando essa maluca quase me mata!

- Obrigado pelo elogio! – Responde Bela.

Felipe ignora o humor estranho de Bela e fala com o homem que está armado:

- Seu parceiro ia passar a perna em vocês! Ele ia fugir com as joias! O homem armado e o outro com os reféns viram-se para o homem machucado que insiste:

- Ele está mentindo! Eu nunca iria fugir com as joias sem dividi-las

com vocês! Esse garoto está mentido!

- Não está! - Diz Bela.

- Calada! – grita o homem.

- Não provoca, Bela – fala Felipe.

Voltando-se para o homem armado, o garoto fala:

- Nós temos um acordo! Liberte o Sávio e o filho dele e fique com as joias!

O homem, ainda apontando a arma para os dois, silencia por alguns instantes até que fala:

- Na verdade as coisas não são tão simples assim, garoto! – Diz tirando o capuz preto e revelando sua identidade.

Felipe, surpreso com o rosto que vê, diz espantado:

- Eu não acredito que é você!

Capítulo 16

- Por que você está fazendo isso! Eu não estou entendendo! Meu Deus, você me usou! – Diz Felipe indignado ao descobrir que quem está apontando a arma para ele é Francisco, o homem que durante toda a noite o ajudou a encontrar as joias.

- Desculpa, garoto, mas não tinha outro jeito de encontrar essas joias!

- Como assim! Como você pode sequestrar o próprio amigo?

Francisco apontando a arma para Sávio responde furioso:

- Esse aqui não é meu amigo de verdade! Se ele realmente fosse meu amigo teria me ajudando quando eu mais necessitei! Inúmeras vezes eu disse que precisava de dinheiro para pagar o tratamento da minha mulher; e ele nunca me ajudou de verdade!

Com o rosto vermelho e os olhos cheios de água, Francisco olha para Felipe e pergunta:

- Você sabe onde está minha mulher agora? Nos fundos dessa igreja! Ela morreu por que eu não tive como ajudá-la!

Felipe escuta surpreso toda a história. Nesse momento Sávio, mesmo com dificuldade, fala:

- Você sabia que dinheiro nenhum no mundo a salvaria, Francisco!

Francisco volta-se para Sávio e grita:

- Mas eu poderia ter tentado!

- Você sabe que não tinha mais o que fazer, meu amigo!

- Eu não sou seu amigo!

Sávio, despertando do efeito da droga que lhe foi injetada, olha para Felipe e diz:

- Obrigado por tudo, garoto! Que Deus te pague!

Ao ouvir o que Sávio diz a Felipe, Francisco pergunta:

- Sabe por que eu fiz tudo isso, garoto?

- Por quê?

- Sávio, mesmo sabendo que eu precisava da carta para encontrar as joias, nunca me disse que estava com ela. Quando eu vi que ele entregou o livro com a carta dentro, percebi que ele realmente não era meu amigo, pois se fosse teria dado ela para mim, e não para você!

- Então você sequestrou o Sávio e o filho dele para me fazer usar a

carta a seu favor!

- Sim.

- Mas você disse que sua mulher já morreu. Então o que você quer com essas joias?

- Não quero tirar só as joias dele, garoto. Eu vou tirar tudo o que esse ingrato tem. Inclusive a vida.

- Não faça isso. Não culpe os outros por suas perdas.

- Você não sabe de nada, garoto. Não sabe o que é perder alguém que ama!

- Minha mãe tinha uma doença incurável! Ela morreu quando eu tinha oito anos de idade! Eu sei muito bem o que perder alguém que se ama!

- Não há mais como voltar atrás, garoto!

- Dá sim! Deixe essa vingança de lado! Se há uma coisa que aprendi é que tudo acontece por algum motivo. Lembre-se das coisas que conversamos hoje, Francisco.

- Tudo balela, garoto!

- Você sabe que não é balela! Passamos a noite falando sobre os símbolos da vida e da morte, dos valores, dos sentidos e emoções, da sabedoria. Tudo isso não é balela. Pense direito. Não cometa nenhuma loucura!

- Francisco, não se deixe levar pela dor da morte! – Diz Bela.

Felipe aproveita que ela tocou nesse assunto e fala:

- Lembra-se da escultura da mulher chorando sobre o jazido?

Francisco não responde. Felipe continua a falar:

- Nós vimos que ela representa a dor da morte! Mas eu aprendi hoje que a morte não é o que parece. A morte não é o fim, Francisco. Não é fim e muito menos um meio para vingança!

- Chega, garoto! Eu não cheguei até aqui para ganhar um sermão de um garoto que tem medo de tudo!

- Eu tinha, Francisco. Eu realmente tinha medo. Medo não só de cemitério, mas principalmente medo do abandono. O que mais me traumatizou na infância foi a sensação de abandono que senti. Por isso fiquei com medo de perder meu pai. Por isso, Bela - fala virando-se para ela - que eu te procurei por toda a cidade, por que eu não quero te perder também.

Bela se emociona com o que ouve. Felipe levanta-se e olha para Francisco:

- Eu não tenho mais medo.

- Depois eu que sou doida – fala Bela baixinho. – Volta aqui, garoto.

Felipe, pegando a urna, fala para ela:

- Eu te amo.

- O que você vai fazer?

Olhando para Francisco, Felipe começa a andar em sua direção.

- Não faça nenhuma loucura, garoto! – Grita Francisco.

Felipe descendo do altar começa a falar:

- Semanas atrás quando fui ao seu sebo, eu só queria encontrar um livro que falasse sobre o universo místico de Fortaleza. Tudo o que eu queria era um livro.

Sábio, mesmo ainda tonto, escuta-o com atenção. O garoto continua a falar enquanto anda em direção a Francisco:

- Eu queria conhecer o lado de Fortaleza que poucos conhecem. Queria aprender sobre seus segredos, sobre seus mistérios, sobre suas artes ocultas.

Francisco o adverte:

- Não tente nenhuma gracinha!

Felipe ignora e fala apontando para Bela:

- E foi essa mulher que me mostrou que a vida é muito mais do que podemos ver. Foi ela que fez reviver a minha espiritualidade. Até agora eu não encontrei o livro que eu procurava. Mas, sabe de uma coisa?

Francisco não responde:

- Não preciso mais de livro algum. Sabe por quê?

Todos ficam atento para ouvir o que Felipe está para dizer:

- Eu aprendi tudo o que é necessário para caminhar com meus próprios passos. E sabe quem me ensinou tudo o que eu procurei?

Francisco continua sem silêncio.

- Foi você, Francisco. Você me ensinou tanta coisa valiosa enquanto eu estava vagando por esse cemitério que eu agora só tenho a agradecer.

- O que você está fazendo, Francisco? Mate logo esse garoto! – Manda o homem de preto que Bela agrediu.

Francisco, ouvindo o que o homem acabara de falar e percebendo que Felipe está a poucos metros dele, diz em tom ameaçador:

- Pode parar, garoto!

- Francisco... – diz Felipe

- O que você acha que vai conseguir com esse discurso?

Sávio espera o que Felipe irá responder, assim como Bela e os homens de preto:

- Deixe Bela, Sávio e o filho dele irem embora. Eu fico. Pode me matar, mas cumpra sua palavra!

- Eu te disse o que Sávio me fez!

- Você me deu sua palavra!

Francisco olha nos fundos dos olhos de Felipe e pergunta:

- O que você quer se sacrificar por esses três?

- Você me ensinou o valor do amor e do sacrifício. Não se lembra da lenda do pelicano e seus filhotes que você me contou?

- Nada além de lenda.

- A forma sim, mas o conteúdo não. É por isso que eu fui me sacrificar por eles. Eu dei minha palavra a Sávio e eu amo aquela mulher. Não posso ficar aqui esperando que você dê fim a eles! Tome a urna! Deixe-os ir!

Felipe fica a cerca de dois metros da arma. Os outros dois homens que estão com Francisco falam furiosos:

- Mate logo esse garoto, Francisco, e pegue a urna!

- Rápido, Francisco! Acabe logo com ele!

Francisco com o dedo no gatilho com os olhos lacrimejando fala com Sávio enquanto encara Felipe:

- Você tinha razão, Sávio. Ele é um bom aprendiz! Está bem, garoto.

Bela que até então estava em silêncio fala:

- Felipe!

Ele olha para trás e diz:

- O quê?

- Você é um homem maravilhoso! Obrigado!

Felipe sorri para ela. Foi a primeira vez que ela o chama de homem, e não de garoto. Ele percebe que esse é o momento de despedida dos dois. Emociona-se e diz:

- Eu queria tanto te conhecer, Bela!

- Eu também! – responde emocionada.

Felipe volta-se para Francisco e diz:

- Estou pronto, Francisco.

Francisco começa a apertar o gatilho. Felipe fecha os olhos e sorri. Nesse momento, vem a sua mente uma conversa que teve com seu melhor amigo meses atrás sobre como entrar nas sociedades secretas de Fortaleza:

- Como se faz para entrar em uma sociedade secreta, cara?

- Felipe, basta o candidato passar pelo que chamamos de iniciação.

- E o que é isso?

- É um processo em que o candidato se depara consigo mesmo.

- Como assim?

- É um rito elaborado para que o candidato conheça a si mesmo, enfrentando seus medos e vícios. É um tipo de prova, de teste. É um momento para a pessoa se preparar para o que poderá ter acesso. Muitas iniciações são feitas em templos, mas outras, as mais raras, são feitas em lugares abertos. O objetivo de toda iniciação é fazer o indivíduo voltar-se para dentro de si e fornecer as ferramentas necessárias para se caminhar pelo universo oculto dos outros.

- Fantástico. Parece coisa de filme.

- Verdade.

- E como são essas iniciações?

- Para saber disso, você teria que passar por uma.

Felipe, ainda de olhos fechados lembra de tudo o que aprendeu até então. Está feliz por ter reencontrado Bela e por ter perdido o medo de cemitérios. “Agora nada mais tira a minha paz interior”. Respira fundo esperando o fim. Francisco, começando a apertar o gatinho, vendo o garoto com olhos fechados e com um sorriso no rosto, pergunta:

- Quer dizer suas últimas palavras, Felipe?

Respirando calmamente Felipe, ainda de olhos fechados, responde:

- Essa é minha iniciação!

Francisco atira. O som do disparo provoca eco em toda a igreja. Ninguém fala após o tiro, só o silêncio impera no local. Felipe ainda de olhos fechados não sente mais nada, nem dor, nem medo, nem ansiedade. O tempo parece ter parado. Todas as suas preocupações acabaram. “Chegou minha hora”. Ele fica em paz consigo mesmo. Respira mais uma vez, quem sabe pela última vez, e é nesse momento que Francisco fala:

- Tem razão, garoto!

Ao ouvir tais palavras calmamente, Felipe abre seus olhos e vê à sua frente Sávio e seu filho, Bela e Francisco, todos de pé olhando para ele com

um sorriso no rosto. Nesse instante, as duas pessoas de capuz se aproximam dele e mostram o rosto. Felipe fica sem reação por alguns segundos. Seus olhos parecem que estão o enganando. Não entende o que está acontecendo nesse momento. Instantes depois do choque, fala espantado:

- Você!

Fica surpreso ao ver que uma das pessoas de capuz é seu melhor amigo que logo se aproxima e pergunta:

- Surpreso?

- O que está acontecendo...

- Parabéns, meu amigo! Você passou em todos os testes!

- O quê?

- Essa foi a sua iniciação.

Segundos de silêncio depois, Felipe fala:

- Eu não acredito! Isso tudo foi...

- Sim. Acredite. Tudo isso foi montado para você.

O seu melhor amigo aproveita e apresenta a outra pessoa que estava de capuz:

- Essa aqui é a Clara, minha namorada.

- Muito prazer – diz Felipe ainda sem acreditar que tudo o que aconteceu com ele no cemitério foi um grande teste.

O seu melhor amigo se aproxima mais e lhe dá um abraço, dizendo:

- Você está dentro, Felipe. Agora você está preparado para achar tudo o que procura.

Quando o seu amigo se afasta, Sávio se aproxima e o abraça dizendo:

- Desculpe pelo susto, meu filho. Não houve sequestro algum. Mas obrigado por tudo o que você fez por mim, ou melhor, faria por mim.

Quando Sávio se afasta; Francisco se aproxima e diz:

- Você está de parabéns! Estou muito orgulhoso de você! Damos uma boa dupla, não é?

- Obrigado, Francisco. Com certeza – responde já mais calmo.

Quando Felipe termina de falar com Francisco, o filho de Sávio se aproxima e o abraça dizendo:

- Eu não sou viciado em apostas nem ameacei o meu querido velhinho. Conte com a gente para o que precisar. Parabéns!

- Obrigado.

Assim que o filho de Sávio se afasta, Bela se aproxima olhando fixamente nos olhos de Felipe e o abraça com força dizendo:

- Agora entende por que não pude me envolver contigo? Por que eu retraí tudo o que sentia por você? – emociona-se.

- Eu entendo.

- Mas...

- Mas?

- Mas agora posso – fala sorrindo e logo depois dá um beijo discreto em Felipe.

- Fico muito feliz em saber disso – responde Felipe um pouco envergonhado.

Não aguentando mais tanta emoção, os olhos de Felipe lacrimejam. Seu melhor amigo aproxima-se mais uma vez e diz:

- Você passou por muitas provas desde o dia em que você me disse que queria mergulhar no universo esotérico de Fortaleza. Eu te disse que era preciso passar por uma iniciação se você quisesse realmente lidar com os mistérios da cidade. A câmera fotográfica, a lista dos sebos, a indicação do sebo do Francisco, o livro de arte tumular, a carta, tudo isso foi premeditado.

Francisco aproveita o que Sávio disse e complementa:

- Eu te disse que esse cemitério era um museu a céu aberto, mas a verdade é que ele é muito mais do que isso: ele é um templo de iniciação aos mistérios de Fortaleza. Esse é o segredo do Cemitério São João Batista.

Sávio aproxima-se e fala:

- Quando seu amigo veio até mim, ele me pediu para que nós o ajudássemos a fazer você enfrentar os seus medos e ao mesmo tempo te iniciasse nos mistérios de Fortaleza. Eu não sou filho de joalheiro, eu trabalho aqui no cemitério com o meu filho. Você não deve mais se lembrar de mim, garoto, mas o que mais me motivou a te ajudar foi o fato de ter te encontrado abandonado aqui no cemitério quando você era apenas uma criança.

Felipe chora ao ouvir tal revelação, abraça Sávio e diz:

- Obrigado, Sávio! Obrigado por tudo!

Sávio também emocionado abraça o garoto como se fosse o seu neto. Seu melhor amigo, para descontraír o momento, diz:

- Felipe, se eu fosse você abraçaria o Francisco também, pois ele é o pai da Bela.

- O quê? Isso é verdade? – Pergunta virando-se para ela.

- É sim – ela confirma.

- Agora entendi o porquê da arma apontada para mim – diz brincando.

Todos riem. Felipe aproveita o momento e fala para todos:

- Vocês quase me matam do coração!

Todos riem. Ele continua:

- Mas falando sério: eu não sei como agradecer a todos vocês por tudo o que vocês fizeram por mim até agora. Se não fosse vocês eu ainda estaria trancafiado em casa, sozinho e fugindo de enfrentar meus medos e meus traumas.

- Foi um prazer fazer parte da sua iniciação, Felipe. O menino que há dez anos encontrei chorando à noite sobre um jazido desse cemitério, agora é um homem.

- Obrigado, Sávio. Obrigado a todos.

Enquanto limpa o rosto de uma lágrima, Felipe fica curioso e faz uma pergunta:

- Ei! Se a família do Sávio não tinha uma joalheria, o que é que tem dentro daquela urna então?

- Pode abri-la. O que tem lá é para você. Foi ideia minha.

- O que é? – Pergunta indo buscar a urna.

Quando volta para perto dos amigos com a urna dourada, Felipe sem dificuldade descobre o meio de abri-la sem quebrá-la e pega algo que estava dentro dela enrolado em um plástico preto. Ele tira o plástico e surpreso diz:

- Um livro?

- Leia o título.

- Fortaleza Oculta.

Quando olha para a autoria do livro, ele se surpreende com o seu próprio nome:

- Mas... eu não escrevi nenhum um livro sobre isso. Aliás nunca escrevi nada.

- Ainda não escreveu, entretanto essa agora é sua missão – responde seu melhor amigo.

- Quando você foi ao sebo à procura de um livro sobre o lado místico da cidade de Fortaleza, eu fiquei triste por não ter encontrado nenhum. Porém essa iniciação lhe deu o conhecimento e a vivência necessários para que você seja o primeiro a escrever sobre o assunto. Sua iniciação foi uma grande preparação, mas apenas o começo de tudo. Você passou em todos os testes que lhes impusemos. Você venceu seus medos e escutou cada lição que

ouviu nesse cemitério. Agora é você que vai ter que buscar as respostas que procura. Agora você tem o conhecimento para isso. O que você fará agora?

Felipe emocionado com as palavras de Sávio, diz a todos:

- Eu vou passar para frente tudo o que aprendi. Vou escrever o quanto a cidade de Fortaleza é fantástica. Vou confessar o quanto me surpreendi com a sua imponência, beleza e mistérios. Mesmo assim, acredito que ainda há muito a ser descoberto pela cidade. Eu tenho certeza de que depois de ler este livro que escreverei o leitor nunca mais andará pelas ruas da cidade com os mesmos olhos, muito menos os símbolos do Cemitério São João Batista passarão despercebidos, pois ele saberá, assim como eu sei agora, que atrás de cada parede, cada símbolo e monumento de Fortaleza se escondem os mais profundos e enigmáticos segredos aguardando ansiosos o dia em que serão descobertos. Com este livro, meus amigos, a Fortaleza oculta aos olhos de muitos será finalmente desvendada. Que venham os segredos, que venham os mistérios.



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação